

Defesa Nacional



O DE MARÇO

9 4 3

NÚMERO

3 4

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN. CEL. LIMA FIGUEIRÊDO

TEN. CEL. DJALMA DIAS RIBEIRO

MAJOR BATISTA GONÇALVES

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Março de 1943

N.º 34

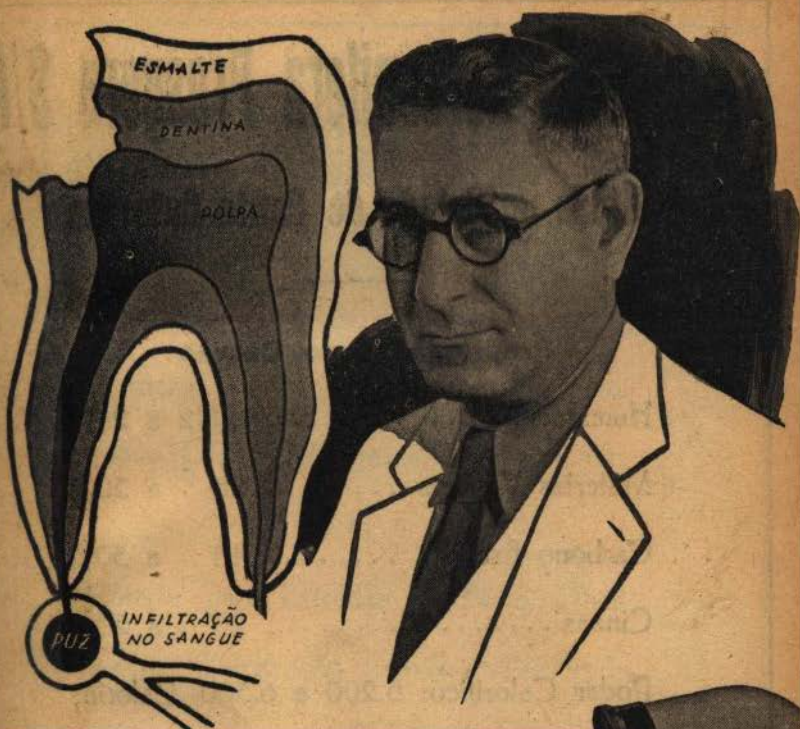
SUMARIO

Editorial	Pá. 2
A turma de aspirantes a oficial de 1908 — Cel. Felício Lima	2
Problemas do mapa nazista (tradução) — 1.º Tenente Nilton Freixinho	2
Defesa anti-tank duma Divisão Soviética (tradução) — Cap. Frazão Teixeira	2
O treinamento de marcha e o 9.º B. C. — Ten. Cel Al- cindo N. Pereira	2
Como podem as pequenas Unidades de Infantaria defender-se contra os engenhos blindados — 1.º Ten. C. Meira Mattos	2
Notas do meu caderno — O Dever — Cap. Valmir de Araripe Ramos	3
Como deve ser organizado um arquivo — Paulo E. Menna Barreto	3
Um Tabu — O 2.º período — Major Ivano Gomes	3
Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria (tradução) — Cap. Fernando Soter da Silveira	3
Travessias feitas na Batalha da França — Cap. New- ton Faria Ferreira	3
Livros do Exército — Cap. Umberto Peregrino	3

NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.

DAQUI E DALI:

A palavra "colônia" aplicada às cidades do Brasil ..	38
A guerra contra o submarino	38
A segunda frente, do ponto de vista alemão	38
Legislação	29
Índice alfabético pelos assuntos da matéria publicada em "A Defesa Nacional" em 1942	40



SEU DENTISTA LHE DIRÁ:

Um dente mal tratado é porta aberta para infecções e molestias gravíssimas, no coração, do fígado, dos pulmões e de todos os órgãos internos. Não despreze a higiene de seus dentes!" Ouça a palavra experiente de seu dentista. Visite-o duas vezes por ano e escove os dentes com ODOL três vezes ao dia. ODOL assegura uma asepsia completa do meio bucal, neutralizando as fermentações produzidas pelos resíduos de alimentos nos interstícios dentários. De bom gosto agradável, sendo usado com prazer até mesmo pelas crianças.

Para a protecção completa da bocca:

Dentista duas vezes por anno.

ODOL tres vezes ao dia.



Sociedade Carbonífera Prospera S/A

Minas no Estado de Santa Catarina

Propriedades do Carvão:

Humidade.....	1, 1/2	a 2%
Materias Volateis.....	28	a 30%
Carbono fixo.....	48	a 50%
Cinzas.....	20	a 20%
Poder Calorifico:	6.200 a 6.500	Calorias

Escritório Central:

Avenida Rio Branco 26-A

6.º Andar

RIO DE JANEIRO

Endereço Telegráfico

"PROSPERA"

Telefones 23-5060 e 43-2937

Fonseca, Almeida & C. Ltda.

Importadores e Exportadores

Ferro, Aço, Metais, Ferragens, Tintas,
Vernizes, Oleos lubrificantes, Cimento,
Tubos, Gaxetas, Correias, Maçames, etc.

Material para Estradas de Ferro, Oficinas e Construção Naval.

Telefone : Rede Particular 23-1760

Caixa do Correio 422

End. Telegr. CALDERON

Armazem e Escritório

Rua Primeiro de Março, 112

Depósito: Rua Sto. Cristo 54 - 56

RIO



TAPEÇARIAS, MODAS, MOVEIS
Confecções, Roupas Brancas, Camisaria
POR PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS
Galeria Carioca de Modas S. A. -- Ouvidor-Gonç. Dias

VISITE NOSSO SALÃO DE DEMONSTRações E DEIXE AOS CUIDADOS DA NOSSA SECÇÃO TÉCNICA A
SEGURANÇA E BELEZA
DAS FERRAGENS DO SEU PREDIO.

Ferragens La Fonte Ltda.

SECÇÃO DE VENDAS

51 - RUA MIGUEL COUTO - 53

(ANTIGA RUA DOS OURIVES)

As Ferragens da Escola Técnica do Exército,
são de nossa fabricação.

Tel. 23-1514

Rio de Janeiro

Pigmentos, Cores e Corantes para Tintas, Vernizes e Esmaltes
DA

Interchemical Corporation

Importação direta e entregas imediatas do estoque pelos distribuidores:

B. HERZOG & CIA.

RIO DE JANEIRO - Rua Miguel Couto, 129-131 - Telefone, 43-1386 !

SÃO PAULO - Florencio de Abreu, 318 - Telefone, 3-6845

Solicitamos Consultas

EDITORIAL

O nosso Exército foi, por assim dizer, um precursor da moto-mecanização. Foi, pelo menos, um dos que primeiro se interessaram pelos carros de combate. Com efeito, logo após a primeira guerra mundial, organizamos uma unidade de carros com o material francês Renault, de seis toneladas, que era para o seu tempo, isto é, para aquele estágio inicial da moto-mecanização, material avançado, material de primeira ordem.

E a unidade que com ele constituímos, a antiga Companhia de Carros de Combate, foi verdadeiramente modelar, apesar de que não possuíamos oficiais convenientemente preparados para a nova especialidade, nem dispúnhamos de suficientes recursos técnicos. Deve-se, por isso mesmo, atribuir maior valor a essa primeira experiência.

Ela, todavia, se estiolou no abandono. Faltou-lhe continuidade, faltou-lhe renovação, e o terreno era essencialmente instável, a moto-mecanização era um problema em plena elaboração. Em verdade, dadas as nossas condições particulares, ser-nos-ia difícil acompanhar de perto a sua caprichosa evolução. Além de tudo, os carros de combate não se haviam imposto definitivamente em face das experiências francesas e inglesas da Grande Guerra. Seu poderio e eficiência técnica eram muito discutidos, sobretudo tendo em vista o moderno armamento anti-carros combinado com obstáculos cuidadosamente estudados.

Compreende-se que a conjunção de todas essas circunstâncias não era de molde a estimular a conti-

nuidade do nosso esforço. E a antiga Companhia de Carros de Combate confinou-se em si mesma. Foi perdendo pouco a pouco, com o desgaste e a caducidade do seu material, toda a importância. Acabou reduzida a uma secção de "ferro velho", agregada ao Batalhão Escola, sob o comando de um 2.º tenente convocado, remanescente da antiga poderosa e brilhante Companhia de Carros de Combate.

* * *

Esse período marca um prolongado hiato na marcha da moto-mecanização no Brasil. Estender-se-ia por mais de 16 anos, pois somente em 18 de julho de 1938, graças à vigorosa ação renovadora do Exército, empreendida pelo Ministro General Eurico Gaspar Dutra, foi retomado entre nós o problema da moto-mecanização, com a organização da "Sub-Unidade Escola Moto-Mecanizada".

Era um Esquadrão de Autos-metralhadoras, com material Fiat-Ansaldo, de três toneladas. Entregue ao comando do Major Carlos Flores de Paiva Chaves, que se especializara em moto-mecanização na Escola de Saumur, na França, tornou-se desde logo um núcleo ativo, um verdadeiro centro de irradiação do espírito e dos conhecimentos moto-mecanizados. O Centro de Instrução (C.I.M.M., hoje E.M.M.) fundado seis meses depois, não seria mais do que um desdobramento desse Esquadrão. Os velhos Renaults, da antiga Companhia de Carros de Combate, foram convocados à nova atividade e eram, de fato, os únicos carros propriamente ditos, de que dispúnhamos.

Esse reinício pobre e laborioso deve, todavia, ser visto sob dois aspectos: o sentido e o alcance. O sentido é o da clarividência dos nossos chefes, que soube-

ram aquilatar o valor da moto-mecanização, e, não obstante as imensas dificuldades brasileiras, enfrentaram resolutamente o problema. Quanto ao alcance foi, positivamente, extraordinário. Basta refletir que estávamos em janeiro de 1939. A guerra estalaria em setembro, para agravar-se, a partir de maio do ano seguinte, sempre mais e mais, até colher-nos, como colheu, no correr de 1942. Os perigos se azivinharam, as nossas tarefas militares assumiram, subitamente, enormes proporções. Não houve, porém, dificuldades esmagadoras. Tudo isso veio apanhar-nos num adiantado estágio de preparação, de sorte que pudemos, com vantagem, entrar na posse do moderno material moto-mecanizado.

* * *

Hoje a moto-mecanização é uma realidade do nosso Exército. Temo-la num grau de desenvolvimento e de eficiência que deve orgulhar-nos. Sobre-tudo temos já um forte e sadio espírito moto-mecanizado, que se traduz no amor ao material, no seu conhecimento e numa firme consciência do próprio valor.

A diferença entre o velho Renault de seis toneladas, puxado por 18 cavalos a uma velocidade de nove quilômetros por hora, e o carro médio que agora manejamos, de 28 toneladas e dois motores somando 450 cavalos, fazendo 40 quilômetros à hora, dá bem a imagem da etapa percorrida.

Certamente ainda resta muito a fazer. E' que os grandes problemas correlatos com a moto-mecanização — indústria, estradas e combustível — não se submetem a soluções improvisadas. Têm uma marcha que pode ser acelerada, mas não admite saltos. Com efeito, não se instalam de súbito indústrias pesadas, não se rasga do dia para a noite uma rede de auto-estradas,

não se localizam lençóis petrolíferos no prazo que se quer.

Destarte, a moto-mecanização, do ponto de vista brasileiro, agravado ainda pela emergência da guerra, devia ser atacada intensivamente, como foi, quanto ao pessoal. Preparar soldados e oficiais para as unidades blindadas e motorizadas, eis a questão essencial. E foi porque começamos com essa lúcida orientação, que temos podido avançar e tomar pé no grande problema em condições vantajosas.

* * *

Outra questão que se nos apresenta, nesta altura, revestida de importância capital, é a da organização. Bem sabemos que neste fator, subordinado às nossas disponibilidades, necessidades e exigências da guerra moderna, repousará muito do nosso êxito.

Da inteligência e cuidado com que forem combinados esses três elementos — disponibilidades, necessidades e exigências da guerra — resultará um instrumento de maior ou menor eficiência nas mãos dos nossos combatentes moto-mecanizados.

Neste terreno a questão máxima que se apresenta, tanto pela amplitude como pelo teor, é a da criação da nova arma. Apoiada em bons fundamentos de ordem psicológica, técnica e tática, deve merecer o mais metódico e sereno exame. E todas as demais questões a ela se sujeitam, naturalmente.

Não sendo aqui, porém, por motivos óbvios, o lugar de discutir, em detalhe, essas questões de organização, desejamos apenas focalizar a sua alta importância. Nunca será demais insistir nisso. E o momento é da maior oportunidade, pois corresponde à fase aguda de prestígio e desenvolvimento da moto-mecanização brasileira.

A turma de aspirantes a Oficial de 1908 - Tocante solenidade - Reminiscências da anistia de 1905

Cel. FELÍCIO LIMA

Teve lugar a 14 de Fevereiro, na Igreja da Santa Cruz dos Militares, a missa solene comemorativa da passagem do 35.º aniversário da declaração de Aspirante a Oficial da turma que concluiu o curso da Escola de Guerra de Porto Alegre, segundo o regulamento de 1905, o qual alterou de maneira sensível o ensino militar vigente, em substituição ao memorável regulamento de 1898.

Foi tocante o momento em que os componentes da referida turma se encontraram; sucederam-se os abraços de fraternização, em meio à mais cordial alegria, tendo todos, sem distinção de postos, desde o Ministro Gaspar Dutra ao menos graduado, os que compareceram a tão significativo ato religioso, mantido um ambiente de conforto sem par, rememorando as passagens pitorescas de sua mocidade naquele saudoso tempo.

Esta turma foi a última que ingressou na tradicional Escola Militar do Brasil, sediada na legendária Praia Vermelha.

Com o fracasso da revolta de 1904, que teve como pretexto a célebre lei da vacina obrigatória, esta famosa escola foi extinta, tendo sido os alunos praças de "pret" expulsos do Exército e os oficiais presos sujeitos a Conselho de Guerra.

A turma em apreço, como já afirmámos em "Crônica de Saudade", publicada no n.º 63 da Revista do Clube Militar referente a Janeiro e Fevereiro de 1942, foi muita distinguida, não só pela administração, como principalmente pelo intelectual corpo docente

da escola, recebendo referências elogiosas dos sábios e queridos mestres Roberto Trompowski, José Eulálio e Liberato Bittencourt.

De seu número ainda estão no serviço ativo do Exército 14; transferidos para a reserva 56, havendo a lamentar o desaparecimento de 50 companheiros de sentida e afetuosa lembrança.

Atingiram ao generalato: General de Divisão, Gaspar Dutra — atual Ministro da Guerra; Pantaleão Pessoa — então chefe do Estado Maior do Exército e Francisco Pinto — falecido prematuramente nas funções de Chefe da Casa Militar da Presidência da República; General de Brigada, Mendonça Lima — atual Ministro da Viação e Obras Públicas; Newton de Freitas, Ary Pires, Salvador Obino, Valentim Benício, Lobato Filho, Mário Guedes, Silvestre de Melo, Silva Rocha, Bentes Monteiro, Pedro Pinho, Silveira de Melo, Otaviano Silva e Isauro Reguera; este último, distinto companheiro antecipou a turma, pois, com a anistia, requereu exame vago e, sendo aprovado, saiu alferes-aluno, ainda pelo antigo regulamento; Coronel da ativa, Ewbank da Câmara, Maciel Monteiro, Germack Possolo, Sérvulo Buarque, Maximiliano Silva; Coronel da reserva, Alcebiades de Almeida, Dracon Barreto, Lauriodo de Santana, Alzir Lima, Américo de Menezes, Américo dos Santos, Bernardino Chaves, Arnaldo Soares, Souza Reis, Cedar Marques, Clarindo Mey, Dalmo Rezende, Eugênio de Almeida, Faustino Gomes, Felisberto Leal, Francisco Bittencourt, Alves dos Reis, Faria Junior, Henrique Pereira, Hugo Matos, João Propício, Felício Lima, Ferraz de Andrade, Pinto Barreto, Pio Borges, Jorge Sounis, Teixeira Campos, Leopoldo Nery, Costa Neto, Luiz Delmont, Mário Abreu, Paulo do Nascimento, Pedro Cordolino, Mariani Serna, Raul Porto, Ricardo Moreira, Temístocles Cordeiro, Vicente Teixeira e Alberto Leyraud; Tenente-Coronel, Agnelo de Souza, Alberto Medeiros, Elias Cardoso, Eloy Medeiros, Fernando Lopes, Leal de Menezes, Rafael Yost e Agnelo Reis; Major, Guimarães Jobin e Waldomiro Ferreira; Capitão, Tobias Rocha e 1.º Tenente, Alcebiades Pinto.

Faleceram: Coroneis Custódio dos Reis, Tibúrcio Cavalcanti, Pedro Correia, Raymundo Burlamaqui, Tancredo Cunha e Vicente Formiga; Tenente-Coroneis Silva Barbosa, Otaviano Leão e Raymundo Nonato; Majores Armando Jacques, Aureliano Coutinho, Luiz Martins, Thomaz Reis e Péricles Ferraz; Capitães, Antenor Bué — o primeiro aluno da turma, Alípio Ferreira, Armando Ma-

riante, Eurico Laranja, Barbosa Monteiro, Alves Monteiro, Scharf-fenberg Quadros, Vicente Ferreira, Waldemar Souto e Raul Faria; Primeiros Tenentes Martins Barroso, Belfort de Matos, Cornélio Caldas, Marques Fernandes, Silva LLisboa, José Armando, Castelo Branco, Rabelo Portes, Laert Moreira, Filemon Moreira, Mendes de Paiva, Reginaldo Tieté, Sebastião Caldeira, Tristão Araripe e Vasco dos Santos; Segundos Tenentes Augusto de Barros, Carlos Pinheiro, Edgar Coelho, Lúcio Palma, Luiz Osório e Otaviano Delmont; aspirante a oficial Bebiano Batista.

Quando em 1905, Ruy Barbosa, em memorável discurso, apresentou no Senado Federal o projeto de anistia, foi graças à influência do notável líder da situação política do Brasil, o General Pinheiro Machado, que a aprovação do mesmo se verificou por maioria esmagadora, após o que foi imediatamente sancionado pelo então Presidente Rodrigues Alves.

Afirmamos, de passagem, que aquele levante — contrário aos interesses das oligarquias oriundas da nefasta política dos governadores criada em má hora pelo Presidente Campos Sales, cujo partidismo muito arruinou os Estados da Federação, em virtude do monopólio do revesamento nos altos cargos eletivos e administrativos pelos políticos profissionais que, na ânsia de se firmarem no poder, em prejuízo dos competentes, concorreram para retardar o desenvolvimento moral e o progresso econômico-financeiro do Brasil — esboçou os princípios reivindicadores que só em 1930, com a vitória do movimento revolucionário da Aliança Liberal, em que foi parte decisiva o Exército Nacional, foram postos em execução e mais tarde ampliados, em 1937, pela criação do atual Estado Novo.

Se recorrermos com imparcialidade ao majestoso arquivo histórico daquela insigne campanha política, chegaremos à conclusão lógica de que o movimento revolucionário de 1904 foi um grito de alerta, à mocidade brasileira vindoura, pela palavra escrita e oral daqueles próceres da boa causa, em que figuravam, no primeiro plano, Lauro Sodré, Barbosa Lima, Brício Filho, Alfredo Varela, Inglês de Souza e os destemidos Generais Silvestre Travassos, Olímpio da Silveira, Abreu Lima e Gomes de Castro, que se batiam ardorosamente pelo lema de grande alcance doutrinário: "a sã política é filha da moral e da razão".

Aquela pléiade de abnegados patriotas bem sabia que os partidos políticos são como um amálgama de toda a casta de gente e de interesses incônditos, ainda quando o clarim da liberdade, em meio às sublimes lutas cívicas, vibra na amplidão pelo mais belo ideal.

Esta anistia foi ampla, tendo por finalidade passar uma esponja no passado; daí caber aos anistiados todas as vantagens que a lei lhes conferia, anulando portanto o tempo que os mesmos permaneceram fora das fileiras do Exército.

O governo de então, parecendo querer dar outra interpretação, deu lugar a que o eminente orador Ruy Barbosa voltasse à tribuna do Senado e o interpelasse pela falsa doutrina que se queria professar, declarando que aos anistiados cabiam todas as vantagens, em face do direito público, inclusive a importância em dinheiro do fardamento não recebido.

O senador Benedito Leite, relator da Guerra, respondeu que o governo estava no propósito de cumprir a lei de anistia integralmente, tanto que no vigente orçamento da Guerra figuraria a necessária verba.

Sabedores de tal deliberação, os anistiados elegeram uma comissão para se entender com aqueles senadores, incumbida de: a Ruy Barbosa, agradecer o seu belo gesto, advogando os direitos dos anistiados e a Benedito Leite, expressar a sua desistência de tal concessão em favor do país.

Este muito louvou o ato de patriotismo dos anistiados, esclarecendo no entanto que não poderia ser mutilada a lei da anistia e que o Congresso cumprindo-a em todas as suas cláusulas, consignaria no respectivo orçamento as verbas necessárias.

A comissão recorreu, enfim, ao então General Hermes, declarando que autorizada pelos seus colegas declinava de tais vantagens em favor do que mais o nosso Exército necessitasse.

Este representante ilustre da conceituada família dos FONSECAS muito ficou entusiasmado pela atitude dos cadetes anistiados, constando mais tarde que a importância em questão fôra empregada nas primeiras manobras militares realizadas no Curato de Santa Cruz, sob a direção daquele saudoso militar.

Problemas do mapa nazista

Pelo Ten. Cel. PAUL W. THOMPSON

Traduzido e adaptado pelo 1.º Ten. NILTON FREIXINHO

INFANTRY JOURNAL — Novembro, 1942

Experiências das forças Alemães na frente Russa são correntemente relatadas na imprensa militar Alemã, com detalhes para problemas, cuja intuição é desenvolver as lições destas ações. A minha intenção ao traduzir este artigo do INFANTRY JOURNAL foi idêntica ao de seu autor: mostrar aos tenentes e capitães de infantaria o que os nazistas estão aprendendo na atual guerra e também ter conhecimento da tática dos nazistas.

O presente artigo mostra a história de um capitão nazista que encontrou um inimigo mais forte do que ele esperava.

Você achará este problema estranhamente similar com uma página inspirada na "Infantaria na Batalha" de 1918.

Isto não será coincidência e nem anomalia. A Blitzkrieg e Kesselschlacht e Mot Pulk, e todas as outras manifestações da guerra moderna, são feitas de inumeráveis pequenas ações nas quais sargentos, tenentes e capitães lutam com problemas de fogo e movimento, situações mal conhecidas e — por bem ou por mal — tomam decisões e dão ordens.

* * *

A presente história é descrita pelo seu narrador alemão como ótimo exemplo de princípio de Schwerpunkt. Friza o alto preço da necessidade para apreciar aquele princípio — acentua, como o poder de uma pequena unidade, tal como uma companhia, pode depressa desaparecer si o seu comandante não tiver a capacidade para fazer uma boa idéia da situação e a coragem para tomar uma boa decisão.

SITUAÇÃO GERAL — INFORMAÇÕES SOBRE O INIMIGO

O Comandante desta companhia, a respeito da *situação geral*, sabe que, uma grande Kesselschlacht está a caminho e que o inimigo está sendo cercado cada vez mais apertado dentro de um espaço cada vez menor.

SITUAÇÃO PARTICULAR — INFORMAÇÕES SOBRE O INIMIGO

A situação na frente de sua companhia — que é a Cia. C — é obscura em extremo. O texto das informações de seus elementos de reconhecimento diz que a Infantaria Vermelha foi avistada retirando-se, dentro do Bosque A e Bosque B.

O Batalhão enviou para a Cia. um boletim da observação aérea amiga, dizendo que, *colunas soviéticas incluindo artilharia estão se movendo dentro do bosque B.*

MISSÃO — TERRENO

A companhia C tem uma missão de ataque: *ocupar o edifício do moinho C.*

A companhia atacará ao longo do lado direito da estrada e coordenará suas ações, com a companhia B, que se encontra no lado esquerdo da estrada. À direita da Cia. C não ha nada além de bosques desconhecidos, contendo vermelhos com forças também desconhecidas.

O tempo está claro. Está alguns graos acima de zero e ha poucas polegadas de neve no campo.

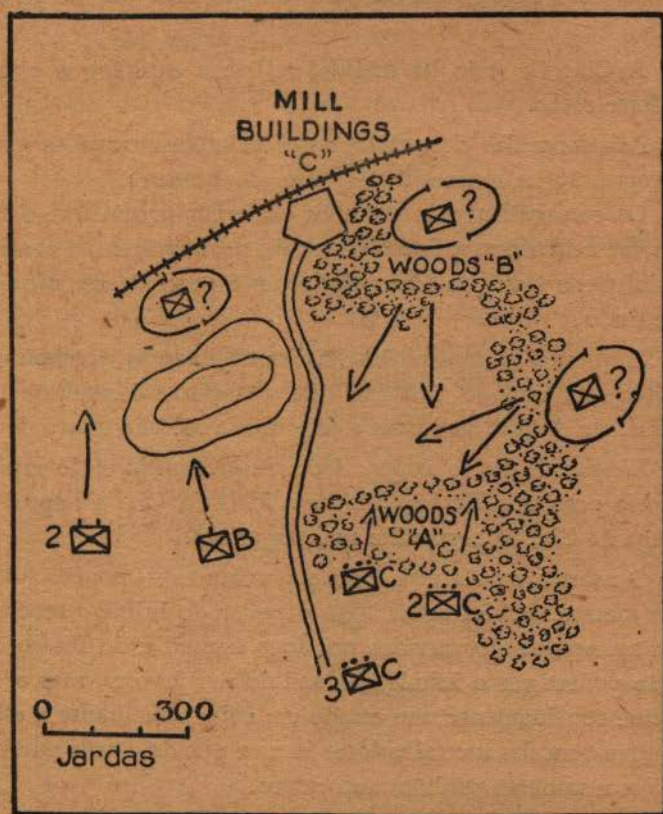
E' madrugada de 14 de Outubro de 1941.

MEIOS — DISPOSITIVO DA CIA.

A Companhia C está entrando no Bosque A, pelo Sul, com dois pelotões, o terceiro ficou para retaguarda ao longo da estrada, em reserva.

Um pelotão de metralhadoras pesadas, anexado à Cia., segue os elementos de assalto, preparado para proteger o avanço pelo fogo.

Logo que os elementos de comando se aproximam da extremidade norte do Bosque A, eles são surpreendidos por um fogo violento e cada vez mais intenso.



Tornou-se logo evidente que o avanço para atravessar a clareira e atingir o Bosque B não seria um simples desfile. Os verdadeiros elementos da situação estão aparecendo. Portanto, o capitão comandante da Cia. C, convencido de que tem uma luta real em suas mãos, estuda mais uma vez, com uma rápida observação, sua zona de ação.

Do outro lado da estrada ele observou que a Cia. B fazia perfeitamente seu avanço com pouco fogo e muito movimento.

Do lado direito da Cia. C, na zona de ação do 2º Btl., o capitão vê a fumaça e ouve rumor de que ele toma como sendo um fogo de barragem para proteger o avanço do 2º Btl. Nazista. Mas na sua frente, o sempre crescente ruído do fogo das armas automáticas traz claramente idéia de um inimigo decidido de lutar até o fim.

A Cia. C, (não ha dúvida, reflete o capitão) se estabeleceu num forte setor.

Pela força das circunstâncias os pelotões avançados pararam a sua progressão na extremidade Norte do Bosque A.

Os comandantes de pelotões preferem neutralizar o fogo daquelas metralhadoras pesadas antes de prosseguirem o avanço, pois mais do que o Cmt. da Cia., eles eram capazes de ver o que estava acontecendo.

Enquanto as guarnições das metralhadoras ocupam posição, o capitão está fazendo uma idéia da situação, e é inteiramente possível que sua decisão será uma com a qual você não estará de acordo.

Ele decide que o ataque deve ser procedido e tão rapidamente quanto possível. Ele não admite a idéia da Cia. C, aproveitando o avanço da Cia. B, seguir-lhe na retaguarda.

O avanço na clareira é feito por lances — poucos soldados e poucos metros. Porém agora todo o poder do inimigo revela-se. Os grupos avançados são varridos por fogo frontal e do flanco direito. Eles não podem ver o inimigo escondido nas árvores, mas o cmt. da Cia., que continuamente tem estado em coisa semelhante a esta, sabe que o fogo vem das metralhadoras leves e pesadas, fuzis automáticos, morteiros e também canhões anti-carros.

Seu pelotão da esquerda está tendo pesadas perdas. Isto não pode continuar. Diante do fogo denso, os grupos de combate hesitam, e então ha um movimento geral para a retaguarda, para o abrigo do Bosque A. Os homens voltam para traz, por lances, rastejando e engatinhando. Aumentam as perdas. Agora, sobre o campo de batalha ali surge um conflito de barulho, de Kampflarm. Um barulho terrível invade o Bosque. Não se pode entender o que o vizinho diz. Pode-se difficilmente pensar. E' difficil transmitir uma ordem. A excitação do avanço através do Bosque, o recuo e as perdas, tudo é enervante.

Atraz, ao longo da extremidade do Bosque A, os pelotões mais avançados da Cia. C faz como os Nazistas sempre fazem em tais circunstâncias — começam a cavar.

O Cap. Cmt. da Cia. olha para a esquerda e observa a Cia. B. ainda agindo bem, agora muitas centenas de metros para frente.

Ele deseja que venha uma mensagem do Cmt. do Btl., mas desaparece o pensamento como um sonho. O Cap. Cmt. da Cia. está só.

Pergunta-se — Qual a decisão do Cap. Cmt. da Cia.?

A SOLUÇÃO NAZISTA

O Cap. Cmt. da Cia. C escondido nos Bosques Russos e seus pelotões detidos cavando, naquele dia de outubro, a primeira coisa que estava imediatamente evidente em seu pensamento era o fato de que qualquer ação de ataque pelo lado direito da estrada resultaria em perdas numerosas, talvez na destruição de sua Cia.

A missão da Cia. tinha sido e ainda era de capturar o edifício do moinho C. Mas havia claramente bom senso em não sacrificar a Cia. si aquela missão pudesse ser cumprida de um melhor modo.

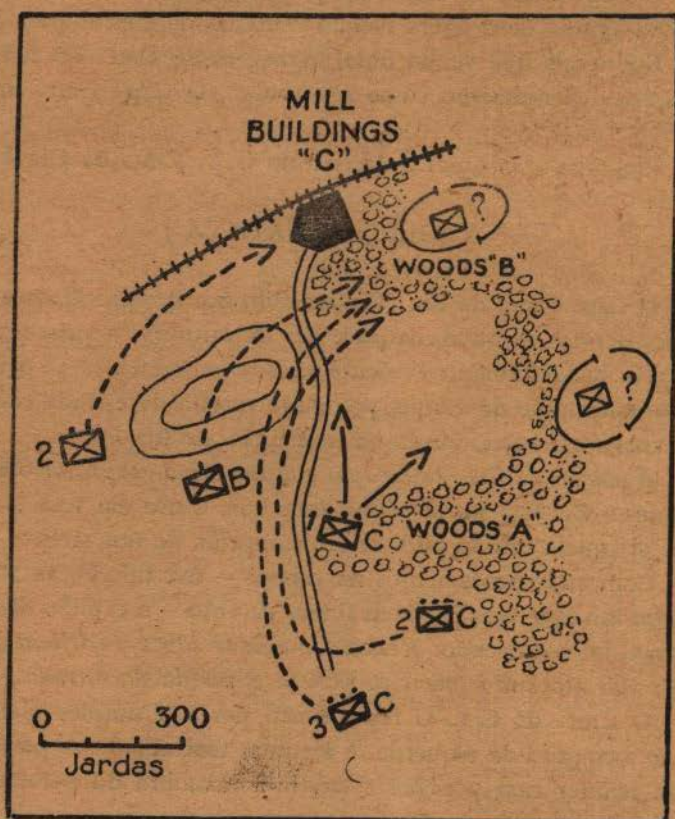
Com estes pensamentos na cabeça — sua missão, as possibilidades do inimigo, suas possíveis linhas de ação — o capitão desta Cia. Nazista C fez sua decisão: *Resumir o ataque sobre o edifício do moinho C, mas movendo primeiro para a esquerda da estrada.*

O Cmt. da Cia. C resume isto por um simples plano: seu pelotão avançado da esquerda, e algumas metralhadoras pesadas deveriam manter suas posições e cobrir a manobra do pelotão avançado da direita por um intenso fogo; o pelotão avançado da direita deve retirar-se para retaguarda, reorganizar-se e avançar com sua direita sobre a estrada; o pelotão de reserva deve avançar e desdobrar-se à esquerda do pelotão que avança ao longo da estrada (emprego do pelotão de reserva no momento da decisão).

O QUE ESQUECEU ESTE CAPITÃO?

Depois de tudo, ele ordenou, justamente a sua Cia. para entrar dentro do setor de outra. Portanto, imediatamente dando suas ordens, ele tomou um grupo de mensageiros e depressa enviou para

estabelecer contato com a Cia. B e informar o Cap. Cmt. da Cia. o que tinha acontecido.



Sua idéia era planejar com o Cap. Cmt. da Cia. B um ataque coordenado sobre o edifício do moinho.

Ainda havia uma complicação a mais. Com dificuldade o Cap. Cmt. da Cia. C localizou o Cap. Cmt. da Cia. B, então ambos ficaram surpresos por ver um desenrolar estranho, na frente. Parecia que o 2º Btl., sobre a esquerda, tinha fácil acesso, na verdade, e prosseguia rapidamente para o corte da estrada de ferro. Então, demonstrando uma grande negligência pela intangibilidade dos limites entre as unidades do mesmo modo que o Cmt. da Cia. C, o

Cmt. do 2º Btl. ordenara um deslocamento para a direita e um ataque sobre o edifício do moinho. Os dois Cmts. de Cia., B e C, ficaram reduzidos a meros espectadores, assistindo a outro Btl. deslocar-se, cruzando sua frente imediata e movendo-se sobre seu próprio objetivo.

Isto naturalmente exigiu um novo estudo da situação e uma nova decisão. Os Cap. Cmts. das Cias. B e C decidiram deixar o 2º Btl. atacar o moinho e eles fazerem um ataque coordenado sobre o inimigo no Bosque B.

Neste ponto há um toque de propaganda na história alemã. Os russos no bosque declararam ter sido surpreendidos por este ataque do W e os prisioneiros num número que o narrador alemão modestamente atinge a 800, são declarados que foram tomados. "Aquele que atenta o maior sucesso com o número de perdas (declara o narrador) demonstra os melhores chefes".

"Eis os chefes na guerra de movimento".

Chefes, ele quer dizer, de pelotões, companhias e pequenas unidades.

DE NORTE A SUL



MÁU grado as dificuldades creadas pela guerra, a Anglo-Méxican continua mantendo, de Norte a Sul, as suas filiais e agencias e os revendedores dos produtos Shell, envidando assim seus melhores esforços no sentido de bem servir os transportes e as industrias nacionais.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO, LTD.

Praça 15 de Novembro, 10 - Rio de Janeiro

Bibliotéca de A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	Cr\$ 31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (para oficiais)	Cr\$ 21,00
A Revolução de 1842 — Rudolf Bolting	Cr\$ 27,00
Alerta — Cel. Orozimbo Martins Pereira	Cr. 11,00
Aspecto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mário Travassos	Cr\$ 6,00
As Condições Geográficas e o P.M. Brasileiro — Cel. M. Travassos	Cr\$ 5,50
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	Cr. 5,00
Boletim n. 2 — Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueiredo..	Cr. 11,00
Boletim n. 3 — Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueiredo ..	Cr\$ 11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	Cr\$ 11,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Correia	Cr\$ 6,50
Caderneta de Ordens e Partes	Cr\$ 11,00
Caderneta de Ordens e Partes (bloco para)	Cr\$ 3,00
Caderneta do Capitão de Infantaria	Cr\$ 13,00
Coletânea de Leis e Decs., 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa	Cr\$ 13,00
Combate e Serviço em Campanha — Cel. Araripe	Cr\$ 13,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger	Cr\$ 13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da S. Filho	Cr\$ 27,00
Curso de Topografia Militar — Cap. Olívio Gondin de Uzeda	Cr\$ 27,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	Cr\$ 7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horácio Garcia	Cr\$ 13,00
Escola de Pelotão — Cel. Araripe	Cr\$ 13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha	Cr\$ 13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos	Cr\$ 3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assunção	Cr\$ 11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos..	Cr\$ 3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Ayres de Miranda	Cr\$ 10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota	Cr\$ 8,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira	Cr\$ 17,00
Exercício de Combate de Companhia — Major Alcebiades Tamayo	Cr\$ 18,00
Fichário para Instrução de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos	Cr\$ 16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	Cr\$ 5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma..	Cr\$ 7,00
Guia para Instrução Militar — Major Ruy Santiago	Cr\$ 17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Arthur Carnauba	Cr\$ 5,00
História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gen. Tasso Fragoso	Cr\$ 70,00
História do Duque de Caxias (ilustrada) — Cap. Frederico Trota	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	Cr\$ 13,00

Defesa Anti-Tank d'uma Divisão Soviética

Nota do Tradutor — "O artigo que se segue foi escrito pelo Cel. I. Vorbyev em 22-1-1942 e publicado na Revista americana "The Cavalry Journal" em seu número de Agosto.

A eficiência com que o Exército soviético está detendo os ataques de *tanks* nazistas, considerados irresistíveis, é razão para que se dê valor às idéias contidas neste artigo.

As lições aprendidas pelo Exército russo, a custa do sangue dos seus soldados, serão utilíssimas para nós que temos em perspectiva uma guerra defensiva contra o mesmo inimigo.

O *tank* é a arma moderna de poder extraordinário para as grandes ações ofensivas. Por isso, a eficiência da nossa defesa repousa antes de tudo nas armas *anti-tanks*: *canhões anti-tanks*, fuzis *anti-tanks*, etc.

Estes fuzis *anti-tanks* estão sendo usados no Exército *tanks* com grande eficiência. Pelo que me foi dado observar em fogueiras, é uma arma transportável a braço pelo seu atirador, o setor, ferrolho semelhante ao do fuzil ordinário, não possui depósito recarregado da culatra para alojar os cartuchos; o seu carregamento é feito a tiro pelo municionador e, quando em bateria, repousa sobre o tripé como o F. M.

E' com esta arma simples que os russos têm destruído centenas de *tanks alemães*." CAP. FRAZÃO TEIXEIRA, da Cavalaria.

As Divisões de Infantaria soviéticas dispõem de material *anti-tank* moderno — canhões e fuzis *anti-tanks*, granadas de mão especiais e balas perfurantes — usado em combinação com a Artilharia e Aviação, o que torna possível repelir os formidáveis ataques blindados e os mais fortes contra-ataques dos nazistas.

Isto foi claramente demonstrado durante a luta no setor de Kharkov no mês de Maio último. Incidentalmente, nesta ocasião os alemães adotaram uma nova tática de emprego dos *tanks*.

Desta vez os *tanks* agiram em íntima cooperação com a Infantaria. Sem dúvida, esta modificação reflete o fortalecimento da defesa *anti-tank* do Exército russo e a firmeza da sua Infantaria.

O aparelhamento técnico à disposição do Exército soviético tem permitido o considerável desenvolvimento do poder defensivo *anti-tank*. Com efeito, presentemente a defesa *anti-tank* é uma combinação do fogo da Artilharia e do fuzil *anti-tank*, de obstáculos naturais e artificiais e do fogo de toda a Artilharia e Infantaria. Este sistema combinado baseia-se na ação conjunta de todas as armas *anti-tanks* escalonadas em profundidade e concentradas em pontos vulneráveis.

A determinação destes pontos vulneráveis é o fator básico no plano de qualquer sistema de defesa *anti-tank*, pois o grosso das armas *anti-tanks* é concentrado nestes pontos ou arredores.

O comando da Divisão deve decidir onde e como pretende destruir os *tanks* atacantes, que medidas serão tomadas para reforçar a defesa dos Regimentos, que reservas devem ser conservadas e que ordens serão dadas à Artilharia e Engenharia.

Uma forma de combater *tanks* no interior das posições defensivas é a organização de bolsas *anti-tanks* nas direções vulneráveis.

Estas bolsas são construídas preparando-se áreas *anti-tanks* e postos de resistência de tal maneira que, se entre eles os *tanks* investirem, serão detidos por obstáculos e sujeitos aos fogos dos flancos e da frente.

As áreas *anti-tanks* são seções da zona de defesas organizadas com obstáculos *anti-tanks* e defendidas contra os ataques de todas as direções. Essas áreas são geralmente preparadas nos terrenos com ravinas, mato, riachos, pântanos, lagoas, declives fortes ou pontos habitados. Os lugares desprovidos de obstáculos naturais são preparados com minas, fossos, buracos, etc. Uma área conhecida como área principal é organizada pelo comando da Divisão. Aí se concentram a força principal, as posições da Artilharia e o posto de observação do Cmt. da Divisão.

Outras áreas *anti-tanks* são organizadas pelos comandos da Divisão ou Regimento. O número dessas áreas é determinado de

acordo com o número de pontos vulneráveis e o plano do Cmt. da Divisão. Nelas se dispõem as tropas de assalto, do Regimento, as posições de bateria e os postos de observação.

No espaço entre as áreas *anti-tanks*, fazendo-se uso de todas as barreiras naturais possíveis. O reforçamento de tais obstáculos naturais pela inundação para formar terrenos pantanosos ou pelo corte abrupto dos declives aumenta grandemente a eficiência da área.

Os obstáculos *anti-tanks* devem ser colocados de modo a canalizar os *tanks* inimigos para o fogo da Artilharia *anti-tank*.

O comando da Divisão conserva em suas mãos uma reserva *anti-tank* movel.

De acordo com as circunstâncias, essa reserva ou é utilizada na retaguarda das defesas *anti-tanks* ou é lavada a frente para atacar, investindo contra os *tanks* pela retaguarda e impedindo a sua fuga da bolsa *anti-tank*. Desnecessário é dizer que essa reserva deve estar apta para manobras rápidas, para construir novas defesas *anti-tanks* e destruir os *tanks* inimigos que se apresentem diante da posição. Essas missões requerem a preparação da reserva que geralmente se compõe de artilharia *anti-tank*, fuzis *anti-tank*, sapadores mineiros e obstáculos portateis conduzidos em caminhões.

Um Regimento de Infantaria pode receber reforços *anti-tanks* do comando da Divisão. O comando do Regimento decide sobre o plano de destruição dos *tanks* inimigos que penetrarem em seu setor, reforça as defesas *anti-tanks* dos seus batalhões e conserva uma reserva movel. Organiza postos de resistência *anti-tanks*, trabalhando em ligação com as áreas *anti-tanks* auxiliares.

Os espaços entre a área auxiliar e os postos são, interditos com defesas *anti-tanks*, seja construindo uma bolsa *anti-tank*, seja escolhendo qualquer outra forma de defesa como, por exemplo, uma série de obstáculos naturais por ventura existente na área.

Os comandantes de batalhão empregando suas próprias armas *anti-tanks* e as adicionais organizam a barragem na frente e no interior dos seus setores de defesa e constroem postos de defesa *anti-tanks*, emboscadas e armadilhas contra *tanks*, etc.

Os setores de defesa *anti-tanks* são guarnecidos com canhões de Regimento e batalhão, fuzis *anti-tanks* e ocupados por grupos de destruidores de *tanks* armados com granadas e garrafas incendiárias.

A Artilharia é colocada de modo a concentrar o seu fogo na zona mais vulnerável e a manter este fogo.

A distancia entre os canhões *anti-tanks* e fuzis *anti-tanks* não deve ser menor que 50 metros, para evitar que uma explosão de granada ou mina silencie varios canhões simultaneamente.

Postos de defesa *anti-tank* devem ter um bom campo de tiro e observação em todas as direções.

Alem das posições básicas, são preparadas posições de reserva camufladas.

Todas as trincheiras são apropriadas para o atirador em pé e providas de abrigos para os homens e material.

As armas *anti-tanks* nos postos de defesa devem apoiar-se mutuamente.

O fogo é desencadeado somente quando os *tanks* inimigos atingem a zona de obstáculos onde são forçados a diminuir a velocidade.

O fogo é aberto pelos canhões de Regimento e batalhão, enquanto que os fuzis *anti-tanks* servem para cobrir as suas posições.

Ao avanço dos *tanks*, os fuzis entram em ação; são cobertos, por sua vez, pelos destruidores de *tanks* (granadas e garrafas incendiárias). As direções expostas aos ataques de *tanks* são reforçadas com varios lança-chamas.

Onde ha perigo de infiltração por uma máquina de cada vez, ou quando ha necessidade de colocar fogos no flanco, uma esquadra de fuzis *anti-tanks* é suficiente, reforçada com dois ou tres sapadores munidos de minas e um ou dois metralhadores.

A Artilharia emprega fogo de barragem movel contra *tanks* que progridem no ataque. A Aviação trabalha em estreita cooperação com a Artilharia.

Nas operações de defesa os *tanks* ficam geralmente estacionados em zonas do segundo escalão. Devem estar preparados para uma ação conjunta com a reserva *anti-tank* movel.

O fogo da Infantaria cobre os obstáculos e as posições de Artilharia *anti-tank*.

A Infantaria concentra rajadas de balas perfurantes contra as partes vulneraveis dos *tanks*.

Os alemães ás vezes recorrem a ataques simulados de *tanks*

para desvendarem o sistema de defesas *anti-tank*. Reunem, para isso, motociclos e varios *tanks* velhos e com muito ruido e agitação encenam um ataque. E' de importancia capital para os defensores manterem em sigilo até o último momento as posições das armas *anti-tanks*, porque depois de uma simulação de ataque os alemães geralmente abrem nutrido fogo de Artilharia e concentram a sua força aérea nas regiões onde foram denunciadas as posições da Artilharia. Houve casos de vários ataques simulados serem encenados antes do desencadeamento do ataque real. Por isso, somente canhões especialmente designados abrem fogo durante tais ataques simulados.

A barragem da Artilharia e dos fuzis *anti-tanks* deve ser desencadeada repentinamente quando os *tanks* inimigos estão a curta distância. A Infantaria inimiga deve ser impedida de marchar unida aos *tanks*, para que se torne impossível qualquer ação em conjunto.

O comando da Divisão concentra uma barragem de Artilharia sobre o grosso das forças inimigas afim de separar a Infantaria dos *tanks*.

Os *tanks* inimigos penetrando nas primeiras linhas devem ser detidos em obstáculos e destruidos por lança-chamas ou armas *anti-tanks*. Nesta fase da batalha, os alemães algumas vezes retraem os seus *tanks* e abrem fogo de Artilharia e concentram sua força aérea em pontos que oferecem maior resistência. Em tais casos as armas *anti-tanks* devem ser deslocadas para uma posição de reserva. Convem mesmo mudar a posição dos postos de defesa.

Ao se aproximarem os *tanks* inimigos, os comandantes de Regimento põem em ação os seus planos. Se não lograrem deter o ataque com os seus próprios meios, o comando da Divisão fornece os meios adicionais para a destruição dos *tanks* em avanço.

Biblioteca da A "DEFESA NACIONAL"

Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo	Cr\$ 11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira	Cr\$ 19,00
Manual de Serviço em Campanha da Cavalaria — Trad. Major José Horacio Garcia	Cr\$ 15,00
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	Cr\$ 7,00
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e applic. Cap. José Horacio Garcia	Cr\$ 6,50

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem
se veste com apuro. Ella
depende, sobretudo, da barba
bem escanhoada, o que só se
consegue com a insuperavel
lamina Gillette Azul.



Lamina GILLETTE AZUL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Contas Correntes Populares
Juros de 5% ao ano

Paga e recebe até às 7 horas da noite

Pague com chéque,

— Quem paga com chéque paga certo.

50, Rua da Alfandega, 50

O TREINAMENTO DE MARCHA E O 9.º B.C.

Ten. Cel. ALCINDO N. PEREIRA

“As marchas — diz o nosso R. S. C., n.º 367 — contribuem em grande parte para o bom êxito de uma campanha e *formam a base de todas as operações militares*”.

Conceito este nascido da experiência e confirmado plenamente na grande guerra 1914-18.

Através do estudo das campanhas verifica-se a verdade incontestável dessa assertiva — marchas exercendo influência decisiva no desfecho de batalhas; marchas admiravelmente executadas, constituindo exemplos notáveis de organização, de disciplina e de vigor físico; em suma, marchas como fator essencial da vitória.

Mas, não é raro ouvir-se dizer: “ah ! coisas do passado ! sem aplicação no presente e muito menos no futuro !”.

À primeira vista, pode parecer descabido, hoje na vertiginosa era do avião, preocupar-se alguém com marchas.

O período áureo das marchas, dizem, já vai longe, foi na época das campanhas napoleônicas, por não existirem ainda os meios modernos de transporte.

E' verdade que o aparecimento da ferrovia modificou a concepção da guerra. Eliminou os enormes percursos a pé exigidos pela manobra estratégica, tornou-a mais rápida, porém, não acabou com as marchas. Estas continuaram indispensáveis ao ajustamento dos dispositivos, aos deslocamentos entre as pontas dos trilhos e os campos de batalha e aos movimentos na própria batalha.

O motor de explosão surge mais tarde e imprime novos rumos aos problemas de transporte. O emprego de automóvel nas operações militares, inciciado na última grande guerra, tomou, de então para cá, uma

amplitude verdadeiramente fantástica. Ante esse surto de progresso, formou-se a crença de que não mais haveria necessidade de marchar; tudo se resolveria com o veículo auto, rápido e confortável, isentando os homens de penosos trajetos a pé...

Mas, ... foi apenas uma falaz esperança dos que, alegremente, julgavam-se livres de encômodas e fatigantes caminhadas.

A realidade da guerra atual está mostrando, à evidência, o erro de assim pensar.

A Infantaria continua a ser "a rainha do campo de batalha" ("Die Wehrmacht," julho de 1941). Só ela, pela conquista e ocupação do terreno, decide a vitória. Os seus efetivos constituem, ainda, a massa dos exércitos beligerantes e estes não movimentam, em automóveis, senão uma parcela de seus infantes!

Ao revés, a necessidade e as condições das marchas agravaram-se com o largo emprego dos meios motorizados.

A invasão da Polônia, em 1939, impôs à Infantaria germânica, longas e ininterruptas marchas para permitir o apoio indispensável às unidades moto-mecanizadas que, em penetrações rápidas e profundas, no dispositivo inimigo, distanciavam-se muito dos grossos.

Nas operações, ao Norte da África, medem-se por centenas de quilômetros os percursos realizados pelos exércitos antagonistas, nas diversas fases da luta, obrigando grande parte das tropas a grandes marchas, em condições particularmente difíceis.

Na campanha da Rússia, diz-nos Goebbels, Ministro da Propaganda alemã, em a revista "Signal": "Quando um soldado da Infantaria alemã fala de suas experiências na Rússia, a primeira coisa que diz é que todas as estradas daquele país são ladeiras que levam ao tope de uma colina. Isso é, evidentemente, uma ilusão originada pelo tremendo esforço físico da soldadesca que é obrigada a percorrer enormes distâncias no território russo" e, mais adiante: "Na Rússia são necessários 84000 passos, para cobrir a distância de 50 km, passos dados em terreno duro, pedregoso e acidentado, dando impressão ao soldado de que está sempre galgando um aclave, tal o esforço que faz para caminhar, com os pés calçados em duras botas de couro, com sola ferrada. É natural que se fatigue; as suas pernas começam a baquear, o soldado tropeça e, finalmente, cái vencido e exausto".

Na revista americana "O Exército dos Estados Unidos" de 1942, encontramos escrito o seguinte: "A mecanização do Exército dos Estados Unidos deu grande mobilidade às Divisões de Infantaria, porém, *essa mecanização nunca poderá substituir a capacidade da Infantaria de mover-se por seus próprios pés, nem o valor individual de cada soldado, treinado para aproveitar-se de uma situação, com valentia e decisão*".

Na "Infantry Journal", dezembro de 1941 (1) lê-se: "O regimento de infantaria deve ser treinado para fazer a pé 24 a 32 km por dia, sem denotar fadiga excessiva. E em aceitáveis condições de estrada, tempo e situação, deve ser capaz de fazer 48 a 56 km, em 24 horas, e além disso poder combater com eficiência ao fim da marcha".

Dos teatros de operações, em que, ferozmente, se decide o destino do mundo, emanam essas verdades que destroem quaisquer dúvidas sobre a inalterabilidade da posição e do valor da Infantaria, na guerra atual, e sobre a necessidade irredutível de longas e frequentes marchas.

A Infantaria, de hoje como a de ontem, para ser considerada boa, deve ter grande treinamento de marcha, deve ser capaz de efetuar fortes etapas, em dias sucessivos, e de combater ao fim de percurso.

Se tal condição se afirma indispensável nos continentes de além-mar, com mais forte razão ela se aplica ao continente sul-americano e, sobretudo, ao nosso território de tão vastas dimensões e tão escassas comunicações.

A Infantaria Brasileira, em particular, tem de ser habituada a marchar, a marchar muito, (etapas normais de 30 km) por força de nossas peculiares condições.

Em o n.º 341 de "A defesa Nacional", do ano passado, o Cap. D'Avila Melo, em judicioso artigo "Precisamos de uma Infantaria marchando muito mais", mostra de forma clara e convincente, a importância da marcha no preparo de nossa Infantaria.

* * *

Na instrução do 9.º B. C., em 1942, procurámos concretizar tal modo de ver, relativo às marchas.

1) Citação do Sr. Cel. Tristão A. Araripe, em seu artigo: "Livro Útil", no n.º 337 de "A Defesa Nacional".

Esta unidade, com sede em região de serra, de altitudes acima de 700 metros, temperatura média em torno de 16°, desfruta de um clima favorável ao exercício da marcha. O terreno muito acidentado e de natureza pedregosa obriga, sempre, a percursos ásperos que impõem a homem e animais, sobretudo a estes, esforços além do normal.

O quadro anexo mostra as condições em que foi efetuado esse treinamento no 9.º B. C.

*
* *

Quinze foram, como se vê, os exercícios de marcha executados, somando os percursos feitos 294 quilômetros, dos quais 160 de dia e 134 à noite.

Os sete últimos exercícios, efetuados no quadro de Batalhão, em ordem de marcha, deram a média horária de 4800 metros nas diurnas e 3410 nas noturnas.

As duas etapas noturnas de outubro foram realizadas em duas noites consecutivas, com o dia intermediário utilizado em trabalhos diversos de organização de terreno, segurança e estacionamento, instalação de flanco-guarda fixa e transposição de curso d'água, em um esforço prolongado e contínuo de 30 horas.

As marchas de novembro, com intervalo de seis dias aplicados na campanha de tiro, foram as que maior número de baixas produziram — 5%, de estropiados, sem embargo do grande treinamento da tropa. E' que, nesta época, grande parte das botinas estavam em mau estado.

Das observações proporcionadas por essas marchas, é interessante assinalar algumas que, sem constituírem novidade, concorrerão, todavia, para manter em foco certos problemas que exigem solução adequada.

Por essencial ao bom rendimento da marcha, destacam-se as condições do calçado. De qualidade inferior, não resiste ao esforço que lhe é imposto, em uma instrução normal, durante os prazos fixados. E' indispensável melhorar-lhe a qualidade, ou, ao menos, aumentar de mais um par de borzequins a dotação anual, afim de poderem os homens dispor sempre de uma muda em bom estado, para marcha e para apresentação.

Em conjugado com o borzeguim, muito concorre a perneira para o estropiamento. Além de ferir diretamente o peito do pé, pela ação da lâmina metálica nela existente, provoca, em pouco tempo de uso, o rompimento do couro na parte posterior da botina criando séria causa de atrito e ferimento.

No que respeita às viaturas regulamentares, a experiência deste ano de instrução evidenciou alguns defeitos facilmente corrigíveis na fabricação.

A reduzida amplitude rotatória do jogo dianteiro de rodas das viaturas coloniais, último modelo, ocasiona sérios embaraços nas curvas de pequeno raio, aliás abundantíssimas nas estradas de classe inferior ou caminhos e em regiões acidentadas. As viaturas tendem a virar com o levantamento das rodas do lado exterior à curva, exigindo manobra braçal, para deslocar a trazeira do carro e colocá-la na nova direção de movimento.

E' fácil de compreender o esforço exigido dos homens, nas viaturas carregadas, o retardamento imposto à marcha do batalhão e o risco constante de acidente (tombamento) sempre de graves consequências para o material, animais e pessoal. Em noites escuras e em maus caminhos, maiores são as perturbações causadas por êsse defeito.

As viaturas de tipo anterior, de jogo dianteiro baixo, com giro livre por baixo do estrado (das quais o 9.º B.C. possui algumas) satisfizeram plenamente, pela facilidade de fazer curvas e voltas, em percursos difíceis (caminhos estreitos em encostas íngremes, declives fortíssimos, solo muito pedregoso e curvas fechadas) feitos em noites escuras, com grande número de animais e condutores novos.

Ainda a respeito de viaturas, cumpre exaltar a rusticidade dos carros-cozinhas (tipo F.V.E.), a quatro animais, cujo único inconveniente é denunciar a presença da tropa, pela fumaça durante o dia, e pelas brasas caídas da fornalha, à noite, para êste último caso, parece haver remédio em um dispositivo que evite a queda de brasas na estrada.

Em noites escuras, a noção de distância fica prejudicada pela fraca visibilidade, máxime nas picadas, orlas do mato e fundos de vales, retardando a marcha, com o aumento das precauções destinadas a impedir que se choquem os veículos entre si, ou contra homens e cavaleiros. E' de toda a vantagem que cada viatura possua um disco

branco, se possível fosforescente, adaptável na parte trazeira, por forma a dar aos que seguem atrás um ponto de referência para conservação das distâncias. Como recurso de emergência utilizámos, numa das marchas noturnas, panos brancos suspensos, atrás nas viaturas, com o que ficou diminuído o perigo de choque.

Em uma última observação é justo realçar a capacidade de marcha que possui o soldado desta região, afeito desde criança a longas caminhadas, das residências, dispersas e afastadas, às localidades mais próximas. Fator êsse que concorre poderosamente para formar bons infantes.

Existe, pois, no Brasil, de norte a sul, enorme quantidade de homens de notável aptidão para a marcha, qualidade insubstituível e essencial à formação de uma ótima Infantaria.

Com tais elementos, só por falta de disposição e de tenacidade dos quadros, deixará a Infantaria Brasileira de figurar entre as melhores que existem.

QUADRO DAS MARCHAS EXECUTAS

N.º de ordem	DATA		Esca- lão	Natu- reza	Percur- so	Duração efetiva	Car- gac
	Mês	Dia					
1	FEVEREIRO	14	COMPANHIA	Diurna	8 km.	2h00m	—
2		27		Noturna	8 km.	0h50m	—
3	MARÇO	7		Diurna	12 km.	3h00m	—
4		19		Noturna	12 km.	4h00m	—
5	ABRIL	6		Diurna	16 km.	4h00m	—
6		17		Noturna	16 km.	4h30m	0,7
7	MAIO	16		Diurna	20 km.	5h00m	2,5
8		26		Noturna	20 km.	4h30m	—
9	JUNHO	12	BATALHÃO	Diurna	24 km.	6h20m	—
10		29		Noturna	24 km.	7h00m	—
11	JULHO	28		1/3 not. 2/3 diu.	24 km.	5h30m	—
12	OUTUBRO	12		Noturna	26 km.	7h00m	—
13		13		Noturna	20 km.	6h25m	—
14	NOVEMBRO	9		Diurna	32 km.	6h45m	0,4
15		16		Diurna	32 km.	6h30m	—

Como podem as pequenas Unidades de Infantaria (G.C., Pel. Sec. Mtr.) defender-se contra os engenhos blindados - Processos

1.º Tenente C. MEIRA MATTOS

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

Na guerra moderna é comum o emprego do engenho blindado (também chamado carro de combate e tanque) como arma ofensiva por excelência.

O escalão de ataque dos exércitos modernos vem sempre precedido ou junto aos carros de combate, que lhes apoiam o movimento. Sua irrupção é frequente no campo de batalha. Esses engenhos operam por surpresa. Normalmente não agem à noite; temem os lugares habitados e as cobertas em condições de abrigar os anti-carros. Os terrenos livres e ondulados lhes são favoráveis.

O carro de combate, protegido pela blindagem e equipado com um armamento poderoso, consegue muitas vezes, penetrar a fundo na posição defensiva inimiga, desarticulando pela manobra e pelo fogo os seus dispositivos de defesa, criando brechas no seu sistema de fogos e de obstáculos, abrindo, assim, caminho para a infantaria que vem atrás.

A *defesa anti-carro* compete, em princípio, à artilharia e às armas anti-carros de Btl. e R.I., material esse de emprego eficaz contra veículos mesmo fortemetne encouraçados, at 1.000 m, e encarregado de estabelecer na frente da posição de resistência uma *barragem anti-carros*, que conjugada ao emprego de obstáculos e minas, *deve deter a progressão dos carros inimigos*.

Entretanto, haverá sempre carros que *escaparão à ação da baragem anti-carro* e se aproximarão audaciosamente das linhas ocupadas pela nossa infantaria.

Vamos estudar aqui, *como devem reagir essas frações de infantaria*, desprovidas de armas especiais anti-carro, *ameaçadas de perto, talvez à queima-roupa*, pelos carros inimigos.

II — CONDUTA DAS FRAÇÕES DE INFANTARIA NA DEFESA ANTI-CARRO

Todas as armas de infantaria, especializadas ou não, devem tomar parte na defesa contra engenhos blindados.

A nossa infantaria *não pode assistir passivamente à ação destruidora dos carros de combate inimigos*, que, aproximando-se ameaçadoramente dos nossos *pontos de apoio de Pel. e postos de combate de G.C. e Sec. Mtr.*, procurarão fazer calar as nossas armas.

Todo cmt. de fração de infantaria *deve sempre preparar*, em qualquer situação defensiva ou parada eventual do combate ofensivo, *a sua defesa anti-carro passiva e ativa.*

a) Defesa passiva.

Será proporcionada por trabalhos de organização do terreno: fossos, taludes, barricadas e abatizes, capazes de imobilizar o carro ou dificultar-lhe o acesso, obrigando-o a mudar de itinerário, canalizando assim o ataque para uma zona onde a barragem anti-carro seja poderosa e eficiente.

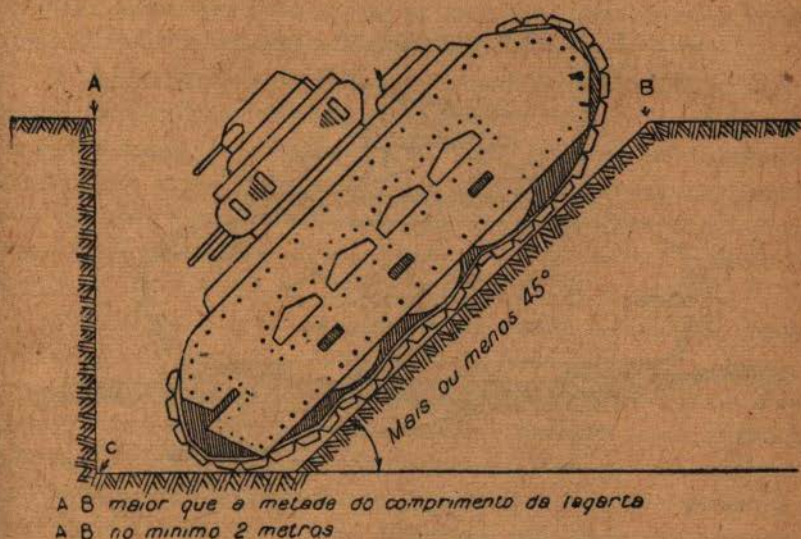
Os cursos d'água são vadeáveis por carros comuns, até a profundidade de 90 cm.

Os cortes e fossos são transpostos desde que a abertura da boca seja inferior a $1/2$ da projeção horizontal da lagarta do carro. (Vide fig. 1).

A *dissimulação perfeita* das posições de tiro deve constituir preocupação permanente dos comandantes dessas frações. Não se deve esquecer que *uma posição bem dissimulada, dificilmente será identificada* pela guarnição do carro, cujo campo de tiro já sofre certas restrições, impostas pelas dimensões limitadas das seteiras de visadas e pelo movimento do carro em terreno acidentado.

O carro é ordinariamente miope, vê pouco; ao contrário, é muito visível e ruidoso.

Abaixo daremos, a título de exemplo, alguns perfis com as dimensões, das obras de organização de terreno capazes de imobilizar um carro (fig. 1).



b) Defesa ativa.

Os nossos G.C., Pel. e Sec. Mtr. não possuem armamento capaz de destruir um carro. Não vamos, então, pensar em destruí-lo e *sim* em imobilizá-lo. Um carro imobilizado está fora de combate.

As guerras da Espanha, da China e a atual campanha na Rússia, estão ricas de ensinamentos de como uma infantaria aguerrida e valente, mesmo sem armas especiais anti-carro, pode imobilizar um carro.

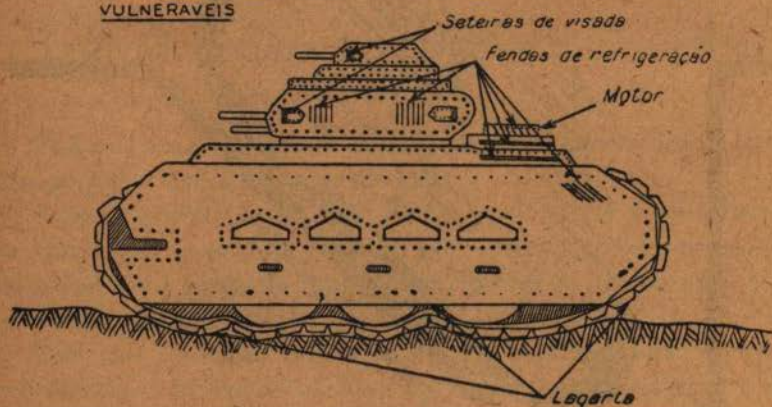
Todo carro tem suas partes fracas, as suas partes vulneráveis. Estas são:

- as seteiras de visadas;
- os depósitos de gasolina;
- os trens de rolamento (lagartas). (Fig. 2).

Por melhor encouraçamento que possua o carro de combate, a seteira de visada sempre é uma parte vulnerável para as armas do infante (fuzil ordinário, fuzil-metralhador, metralhadora, lança-chama e, às vezes, granada e pistola), pois ela possui fendas para permitir ao moto-

rista e atirador dirigirem o carro e o tiro das suas armas. Será justamente *através dessa fendas*, que iremos procurar atingir, com o fogo das nossas armas, a guarnição do carro.

CARROS DE COMBATES COM OS NOMES DAS PARTES VULNERAVEIS



A partir de 200 m os G.C. (F.M. e F.O.) devem iniciar o tiro sobre a seteira dos carros e sobre os depósitos de gasolina, quando localizados. Este tiro, quando executado com *serenidade e justeza*, oferece resultados compensadores. As metralhadoras nas mesmas condições, devem iniciar o tiro a 600 m. Estas distâncias devem ser *religiosamente respeitadas*, se se desejar *efeito util*.

— *Grupamentos de abordagem.*

Convem que todas as frações selecionem alguns homens, *dotados de grande energia e coragem*, para, em certos casos, *ficarem dissimulados* em abrigos e cobertas na frente ou no interior da posição, afim de abordarem de surpresa os carros, na sua passagem. Estes homens poderão ser organizados em *agrupamentos de abordagem* de dois a três, disseminados no terreno, comandados por um cabo ou um soldado enérgico. A sua ação está subordinada ao seguinte: *todo carro tem nas suas proximidades um espaço em ângulo morto* (vide fig. 3). Estes homens ficarão ocultos, até que o carro tenha se aproximado a uma distância tal, que eles se achem *dentro da zona em ângulo morto*, quando aban-

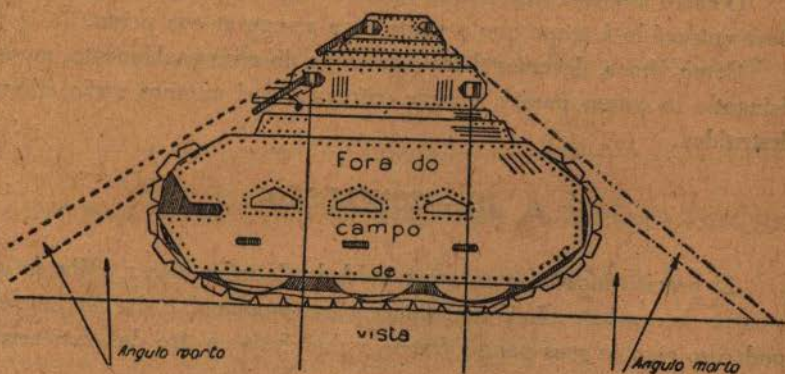
donarão os seus abrigos e *abordarão os carros de surpresa*, atacando-os por um dos processos que vão abaixo:

1) *Tiro das armas* (F.O., F.M., Mtr. de mão ou pistola), *a curta distância, na seteira do carro*, procurando atingir a guarnição; quando *fôr localizado o depósito de gasolina do carro*, este deverá também ser alvejado, de preferência na sua parte mais baixa, procurando-se em seguida, sempre que possível, *o seu incêndio*;

2) *lançando granadas de mão na largata do carro*. São utilizadas também cargas concentradas de granadas, constituídas por uma granada de mão completa (com espoleta), em torno da qual são amarradas cinco ou seis outras granadas sem espoleta. O arrebentamento da granada completa provoca o arrebentamento das demais, produzindo-se um efeito concentrado muito eficaz, *quando a explosão se dá na largata do carro*;

3) *utilizando petardos*, os quais se procurarão encaixar na largata do carro;

4) *lançando garrafas com gasolina sobre o carro*. A gasolina penetra no motor pelas fendas de refrigeração e qualquer faísca produzida pelo motor ocasionará o incêndio do mesmo. Pode-se, também, *lançar ao mesmo tempo que a gasolina, uma granada de mão*, que garantirá o incêndio. Este incêndio pode ser *alimentado com novos jactos de gasolina*, obrigando a guarnição a abandonar o carro;



5) *introduzindo barras delgadas de ferro ou aço em certas partes da largata*, o que ocasionará a sua *imobilização*;

6) trepando no carro, por um dos lados *que esteja fora da ação das suas armas*, procurarão destruir estas armas por meio de pancadas fortes, com uma barra de aço *no cano* ou introduzindo um *petardo* na boca da arma.

Estes processos poderão ser empregados cada um isoladamente ou combinados, dependendo das disposições e energia dos atacantes e dos meios que possuírem.

Toda vez que se abordar um carro, a curta distância, ficará um dos homens do grupamento de abordagem, se possível, com uma arma automática, pronto a desencadear instantaneamente o tiro da sua arma contra a guarnição do carro, caso esta tente abandoná-lo.

Estes processos de abordagem *apresentam um resultado muito eficiente contra carros empregados isoladamente*, porém seus resultados são quasi nulos, quando a infantaria inimiga acompanha os carros, pois esta impedirá a abordagem dos mesmos.

Os grupamentos de abordagem, depois de algum tempo de *tirocinio de guerra*, adquirirão conhecimentos úteis de uma série de *minúcias* sobre as *fraquezas e incapacidades* deste ou daquele tipo de carro de combate, das quais tirarão partido para a segurança e êxito da sua ação.

Quando os carros de combate inimigos atacam acompanhados de uma vaga de infantaria, não devem as armas não especializadas para o tiro anti-carro, atirar contra os mesmos, *senão depois de conseguirem deter a infantaria que os acompanha.*

O carro *não tem capacidade de conservação de terreno conquistado*. Deve entregá-lo à tropa que o segue para assegurar sua posse.

Como vimos, devemos deter essa tropa de acompanhamento, mesmo deixando os carros passar, porque entregues a si mesmos serão adiante destruídos.

III — CONCLUSÃO

E' preciso inculcar-se no nosso soldado de infantaria a idéia de que *o carro de combate não é um fantasma inexpugnável*, e sim um engenho poderoso com os seus pontos fracos, vulneráveis ao tiro das suas armas.

Se conseguirmos criar no nosso infante *a confiança no poder das suas armas*, obteremos dele a serenidade e coragem necessárias para, *sem idéia de recuo*, esperar na posição de tiro a aproximação do carro

de combate inimigo, e, à distância útil, atirar *com calma e justeza*. Não se deve precipitar o tiro. Não se admite que uma infantaria ardorosa e valente *abandone as suas posições de tiro*, pela aproximação de carros inimigos. Não deve haver pânico pela presença do carro. Seus tiros em marcha só terão efeito de neutralização, sem valor real, de 400 a 800 m a quem desta última distância inicia o fogo dos canhões (37 ou 47).

O infante deve estar convencido de que, mesmo que o carro de combate inimigo consiga ultrapassar as suas posições, *ele não as abandonará*, pois incumbe-lhe agora deter a *infantaria que vem atrás do carro* e, se ele o fizer, *cumpriu a sua missão*, porque aos nossos grupamentos de abordagem ficarão entregues os carros, que isolados da sua infantaria, nada poderão fazer.

Fontes de consulta:

- “Instruction sur l'emploi des Chars de Combat”.
- “Um ano de Observação no Extremo Oriente”, do Ten.-Cel. Lima Figueiredo.
- “A Guerra da Espanha”, do Gen. Durval.
- “Infantry Journal”, de abril de 1941.
- “O Exército Alemão”, do Major Von Zescka.
- Tradução do Regulamento de Serviço em Campanha do Exército Russo.
- “Curso de Oficiais” — Conferências do Major Durval Coelho no C.I.M.M., 1940.

Livros à venda na Biblioteca de A Defesa Nacional

Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	Cr\$ 3,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga..	Cr\$ 2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva	Cr\$ 5,00
Instrução na Cavalaria — Maj. João de Deus Mena Barreto	Cr\$ 11,00
Instrução na Cavalaria — Maj José Horacio Garcia	Cr\$ 5,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	Cr\$ 9,00

Casa Oscar Machado

JOIAS, RELOGIOS

E OBJETOS DE ARTE

...

101 - Rua do Ouvidor - 103

Telefone 23-4501

Rio de Janeiro

Cia. Americana de Intercambio
(Brasil)

C. A. D. I. B.

Importação — Exportação — Ferro em geral

ARAME PRETO — ARAME GALVANISADO

Escritório : AV. RIO BRANCO, 311 - Salas 501/507

Fone 22-2147

Armazens : AV. RODRIGUES ALVES, 149

Fone 23-0519

RIO DE JANEIRO

Notas do meu Caderno

O DEVER

Cap. VALMIR DE ARARIPE RAMOS

Encontrei numa unidade de fronteira um velho Major que se fazia admirar por todos. Era uma admiração mixto de pena e de respeito.

De pena porque êsse Major, já próximo a compulsória, não perdia o interesse pela sua função de comandante, trabalhava com ardor e estudava com vontade.

De respeito porque era um comandante capaz de instruir os seus oficiais e de dirigir com eficiência a instrução da sua unidade.

Ouvi, muitas vezes, comentários desfavoráveis sobre êsse Major: "perdendo seu tempo; melhor que fosse para casa dando uma vaga aos mais moços, que estar amolando"...

Certa noite fui visitá-lo.

Estava adoentado e havia faltado ao quartel, cousa rara de acontecer.

Encontrei-o lendo e anotando um livro militar.

Envenenado, também, pela opinião dos oficiais do Regimento, inadvertidamente, disse: o Major ainda estuda?

E' verdade Tenente, é verdade. Ainda estudo, leio e me interessam os assuntos da minha profissão, apesar do pouco tempo de existência efetiva no Exército.

Na nossa profissão, Tenente, ha uma percentagem de oficiais que não acredita, outra sincera e mais outra egoista.

A primeira vista, sem um exame, pesando a lógica expendida pelos que não acreditam, tem-se a impressão que a razão está com êles.

Argumentam com a existência de dois Exércitos: da "Côrte" e "Colonial".

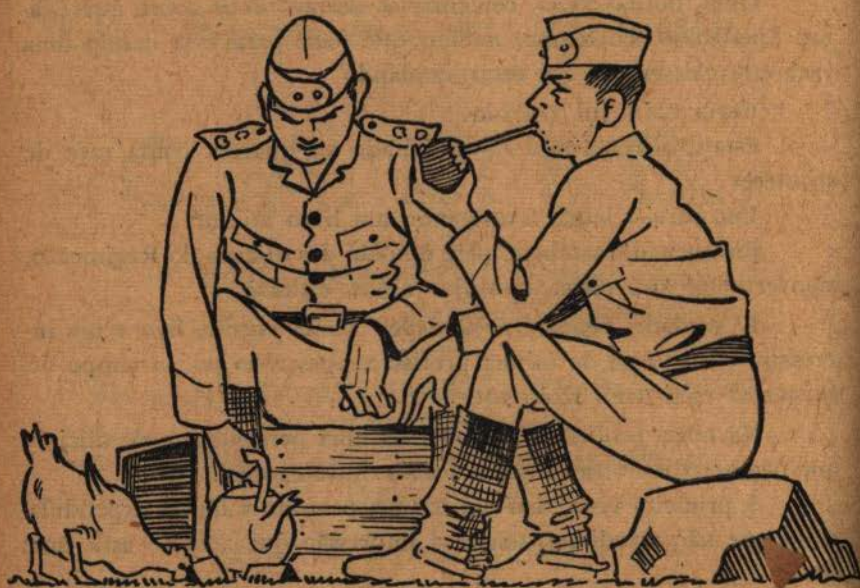
Os que vivem na "Côrte" têm todas as possibilidades de conquistar méritos, enquanto que os que se arrastam pelas fronteiras e longinquas guarnições ficam completamente esquecidos, até mesmo pelos antigos companheiros de escola.

Todos os regulamentos, todas as novidades sobre militância que surgem, não passam das fronteiras do Distrito Federal.

As facilidades que usufruem as unidades da "Côrte" são de molde a proporcionar aos oficiais que nelas servem ensejo para o desenvolvimento das suas qualidades militares, quer como instrutores quer como comandantes.

Ao passo que as unidades do "Exército Colonial" carecem de tudo.

Enquanto os oficiais da "Côrte" são observados e postos em seus devidos valores, são julgados pelos seus chefes e por eles conhecidos, seja pelo trabalho normal nos corpos de tropa e nos estabelecimentos, seja pelo contato diário nas repartições do Quartel General, os da "Colônia" são nivelados pela distância.



Estudar e trabalhar seria um verdadeiro sacerdócio, é verdade, mas seria, também, pregar no deserto.

Em consequência dessas opiniões que, infelizmente, estão arraigadas no conceito de um grande número de oficiais, muitos deles desviavam-se dos seus deveres para outras profissões afim de terem proventos maiores e gozarem de melhor vida com uma transferência para a reserva que desde Tenente prelibam.

O Major acendeu um cigarro, olhou distante pensativo e começou:

Tudo isso está errado.

O dever é uma cousa que está acima dessas considerações. O dever é algo impalpável, sublime e reconfortante.

Ele tranquilisa as consciências, dá força e respeito, prestígio e consideração.

Um oficial que se desvia do seu mister pelo fato de certas cousas não caminharem como se deseja, está quebrando o sagrado juramento que fez à Pátria.

Sofre a Nação com essa mentalidade que entristece, e sofre o Exército nos seus alicerces.

Vamos aos fatos.

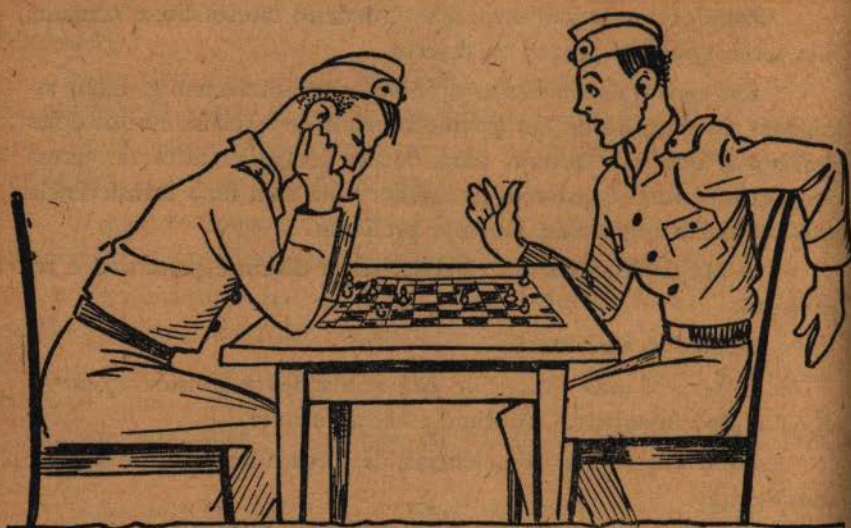
O Tenente X pessoalmente era valente.

Numa das nossas campanhas internas foi-lhe dado uma missão importante. O Tenente X fracassou e foi considerado um covarde.

Por que? Porque êsse Tenente fazia parte dessa percentagem de descrentes e desanimados. Levou uma existência de subalterno sem se interessar pela instrução, sem estudar, sem ler os regulamentos, sem ir ao terreno com a sua tropa. Vivia a falar da vida dos outros no casino, sentia prazer em expor com especial colorido os defeitos dos nossos chefes, sem perceber que amanhã seria, também, julgado. Dedicava-se inteiramente ao comércio de galinhas e ovos.

Quando foi obrigado a empregar seu pelotão, sentiu a responsabilidade de mais de trinta vidas pesando-lhe demasiado sobre os ombros. Não sabia como fazer, como decidir, nem como comandar. Sentiu-se liquidado e... teve medo.

A falta do cumprimento do dever fez-lhe um covarde.



Certa vez encontrei-me com um Capitão que, enquanto sua companhia estava na frente entregue aos seus Tenentes, êle se encontrava sá, muito cá, na retaguarda.

Dizia: "si não ficar aqui providenciando, minha companhia não come, não recebe numerário, nem fardamento, nem borzeguins"...

Esse Capitão costumava dizer: "insrução não dá cadeia". Era um ótimo administrador, mas incapaz de comandar uma sub-unidade na guerra. Desmoralizou-se.

Fatos semelhantes existem muitos.

Perguntei, então, ao Major sobre a parte sincera e a egoista.

A parte sincera é a sadia do Exército, é a dos crentes, dos que cumprem religiosamente os seus deveres, dos verdadeiros soldados. Eu me considero parte dessa parte porque termino a minha carreira militar como Major tranqüilo de espírito e certo de haver contribuído com a minha pedrinha nesse grande edifício que é o Exército.

A percentagem dos egoistas é útil porque êles trabalham, não importando sejam os objetivos mais pessoais. O Exército lucra.

Outro cigarro foi aceso, outro caso contado.

Todos nós somos egoístas. Só mesmo quem tem limitada a carreira, não o é porque não pode ser. O egoísmo como o dever estimulam ao trabalho.

Talvez que se me fosse dado possibilidades de acesso ao posto máximo da carreira, mercê do meu trabalho e das minhas qualidades de chefe e de soldado, se desmonstradas, certamente, mais trabalharia, mais estudaria.

Mas não esqueça que ha também crentes que são egoístas porque desejam subir. E êsse desejo é natural, é humano.

E terminou o Major:

Aqueles que terminam sua carreira como Coronel porque não têm possibilidades ao Generalato, não devem alegar êsse fato para deixarem ao destino a fração de tropa que lhe compete instruir, nem descuidarem da sua cultura militar. Amanhã poderão ser solicitados para uma missão e então...

OFICINA
GRÁFICA

L I M I T A D A //

Rua Figueira de Melo, 210/220

Telefone 28-5451

RIO DE JANEIRO

Produtos Químicos Para Indústrias



Ácido clorídrico, nítrico e sulfúrico (puros e comerciais)
— Ácido sulfúrico para acumuladores (puro e diluído)
— Ácido sulfúrico para análise de leite — Alúmen de potássio — Amônia — Benzina retificada — Bióxido de manganês — Carbonatos — Cloretos — Enxofre — Essência Terebintina — Eter de petróleo — Eter sulfúrico — Glicerina — Litargírio — Naftalina — Nitratos — Oleos sulfurizados de amônio e de sódio — Percloro de ferro — Solução "Júpiter" (para envenenar couros)
— Sulfatos (puros e comerciais) — Tintas para marcar carne — Zarcão, etc., etc.

PRODUTOS QUÍMICOS "ELEKEIROZ" S. A.

RUA S. BENTO, 503

São Paulo

Caixa Postal, 255

Representante no Rio de Janeiro:

POLTO & ROUVIERE LTDA.

Rua General Camara, 60

Oficina Mecânica em geral

Montagem de qualquer máquina

Solda autogênio-elétrica

Construção metálica

H. Buddenberg & Filho

Escritório e Oficina:

Praia do Cajú, 103 - Telefone 48-8937

RIO DE JANEIRO

TANOARIA MACÊDA HENRIQUE & IRMÃO VINHOS TANOEIRO

A única aparelhada com especialidade para Fabricação de Toneis, Tinas para Cerveja, embriamentos, assim como qualquer serviço concernente a confecção
Pipas, Quartolas, Barris, etc.

Endereço Telegr.: TANOMACÊDA - RIO

Matriz: Rua do Livramento, 63 — Escritório: Fone 43-4746

Depósito: Rua da Gambôa, 124 — Telefone 43-4747

RIO DE JANEIRO - BRASIL

COMO DEVE SER ORGANIZADO UM ARQUIVO

PAULO E. N. MENA BARRETO
Oficial Adm. Cap. Hon. do Exército

1. — A organização dos arquivos públicos ou particulares tem sido sempre um pesadelo, não só para quem se vê na contingência de recorrer a uma dessas repartições, como principalmente, para os funcionários respectivos, mórmente no que concerne à presteza, tanto do arquivamento de documentos mas, e sobretudo, da sua busca atual ou remota.

2. — Compêndios, folhetos, publicações diversas e até mesmo cursos especializados, vêm surgindo, a cada passo, na ânsia sempre crescente de os seus autores encontrarem meio mais expedito e mais seguro para que num arquivo se obtenha a *indicação* onde se encontram tais ou quais documentos.

3. — Entretanto, a-pesar-de tudo, nenhuma uniformidade é observada na *indicação* dos documentos arquivados, nem desapareceu a morosidade nos registos dêsses expedientes, nem foi encontrada maior facilidade para a busca de tais documentos, quer se trate de repartições públicas, quer de casas comerciais, quer, ainda, de particulares. Assim é que, cada qual, segundo as suas posses ou a prática adquirida nesse mister, adota, ora o processo de livros índices, ora o de fichas, para a *indicação* precisa do lugar onde se acham os papéis arquivados, e nos livros e nas fichas usam a ordem alfabética ou adotam nestas o sistema decimal exclusivo. No tocante à ordem alfabética o processo ainda varia, pois uns adotam o registo pelo primeiro nome, outros pelo último sobrenome, e há casos em que o sobrenome inteiro é registado.

Convém, no entanto, ressaltar que se a desuniformidade na *indicação* do papel arquivado é chocante, todavia, o processo de guardá-lo é seguido à risca, pois todos, sem exceção, se utilizam de

estantes com prateleiras e de caixetas, variando, apenas, quanto à qualidade do material, que pode ser de aço, de madeira, ou de papelão nestas últimas; excepcionalmente, algumas repartições empregam o chamados cofres de aço para a guarda dos documentos, o que dispensa a estante, bem assim as caixetas, que são substituídas por pastas com números ou com letras, mas o processo de *indicação* retro referido persiste.

4. — Dos processos empregados para a *indicação* donde se encontram os documentos arquivados e julgados "*indispensáveis*" para a busca de determinado papel, embora sem credenciais para tanto, divirjo de modo absoluto porque, no final das contas, o Arquivo, cuja missão é de guardar exclusivamente documentos, passará a ser mero depositário de fichários com guias e fichas ou de pilhas de livros, ambos de registo de tais documentos, o que forçosamente redundará em concessão de maiores espaços para essas repartições, sem contarmos com as despesas monstruosas, supérfluas e intermináveis, anualmente impostas, com novas aquisições do material "*indispensável*" ao registo dos novos documentos a arquivar, como sejam: fichários, guias, fichas ou livros.

Dir-se-á, todavia, que tais "pirâmides" desaparecerão à proporção que aludidos documentos forem sendo incinerados, mas a incineração, que não tem passado de simples teoria, não há-de processar-se anualmente, e quando ela fôr posta em prática é fácil ajuizar-se que o receio de responsabilidade futura, por parte do examinador, há-de refreá-lo no impulso, embora justificado, de incinerar grandes quantidades de documentos com o fito de aliviar o Arquivo de documentos inúteis e consequentemente das fichas correspondentes; muito embora, no caso dos livros, os documentos poderem ser incinerados, os livros permanecem porque é corrente vêr-se nas páginas de um livro e mesmo nos próprios livros o registo de documentos que não fôram nem deviam ser incinerados juntamente com outros que fôram e deviam ir ao fogo; no entanto, admitindo-se, quanto ao uso dos fichários, que a incineração tenha aliviado o Arquivo e com isso tenham sobrado fichários para novas fichas, não desaparecerá, contudo, a despesa para aquisição de novas fichas, guias, ou livros, para o competente registo de novos documentos a arquivar; ao contrário disso, ela crescerá, em vista de os preços dêsses artigos tenderem sempre, e cada vez mais, a aumentar.

5. — A solução, que ora apresento, para o processo de arquivamento de documentos é espontânea, racional, não demanda conhecimentos especializados, está ao alcance de qualquer, evita o trambolho de material inútil, traz presteza ao serviço, assegura espaço vital a essas repartições, economisa pessoal e não esbanja verbas sem necessidade, além de utilizar o material existente na casa, seja êle composto de estantes, cofres, (de aço ou de madeira) caixetas, (de aço, madeira ou de papelão e até mesmo podem ser usados pacotes de papel) enfim, simplifica e uniformisa o serviço — transforma um Arquivo obsoleto em eficiente Serviço de Correspondência, mas sem fichários, sem guias, sem fichas e sem livros.

6. — Antes de entrarmos no assunto propriamente dito de — “COMO DEVE SER ORGANIZADO UM ARQUIVO” — darei breve relato, para maior clareza da matéria que me propus a explanar, de como **dereçado**, é êle incontinenti remetido ao Chefe do Serviço de Correspondência, outrora chamado Protocolo (se feito em livros) ou Fichários, (se feito em fichas) muito embora não ignore que, hoje em dia, dentro e fora das repartições públicas, não há quem não conheça de maneira cabal como se procede em tais casos, a saber:

- a) entrado um documento na repartição, para a qual foi **dereçado**, é ele incontinenti remetido ao Chefe do Serviço de Correspondência para anotação de destino;
- b) em seguida, é êle passado ao funcionário encarregado do carimbo que lhe dará o número respectivo e carimbará, outrossim, com o mesmo número, a ficha a êle relativa;
- c) após isso, é o documento entregue ao datilógrafo, que enche a ficha com o nome do cidadão, (se requerimento, etc.) ou com a procedência, (se ofício, etc.) com o assunto, data e com o destino já recebido; se o fichamento é pelo sistema decimal o que importa em ficar em movimento a ficha de “assunto”, a ficha também indicará o número correspondente ao assunto.

Considero, entretanto, inadapável tal classificação a êste gênero de correspondência nas repartições públicas burocráticas, já pelo excesso de despesas com material, já pelo maior número de pessoal que requer, já pela morosidade do fichamento e da busca nas fichas dessa maneira classificadas, já, e sobretudo, porque ninguém procura um papel pelo assunto,

mas sim pelo seu próprio nome ou da repartição de origem, com a informação do ano ou do número do documento; além de tudo, ainda exige consulta prévia a índices ou classificadores, não só para o fichamento mas também para a busca da ficha; nada obstante, algumas repartições ainda persistem no uso, embora aparente, só justificável para não chocar os seus idealizadores, dêsse processo falho, moroso, dispendioso, aliás já por mim pulverizado em trabalho apresentado oficialmente em 1939, posteriormente, publicado na revista militar "O TIRO DE GUERRA" n. 3, trabalho êsse que, quando mais não seja, evitou, em tempo, que o flagelo se alastrasse de forma devastadora;

d) terminado isto, o documento é entregue ao funcionário encarregado do fichário respectivo, que destaca a ficha, coloca-a na casa determinada pela letra alfabética ou numérica aposta na guia competente, (conforme o caso) a qual se acha no fichário, que por sua vez tem uma etiqueta *indicativa*, e remete, o papel, ou para as Secções da repartição, ou para a Portaria, onde terá destino conveniente, ficando a ficha guardada para posteriores informes.

7. — De tudo isso se infere que o sistema adotado nos Serviços de Correspondência, com relação às fichas, que atendem aos pedidos de informação das partes interessadas no andamento de documentos, — é *espontâneo* também para os Arquivos, com relação aos processos ou documentos que vão ser arquivados, bastando, para isso, considerar-se que, nos Arquivos, as *estantes* representam precisamente os *fichários*, as *caixetas* as *gavetas* dos fichários, as *capas* dos documentos ou processos as *guias* das gavetas dos fichários e os *documentos* ou *processos* as *fichas* dos próprios fichários. Também não haverá discrepância nesse sistema quando os Arquivos fôrem dotados exclusivamente de cofres de aço para a guarda de documentos ou processos, pois, êsses *cofres* também representam precisamente os *fichários*, as suas *gavetas* as *gavetas* dos fichários, as suas *pastas*, com letras ou com números, as *guias* das gavetas dos fichários e os *documentos* ou *processos* propriamente ditos, com capas ou sem elas, as *fichas* dos fichários.

De maneira que, se nos Serviços de Correspondência, quando pedidas informações sobre o andamento de um documento ou processo, o funcionário encarregado do serviço nada mais tem a fazer senão ir ao fichário respectivo puxar a gaveta e fixar as guias para poder encontrar rapidamente a ficha correspondente ao documento pedido; assim também, nos Arquivos, quando fôr solicitado um documento ou processo, o funcionário encarregado do serviço, dá posse do pedido de informações, corre incontinenti às estantes, (fichários) puxa a caixeta, (gaveta) fixa a capa do documento ou processo (guia) e encontra, então, o que procura: o documento ou o processo, (ficha) então solicitado.

E' de notar que as buscas nos arquivos são sempre mais facilitadas do que nos Serviços de Correspondência, porque naqueles o interessado só vai de posse da *indicação* fornecida por este, o que se não dá nos Serviços de Correspondência, que o interessado busca para saber se já chegou ou se já teve destino o documento procurado.

Para que, então índices de fichas ou de livros para *indicar* onde se encontra um documento ou processo, no Arquivo? E se esse sistema fosse, de fato, "*indispensavel*" não seria o caso de criarmos também para os Serviços de Correspondência um índice de fichas ou de livros para *indicar-nos* onde se encontram as fichas nas gavetas dos fichários ou os lançamentos de determinados documentos ou processos nas páginas de um livro?

Francamente, é de pasmarr, é gritante, senão irritante, tal concepção, ou melhor, tal ausência de reflexão.

8. — Assim entendido, e por analogia com o que expus acerca da entrada de um documento nos Serviços de Correspondência, indicarei, agora, a *grosso modo*, como se deverá proceder, com a nova ordem, com um documento ou processo que for mandado arquivar:

a) entrado o documento no Arquivo, o encarregado de recebê-lo, após examiná-lo detidamente, passa o competente recibo;

b) em seguida, é ele entregue ao encarregado de ordená-lo que o despirá de grampos inúteis, sempre prejudiciais, porque pegam outros documentos que nada têm a ver com o documento ou processo a arquivar, aplica-lhe uma capa, — guia — (caso

em que têm utilidade e cabimento as capas, que atualmente são usadas (por luxo inconcebível), porque evita que os documentos se misturem, escritura-a, em seguida, com o nome ou a procedência, com o assunto, data e mais o número do documento (número recebido no Serviço de Correspondência); c) feito isso, é o documento entregue ao funcionário encarregado de guardá-lo na caixeta, — gaveta — que lhe será reservada, caixeta esta, que será colocada na estante — fichário — respectiva;

d) a arrumação das estantes será idêntica à dos fichários, a das caixetas idênticas à das gavetas dos fichários e a das capas idênticas à das guias das gavetas dos fichários, isto é, as *estantes* (fichários) trarão na frente os dizeres "NOMES" (ano ou anos) — "PROCEDÊNCIA" (ano ou anos); as *caixetas* (gavetas) trarão nas lombadas ou dorso as letras do albetto, (de A a Z) os números dos documentos, (de 1 a ...) conforme a capacidade das caixetas; as *capas*, (guias) que já trazem impressos o nome da repartição, trarão o nome ou a procedência, o assunto e o número do documento, este tomado no Serviço de Correspondência; os *documentos* ou *processos* (fichas) desse modo, ficam perfeitamente registados; tudo isso é relativo às estantes (fichários) de documentos de "NOMES";

e) quanto às estantes (fichários) de "PROCEDÊNCIA", as caixetas (gavetas) trarão os nomes ou iniciais dos Ministérios, Estados, repartições, unidades de tropa, etc., bem assim os números dos documentos, dentro de cada caixeta, (de 1 a ...) conforme a capacidade das caixetas. Em ambos os casos, ("NOMES" e "PROCEDÊNCIA") as caixetas serão sempre colocadas nas estantes (fichários) respectivas, de acôrdo com a ordem alfabética e a numeração aposta às mesmas (de 1 a ...) visa, exclusivamente, fins estatísticos, o que atualmente é difficílmo, senão impossível de apurar.

As denominações referidas — "NOMES" e "PROCEDÊNCIA" — à primeira vista, parecem esdrúxulas porque há uma certa equivalência entre nomes e procedência mas, se atentarmos para o fato, verificaremos que há razões plausíveis para tais denominações, pois que

elas representam, pelo menos, na esfera burocrática, distinção perfeita, uma vez que, quando nos referimos a "NOMES", está subentendido que se trata precisamente de documentos de caráter pessoal, selados ou não, firmados por pessoas que exercem ou não função pública; (um exemplo disso são os memoriais, requerimentos, fés de ofício, cartas, telegramas, etc.); ao passo que, quando dizemos "PROCEDÊNCIA", significamos que os documentos, assim especificados, são de caráter oficial, emanados de pessoas que exercem funções públicas. (Exemplo: decretos, portarias, mensagens, exposições, avisos, notas, memorando, telegramas, ofícios, rádios, etc.).

Eis, portanto, por que se adotam tais divisões nos Serviços de Correspondência e que têm forçosamente de ser seguidas nos Arquivos, pois que facilitam grandemente qualquer informe;

f) os documentos relativos a "NOMES" serão colocados dentro das caixetas pelo último nome, obedecerão na sua arrumação à ordem cronológica, dentro do ano, dos números que tomaram ao entrar na repartição a que pertence o Arquivo; e os relativos à "PROCEDÊNCIA" terão o mesmo tratamento, com exceção da pare relativa ao último nome, pois, tais documentos serão colocados nas caixetas de acôrdo com as suas iniciais, obedecendo estas à ordem alfabética ou à subordinação de suas repartições ou unidades de tropa de origem a escalões superiores; os documentos de companhias emprêsas, sociedades, etc., embora selados ou não e quando não forem considerados documentos de "PROCEDÊNCIA", serão colocados nas caixetas pelo primeiro nome, procedendo-se no mais da mesma forma prevista para os documentos de "NOMES";

g) se o documento ou processo, após o seu arquivamento, fôr requisitado ficará no seu lugar a requisição respectiva, que trará o destino que o mesmo tomou.

9. — Digam, agora, os doutos no assunto se a sugestão, que ora torno pública, tem ou não cabimento, uma vez que a obra humana é essencialmente perfectível e a estagnação é a primeira etapa da decadência.

Em todo caso, *quod scripsi, scripsi*.

Com mais esta modesta mas honesta contribuição em prol do serviço público desejo que o Exército, a quem ofereço esta sugestão, tire dela o que melhor lhe aprouver.

Seja relevado se atento contra a referida modéstia em me permitir de considerar minha sugestão como contribuição de guerra, pois que guerra reclama a plenos pulmões que os serviços sejam expeditos, econômicos, em uma palavra eficientes, que é como quem diz máximo de rendimento com mínimo de dispêndio — de dinheiro (espaço, material, pessoal) e tempo.

Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de de 1943.

LIVROS MILITARES

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LIVRARIA ODEON

Avenida Rio Branco, 157 — Tel. 22-1288 — RIO

UM TABU' - O 2.º período

Major IVANO GOMES

Na "A Defesa Nacional" de julho do ano de 1941, o Major Amasceno Portugal publicou, com o título supra, um primoroso artigo referente à INSTRUÇÃO TÁTICA DO 2.º PERÍODO na Cavalaria, Infantaria e Artilharia.

Hoje, tomando por base o trabalho do Major Portugal, apresentamos abaixo duas FICHAS-MEMENTO, que talvez sirvam de algo aos Comandantes de Esquadrão que tenham de ORGANIZAR, PREPARAR e EXECUTAR exercícios dos tipos VANGUARDA e DESCOBERTA.

As referidas FICHAS, elaboradas com a intenção exclusiva de trabalhar ainda mais o trabalho do Major Portugal, têm por finalidade:

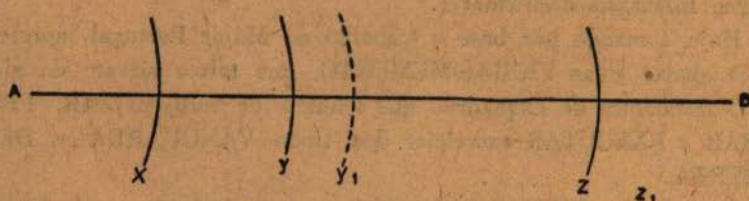
- 1.º) ESQUEMATIZAR o emprego do Esquadrão nas situações mais comuns, mais interessantes e mais difíceis de cumprir: VANGUARDA e DESCOBERTA;
- 2.º) ORGANIZAR, PREPARAR e EXECUTAR, os exercícios do Esquadrão sempre segundo uma mesma ordem de sequência natural e lógica, de forma a TORNAR REFLEXAS A ATUAÇÃO DOS QUADROS E DA TROPA.

SITUAÇÃO: — "ESQUADRÃO — VANGUARDA". [fichamento)].

A) Quadro tático:

- a) Não há contacto com o inimigo;
- b) Há probabilidade de encontro;
- c) Missão do R.C.I. — [(que fará a Vanguarda da D.C.)].

- 1) cobrir o deslocamento da D.C. segundo o eixo A-B (Fig. 1) não devendo ultrapassar com o grosso tal linha, Z;
- 2) atingir, com o grosso, sucessivamente as seguintes linhas:
 - linha X, às 10 horas;
 - linha Y, às 13 horas.
- 3) na impossibilidade de chegar à linha Z, esforçar-se por atingir a linha Y, que deverá ser mantida a todo custo; para tanto, será apoiado.



B) *Missão do Esq.*: — [(reforçado (?) por... se fôr o caso)]:

- 1) reconhecer e informar segundo a direção geral A-B, não devendo ultrapassar a linha Z₁;
- 2) limites da zona de ação: — Tais [(enquadramento que facilitará o exercício evitando-se a preocupação de cobertura dos flancos)];
- 3) linhas sucessivas a atingir:
 - linha X, às 9,30 horas;
 - linha Y, às 12,30 horas.
- 4) procedimento em caso de encontro: — empenhar-se ofensivamente, caso o inimigo intervenha antes da linha Y.

C) *Decisão do Cmt. do Esq.*:

— justificação.

D) *Ordens do Cmt. do Esq.:*

1) Dispositivo inicial do Esq. (Fig. 2):

- escalão de reconhecimento: — tais pelotões (2 pelotões, por exemplo).
- escalão de combate: — tais pelotões [(reforçado (?; por... se fôr o caso)].
- T.C. (a "Situação" dirá onde e como marchará o T.C.).



2) Missão de cada pelotão do escalão de reconhecimento:

- direção;
- objetivos;
- ligações;
- procedimento.

3) Deslocamento do escalão de combate e do T.C.

4) Onde se deslocará o Cmt. do Esq. (Grupo de Comando).

5) Hora de partida do Esq.: — tal.

E) *Execução do Exercício:*

- 1) Realização do dispositivo inicial [(no terreno previamente escolhido, onde os "Quadros", sob a direção do Cmt. do Esq., anteriormente realizaram o necessário e devido estudo)].
- 2) Progressão (mecanismo) dos diversos elementos em que se fracionou o Esq.:

- escalão de reconhecimento;
- escalão de combate;
- T.C.

3) Surgem, na linha tal, as primeiras resistências

- ação dos pelotões do escalão de reconhecimento [(que acabam por ser detidos)].

4) Decisão do Cmt. do Esq.:

- justificação.

5) Atuação do Cmt. do Esq. (Grupo de Comando) acionando o escalão de combate para a rutura das resistências.

- ordens do Cmt. do Esq.:

- transmissões;
- comunicações;
- reserva: — tal pelotão, em tal região.

6) Intervenção do escalão de combate [(com seu reforço (?))... Pel. Mtr., Sec. Mrt.)].

- ordens aos diferentes pelotões.

7) Intervenção do pelotão reserva:

- retomada do movimento a cavalo — [(caso da rutura das resistências inimigas)];
- reforço do escalão de combate — [(caso em que o Pel. reserva também ficaria detido)].

8) Caso da retomada do movimento a cavalo [(execução de nova fase do exercício)].

a) Novo dispositivo:

- escalão de reconhecimento (Pel. que era reserva);
- escalão de combate (tais outros Pels.);
- T.C. (a "Situação" dirá onde e como marchará o T.C.);

b) Movimento dos cavalos de mão.

c) Momento em que os Pels. que estavam em contacto abandonam suas posições para a retomada de suas montadas.

d) Missão de cada Pel. do escalão de reconhecimento: [(a missão do Esq. subsiste)].

- direção;
- objetivos;
- ligações;
- procedimento.

e) Deslocamento do escalão de combate e do T.C.

Etc., etc.....

Etc., etc.....

(Reiniciar-se-á, então, o exercício a partir da alínea "E" da presente ficha e executar-se-á mais um, dois ou três novos lanços).

2.^a SITUAÇÃO: — "ESQUADRÃO — DESCOBERTA". [(fichamento)].A) *Quadro tático*:

- a) Não há notícias seguras da possibilidade de intervenção inimiga.
- b) Missão do R.C.I.: — [(lançado em "Exploração" pelo Cmt. da D.C.)].

- 1) na jornada de amanhã (dia D.), explorar os eixos tais e levar a sua busca de informações até tal linha, verificando se as regiões tais estão ocupadas;
- 2) caso afirmativo: — natureza, valor e atitude de seus ocupantes;
- 3) procedimento em caso de encontro:

- a) antes do corte do rio tal: — engajar-se ofensivamente; será apoiado.
 - b) depois do corte do rio tal: — esforçar-se por retardar o inimigo segundo os eixos tais, mantendo a posse de tal linha até tal hora. Esforço segundo o eixo tal.
- 4) Zona de ação: — tal.
- B) *Missão do Esq.*: — [(reforçado (?) por 1 posto rádio, etc... conforme o caso)], (1)
- 1) explorar o eixo tal;
 - 2) levar sua busca de informações até a linha tal;
 - 3) informações a enviar:
 - a) as tantas horas: — se tal passo está livre.
 - b) as tantas horas: — se há movimentos inimigos na região tal.
 - c) as tantas horas: — se tal região está ocupada; natureza, valor e atitude de seus ocupantes.
 - d) as tantas horas: — etc., etc., etc...
 - 4) eixo de transmissão: — tal.
 - 5) procedimento em caso de encontro:
 - a) antes de tal linha: — engajar-se ofensivamente; será apoiado.
 - b) depois de tal linha: — esforçar-se por retardar o inimigo segundo o eixo tal, mantendo a posse de tal linha até tal hora.
 - 6) limites da zona de ação: — tais [(mais amplos que no caso anterior — enquadramento que facilitará o exercício evitando-se a preocupação de ligações laterais)].
 - 7) duração da missão: — tal.

(1) Caso dum "Dest. de Descoberta", lançado por um Cmt. de R.C.

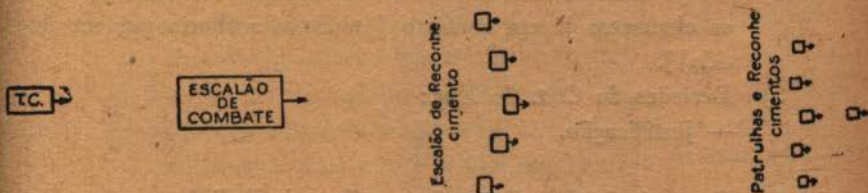
C) *Decisão do Cmt. do Esq.:*

— justificação.

D) *Ordens do Cmt. do Esq.:*

1) Dispositivo inicial do Esquadrão: (Fig. 3)

- patrulhas e reconhecimento [(conforme a importância dos eixos)].
- vanguarda:
 - escalão de reconhecimento;
 - escalão de combate.
- T.C. (a "Situação" dirá onde e como marchará o T.C.).

2) *Missão de cada elemento:*

- patrulhas e reconhecimento;
- pelotões do escalão de reconhecimento.

3) *Deslocamento do escalão de combate e do T.C.*4) *Onde se deslocará o Cmt. do Esq. (Grupo de Comando).*5) *Hora de partida do Esq.: tal.*E) *Execução do exercício:*

- 1) Realização do dispositivo inicial [(no terreno previamente escolhido, onde os "Quadros", sob a direção do Cmt. do Esq., anteriormente fizeram o necessário e devido estudo)].

- 2) Progressão (mecanismo) dos diversos elementos em que se fracionou o Esq.:
 - patrulhas e reconhecimentos;
 - vanguarda:
 - escalão de reconhecimento;
 - escalão de combate.
 - T.C.
- 3) Surgem na linha tal, as primeiras resistências [(que deteriam as patrulhas e os reconhecimentos)].
 - transmissão de informações ao Cmt. do Esq. e, deste ao do R.C.I.
- 4) Chegada do escalão de reconhecimento e sua cooperação com os elementos já em contacto [(tambem acabaria por ser detido)].
- 5) Decisões do Cmt. do Esq.:
 - justificação.
- 6) Transmissão de informações ao Cmt. do R.C.I.
- 7) Atuação do Cap. (Grupo de Comando) acionando o escalão de combate para a rutura da resistência.
 - Ordens do Cmt. do Esq.:
 - transmissões;
 - comunicações;
 - reserva: — tal pelotão em tal região.
- 8) Intervenção do escalão de combate [(com seu reforço (?)... Pel. Mtr., Sec. Mrt.)].
 - Ordens aos diferentes pelotões.
- 9) Intervenção do pelotão reserva:
 - retomada do movimento a cavalo [(caso da rutura das resistências inimigas)].

— reforço do escalão de combate — [(caso em que o pelotão reserva também ficaria detido)].

- 10) Transmissão de novas informações ao Cmt. do R.C.I. [(as resistências teriam sido vencidas)].
- 11) Caso da retomada do movimento a cavalo [(execução de nova fase do exercício)].

a) Novo dispositivo:

- patrulha e reconhecimentos;
- vanguarda:
 - escalão de reconhecimento;
 - escalão de combate.

— T.C. (a “Situação” dirá onde e como marchará o T.C.).

b) Acionamento de novas patrulhas e novos reconhecimentos [(tiradas do pelotão reserva)].

c) Movimento dos cavalos de mão;

d) Momento em que os pelotões que estavam em contacto abandonam suas posições para a retomada de suas montadas.

e) Missão de cada pelotão do escalão de reconhecimento [(a missão do Esq. subsiste)]:

- direção;
- objetivos;
- ligações;
- procedimento.

f) Deslocamento do escalão de combate e do T.C.

Etc., etc.....

Etc., etc.....

Etc., etc.....

[(Reiniciar-se-á, então, o exercício, a partir da alínea “E” da presente ficha e executar-se-á mais um, dois ou três novos lanços)].

Q. G. da 3.^a D.C., Bagé, 26-XI-1942.

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro



Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria

(Traduzido do INFANTRY FIELD MANUAL)

Cap. FERNANDO SOTER DA SILVEIRA

Compendio Anti-Carros
do Regimento de Infantaria

COMANDO DO REGIMENTO DE INFANTARIA

CAPÍTULO I

DOCTRINA

1 — *Métodos Gerais de ação anti-carros* — a) A ação das unidades anti-carros pode ser incluída na ação de outros elementos em combate, quer na ofensiva, quer na defensiva. Na marcha de aproximação e ataque, os movimentos e posições de unidades anti-carros devem ser coordenados para proteger a tropa atacante e suas reservas dos contra-ataques do inimigo. Na defensiva, cobrem a L.P.R. e barram as vias de acesso aos carros, ou são grupadas com reservas de Infantaria ou de unidades blindadas, para o apoio de contra-ataque. O emprego de unidades anti-carros como elementos independentes defensivos e sua distribuição, tendo em vista cobrir todas as possíveis vias de penetração para o ataque de carros ou permitir a imediata proteção a todos os escalões das tropas, prevalecem sobre a ação não coordenada no conjunto a posição e sobre uma dispersão de meios da defesa anti-carros com conseqüente perda de eficiência. O plano geral de ação de uma unidade deve ser completado com o emprego de unidades anti-carros.

b) Dentro das limitações fixadas pelo dispositivo e missão das tropas, o terreno dita a distribuição das unidades de canhões anti-carros.

c) A defesa de uma posição, provida de unidades blindadas, contra uma tropa inimiga, compreende dois elementos principais: 1.º) Posições organizadas em profundidade para a defesa da posição de resistência e abrangendo as unidades anti-carros (reforçadas, quando necessário) dos regimentos de 1.º escalão e meios passivos anti-carros, tais como minas e obstáculos; 2.º) Reservas de grandes unidades mantidas para contra-ataques, inclusive tropa de Infantaria (a pé), unidades blindadas anti-carros.

d) Onde as posições organizadas, inclusive meios passivos e ativos anti-carros, não conseguem deter o ataque, desarticulam-no, retardam e canalizam as unidades blindadas atacantes e assim criam condições favoráveis a contra-ataques das reservas intactas de defesa. As unidades anti-carros em reserva ocupam posições de tal maneira que permitam proteção contra carros inimigos, possibilitem a desarticulação e canalizem os carros para zonas onde eles possam efetivamente sofrer a ação das forças contra-atacantes e outras medidas passivas e ativas previstas. A localização de minas anti-carros e obstáculos deve ser conhecida pelas tropas de contra-ataque, especialmente dos elementos amigos mecanizados. Sempre que possível, a localização dos campos de minas e obstáculos deve ser coordenada antecipadamente com os planos de contra-ataques.

2 — *Instrução* — a) Os elementos da companhia anti-carros recebem a instrução individual do soldado e a instrução especializada relativa às guarnições das peças anti-carros. Todos os elementos da Cia. recebem instrução de motoristas e conhecimentos necessários ao emprego do tiro do fuzil metralhador contra objetivos inopinados terrestres e aéreos.

b) As unidades anti-carros recebem também instrução com as unidades de carros, ambas como tropas amigas e inimigas (exercícios de dupla-ação). Elas são instruídas no conhecimento do poder e pontos vulneráveis dos carros, suas características diferenciais e seus métodos de combate. Os comandantes das unidades anti-carros incutem nos seus homens que o campo de visão limitado das guarnições dos carros aumenta as vantagens da cobertura e do mascaramento das peças; que a fuga diante dos veículos blindados provoca destruição certa; e que um espírito tenaz aliado a uma oportuna abertura do fogo dá às guarnições do canhão todas as possibilidades de êxito. São alertados de que a prematura abertura do fogo pode denunciar as posições das armas e determinar a sua neutralização antes que a guarnição da arma possa cumprir sua missão; e que a luta entre elas e o inimigo blindado dura somente poucos minutos e será decidida principalmente por sua perícia e resistência moral. São instruídos para conhecer a praticabilidade do terreno aos movimentos de carros e à relativa eficácia dos obstáculos anti-carros.

c) Os treinamentos para dirigir em terreno variado são feitos tendo em vista ensinar aos motoristas a estimarem o conjunto viatura-peça, a amplitude das curvas em relação a esse conjunto e facilitar rápida ocupação de posições e deslocamentos rápidos. Cuidados devem ser tomados quando se trabalha em terreno acidentado, afim de evitar avarias à viatura e à peça.

d) As viaturas-tratoras (ou as viaturas de munição), quando deslocando-se na zona de combate, seguem as de seus cmts. de Secção ou Pel. a uma distância de 50 a 100 metros mais ou menos. Se a viatura da frente para, as outras param, mantendo as distâncias, a menos que seja determinado cerrá-las. Tão logo as viaturas param, são retiradas das estradas ou caminhos e estacionam sob as árvores, num bosque ou atrás de qualquer cobertura que exista nas vizinhanças. Se possível elas estacionam abrigadas. Se o cmt. determina ou faz o sinal "abrigar", os condutores das viaturas se esforçam por colocá-las atrás de muros, edifícios, massas de terra, ou dentro de depressões que melhor as cubram das vistas e fogos. Alguns ramos de árvores são habitualmente conduzidos e usados para disfarçar as silhuetas das viaturas e peças se são obrigados a parar em terreno descoberto. Peças e viaturas são estacionadas e disfarçadas de modo a poderem prontamente retomar a marcha.

e) Em terreno acidentado ou difícil, os homens apeam e seguem suas viaturas, auxiliando-as se necessário. Um homem segue à frente escolhendo o caminho. A noite ele conduz uma lanterna surda e o motorista segue a luz.

f) Itinerários cobertos são preferidos. Orlas de bosques, construções disseminadas ou árvores contribuem para o mascaramento. Cristas limpas são evitadas. Quando se é forçado a atravessar uma crista, escolhe-se um ponto em que a silhueta da viatura seja dissimulada por árvores, casas, etc.

g) Em terreno desconhecido o cmt. deve proceder a escolha de um itinerário (com um balisador e a pé se necessário).

h) No deslocamento para posições não completamente protegidas por outras tropas, as viaturas avançam por lance, cada lance sendo reconhecido por um único veículo, um homem a pé ou motociclista, antes que seja feito o deslocamento de todos os elementos para frente.

3 — *Combate — Ordens e Informações* — Cada cmt. de unidade anti-carros transmite prontamente aos seus subordinados o seguinte:

a) *Informações sobre o inimigo* — Tornar conhecidas e acentuar as mais recentes identificações e informações concernentes aos movimentos de carros e outras forças motorizadas.

b) *Informações de nossas próprias tropas de apoio* — Localização, identificação e idéia de emprego de tropas amigas especialmente de forças mecanizadas e motorizadas. Missões e localizações nas vizinhanças, de armas anti-carros, unidades vizinhas e de apoio. Localização de minas, obstáculos naturais e artificiais.

c) *Missão da unidade* — Indicação das tropas, na instalação ou acidente do terreno a ser protegido. Designação de setores (quando for o caso).

d) *Diversos* — Previsões para segurança local, dotação de munição e aprovisionamento, posições alternadas, posições suplementares, locais das viaturas-tratoras, serviço de alerta, posições de alerta, sinais convencionados, comunicações e transmissões.

e) *Localização de:*

- 1) posto de saúde;
- 2) ponto de distribuição de munição;
- 3) posto de Comando.

4 — *Segurança e serviço de alerta* — a) Os Comandantes das unidades anti-carros fazem previsões para a segurança local de suas unidades e prescrevem um eficiente sistema de alerta. Em marcha de estrada, em aproximação, estacionamento, locais de reunião e em combate, vigilância constante e meios seguros de transmissão e alerta são mantidos para prevenir contra surpresas e dar tempo ao eficaz emprego das armas. As unidades anti-carros coordenam com as tropas amigas vizinhas a segurança local, as transmissões e os sinais de alerta. Cadeias de transmissão são exigidas frequentemente na transmissão de sinais. A observação aérea e os destacamentos motorizados, ambos em reconhecimento, dão geralmente o primeiro aviso da presença de carros inimigos nas vizinhanças das unidades. Para dar aviso de aproximação ou presença de aviões inimigos, elementos mecanizados ou ataques terrestres, são prescritos três silvos longos de apito ou businar de auto-

móveis — repetido várias vezes, ou três tiros espaçados igualmente com fuzil ou pistola ou três rajadas curtas de metralhadora. Durante o dia, quem dá o sinal, indica a direção do perigo iminente. À noite, ou durante o dia, se necessário, o sinal de alarma será completado pela voz indicando a direção provável do ataque.

b) Em deslocamento, são efetuados contínuos reconhecimentos. Rádio e sinais convencionados são empregados para manter ligação e dar aviso a tempo.

c) Uma unidade anti-carro em posição de alerta estabelece postos de observação e de alerta em toda a área pela qual é responsável e a distâncias tais que assegurem a chegada a tempo das peças às suas posições de tiro. Deve haver comunicações seguras entre a unidade e seus postos de observação e alerta. Telefones de campanha ou radiotelegrafia podem ser usados, quando os elementos anti-carros não estejam demasiadamente separados.

d) Em situações defensivas em que os postos de observação e de alerta anti-carros sejam conjugados com o sistema de transmissões, suas *chamadas de alerta* terão prioridade.

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS DO CANHÃO DE 37 M/M ANTI-CARRO E DE SUAS POSIÇÕES DE TIRO

5 — *Características técnicas* — O Canhão de 37 m/m é a principal arma da Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria. Suas mais importantes características são: — a) Grande velocidade inicial e trajetória tensa. Eficaz penetração até 1000 metros, aproximadamente, contra carros leves e médios e contra organizações de concreto de 0.65 m de espessura. A justeza do tiro contra alvos móveis decresce grandemente acima de 1000 metros.

b) Uma velocidade prática de tiro de aproximadamente 10 tiros por minuto. A velocidade de tiro é condicionada mais à observação para o tiro do que às propriedades mecânicas da arma.

c) Grande ângulo de tiro horizontal (60 graus) (1000 miléssimo) relativamente em comparação com canhões designados para outras missões.

- d) Grande mobilidade quer em estradas, quer através-campo.
- e) Devido ao seu peso (410 quilos) tem limitada capacidade para deslocamento a braço, com possibilidades de subir aclives de cerca de 30° em terreno firme.
- f) Limitação aos métodos de tiro dirêto, de posições descobertas.
- g) Grande vulnerabilidade, quando em movimento na zona dos fogos da Infantaria e considerável vulnerabilidade nas posições de tiro.

6 — *Limitações táticas* — a) As características precedentes do canhão, limitam seu tiro e tornam necessária a previsão de posições alternadas.

b) Fogos sobre alvos (isolados) a grande distância podem expôr as posições das peças a uma prematura descoberta. Todavia, tais ações podem ser muito eficazes para bater passagens estreitas e outros pontos de passagem obrigatória.

c) A dependência das peças para com a viatura tratora, nos deslocamentos, e a vulnerabilidade da mesma em movimentos frequentemente expostos, requerem a espera pelas peças, da conquista de uma máscara do terreno antes do deslocamento. Sempre que possível, tais esperas são evitadas pelo uso de itinerários cobertos, mesmo quando são necessários desvios consideráveis.

7 — *Posições* — Os Canhões anti-carros e a viatura-tratora ocupam posições ou se preparam para a ocupação das posições como segue — a) *Posições de tiro* — São ocupadas pela peça para bater um determinado sector de tiro ou uma possível via de acesso.

As posições de tiro podem ser: principais, alternadas ou secundárias.

1) — A *posição principal* é a posição de tiro oferecendo as melhores condições para o cumprimento da missão da peça.

2) — A *posição alternada* é a posição de tiro na qual a mesmas missões podem ser executadas como na posição principal.

3) — A *posição secundária* é a posição de tiro na qual a peça pode cumprir outras missões secundárias de tiro, missões essas diferentes das que sejam cumpridas nas posições principal e alternadas.

b) *Uma posição de espera* próxima da posição de tiro (dentro 100 m.), deve ser escolhida de maneira que possibilite a coberta e mascaramento para a peça e sua guarnição. Em terreno limpo são

preparadas cobertas artificiais e disfarces. Quando o vigia assinala a aproximação de qualquer objetivo terrestre, a peça é rapidamente deslocada para a posição de tiro. Sómente se recorre a uma posição de espera quando não se encontrar uma coberta na posição de tiro ou não se puder prepará-la nesta posição.

c) *Posição de descarregamento* é o ponto em que o canhão é desatrelado e puxado a braço para a posição de tiro ou de espera. Ela deve ser sob coberta e tão próxima quanto possível da posição de tiro.

d) O *local de reunião das viaturas*, é um ponto localizado sob coberta, ocupado pelas viaturas-tratoras de uma unidade anti-carros quando as peças estão em posição de tiro ou posição de espera. Em deslocamento, ela deve ser bastante próxima da posição de tiro para permitir transmissão de sinais a braço e a mão e reduzir ao mínimo o transporte da munição pelo homem.

e) As posições alternadas estão sujeitas aos mesmos requisitos das posições principais e batem o mesmo sector do tiro. Elas devem ser acessíveis pelos canhões, a braço, das posições principais, partindo a coberto, da observação inimiga. Devem estar situadas bastante longe (ao menos 50 metros) da posição principal afim de evitar que sejam incluídas no raio de ação dos tiros dirigidos contra aquela.

f) *Posições de alerta* — aumentam a flexibilidade às armas da defesa anti-mecanizadas e, são usadas quando os meios anti-carros disponíveis são inadequados para ocupar posições batendo uma grande area ou várias vias de acesso. Os canhões são mantidos disfarçados num local central prontos a se deslocarem rapidamente para fazer face ao ataque inimigo em qualquer ponto em que este se apresente. Tudo que for possível para assegurar o emprego dos canhões é previsto com antecedência, inclusive escolha de posições, e os itinerários para atingí-las. Na posição de alerta as peças atreladas, motores aquecidos, e, em situações urgentes, as guarnições embarcadas.

g) Na escolha de uma posição de tiro, o atirador deve ser capaz de vê-lo e o canhão capaz de atirar na area ou setor designados.

1 — *Barrando uma estrada*, o canhão deve ser apontado para um trecho onde o movimento é limitado por fóssoes, taludes, bosques densos ou obstáculos similares. O canhão é instalado e mascarado de tal modo que patrulhas inimigas operando ao longo da estrada, o encon-

trem, e que fogos inimigos de interdição, na estrada, não neutralizem a posição de tiro.

2) — *Na defensiva*, o mascaramento é levado ao máximo e posições batendo determinadas vias de acessos são procuradas. As viaturas podem ser mandadas bem para a retaguarda e, se necessário, para cobertas eficazes. Um espaldão para o canhão deve ser preparado se pode ser mascarado, e trincheiras estreitas ou abrigos individuais para a guarnição devem ser cavados na vizinhança imediata da peça.

CAPÍTULO III

A PEÇA DO CANHÃO ANTI-CARRO

8 — Sobre a instrução técnica, maneabilidade da peça, técnica do tiro, instrução individual do soldado e treinamento dos transportes a motor se é obrigado a recorrer aos regulamentos especializados a respeito. Isto será objeto de um estudo particular e pormenorizado feito a seu tempo.

9 — *Composição* — A peça do canhão de 37 mm anti-carros compreende um cabo, um atirador, um 1.º municiador, um 2.º municiador, um remuniciador e um motorista.

10 — *Armamento — Equipamento — Transporte* — A arma principal da peça é um canhão de 37 mm anti-carro com os acessórios necessários para mantê-lo em ação e uma viatura-tratora que reboca o canhão e transporta a guarnição, os acessórios e a munição. Todos os componentes da peça são armados com pistola, exceção feita do motorista, que é armado com um fuzil metralhador. Cada peça é dotada de uma rede de disfarce e de dois sacos de munição. Há ainda a dotação fixa de equipamento como segue:

Cabo Chefe da peça — Binóculo — Bússola — Alicates — Cadereta de ordens e partes e almofada para ombro.

Atirador — N.º 1 — tirante de tração — picareta — alvião.

1.º *Municiador* — N.º 2 — tirante de tração — picareta — alvião.

2.º *Municiador* — N.º 3 — tirante de tração — pá portatil — saco de munição.

Remuniciador — N.º 4 — tirante de tração — pá portátil — saco de munição.

Motorista — lanterna elétrica — bússola.

Nota — Atualmente são armados com fuzil metralhador, destinado à defesa anti-aérea, todos os motoristas no Exército americano.

11 — *Funções* — Toda a guarnição é instruída para exercer qualquer função na peça. A instrução de cada membro da guarnição é objeto de regulamento especializado.

12 — *Deslocamentos* — a) Os deslocamentos de uma posição de espera para a posição de tiro ou de posições principais para outras alternadas são executados geralmente a braço. Os deslocamentos de posições principais para outras secundárias podem ser executados a reboque ou a braço, dependendo das distâncias que as separam. Os deslocamentos de posições de alerta para outras de tiro são geralmente executados com o canhão rebocado.

b) Em marcha de estrada e através campo, a viatura tratora é usada para rebocar o canhão e transportar a guarnição, munição e acessórios, sempre que a situação o permita. Em terreno difícil, os homens apeiam, auxiliando as viaturas, quando necessário. O cabo chefe da peça muitas vezes precede, a pé, a sua viatura para escolher o itinerário e evitar os obstáculos, porventura existentes.

13 — *Entrada em posição de tiros* — a) Reconhecimento a “priori” para a entrada em posição é feito tão cuidadosamente quanto possível, tendo-se em vista furtar-se à observação terrestre.

b) O chefe da peça *amarra* o local exato da posição de tiro na área designada pelo comandante da secção. O cabo escolhe a posição de espera e dirige até lá o deslocamento da peça, da posição de descarregamento. Ele fiscaliza a preparação e construção do espaldão para a guarnição, e toma todas as medidas necessárias para o mascaramento do espaldão, da guarnição e limpeza do campo de tiro. A munição suficiente para os tiros previstos é depositada na posição. Quando a ação esta iminente, é aconselhável colocar o canhão em posição no primeiro ponto encontrado de modo que a peça possa atirar, se aparecerem carros, antes que seja completado o reconhecimento para a posição escolhida (Veja figura I).

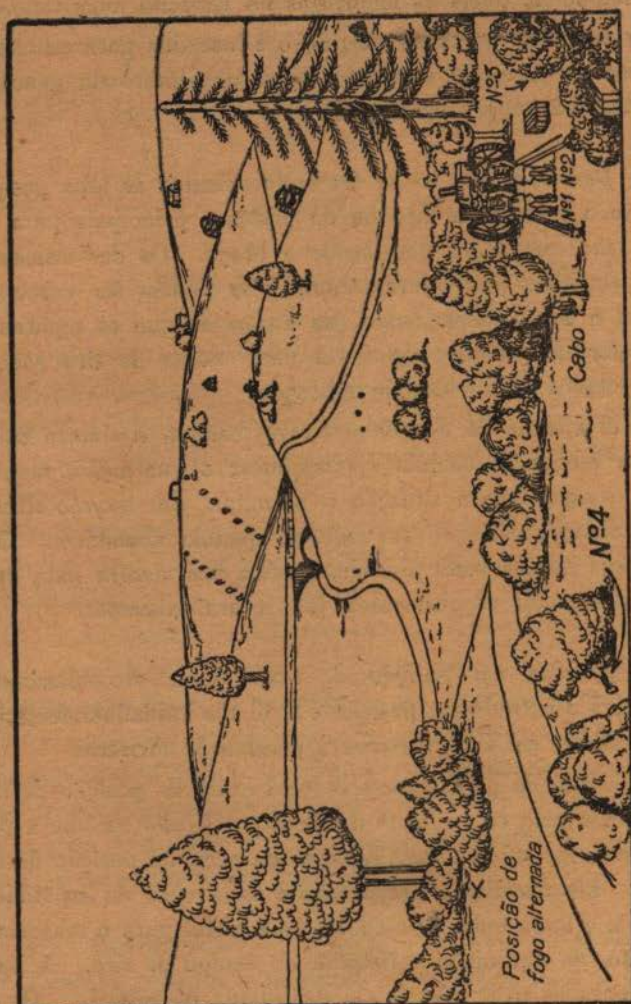


Fig. 1 — Pega em posição de tiro

c) A posição é preparada logo que a peça possa bater completamente o sector principal de tiro no seu limite máximo de frente a bater (1000 miléssimos). Se não existem obstáculos naturais, as vias de acesso imediatamente à frente da posição são bloqueadas onde for praticavel, por obstáculos artificiais. A munição é disposta no espaldão de tal modo que evite perturbações no serviço e deslocamentos da peça.

d) As medidas de disfarce são de extrema importância na separação de posições de onde o fogo não será aberto imediatamente. A peça é coberta com rede de disfarce ou com disfarce natural quer na posição de tiro, quer na posição de espera. São tomadas medidas para evitar ou diminuir os efeitos denunciadores da chama à boca da arma.

e) Sempre que o mascaramento da posição de tiro for impraticavel, os homens e a peça ocupam uma posição de espera enquanto o chefe de peça observa e prepara os dados para o tiro. A guarnição entra em posição com a peça pronta para o tiro à ordem do cabo Chefe de peça.

f) Quando se prolonga a ocupação de uma posição, é estabelecido o rodizio de observadores. E' assim organizada a observação, de tal modo que cubra todos os campos de vista à frente, nos flancos e na retaguarda da posição.

14 — *Observações e controle do fogo* — a) Se o cmt. da secção não reservou para si a ordem de abertura do fogo, o cabo Chefe da peça exerce o controle e observação de fogo de acordo com as instruções recebidas do Cmt. da Secção. Ele abre fogo nos objetivos que apareçam no sector de fogo principal da peça quando cheguem aos limites da distâncias fixada pelo cmt. da secção. O cabo chefe de peça só ordena a abertura do fogo após identificar com segurança os objetivos, como sendo veículos inimigos.

b) Quando os espaldões da secção de canhões 37 m/m, são instalados muito próximo para permitir o controle do fogo da secção, o cmt. desta pode determinar a abertura do fogo e tambem a transferência do tiro para outros sectores.

c) Depois de dada a ordem de fogo pelo cabo chefe de peça, o atirador escolhe por sua própria iniciativa, alvos sucessivos no sector de fogo designado.

d) Desde que se abra o fogo, este não é suspenso durante a progressão do ataque do carro. Podem ser necessárias breves e rápidas mudanças de posição para facilitar o fogo ou para fazer ataque ao flanco inimigo.

e) Quando a ação de fogo inimigo torna a posição principal insustentável, ocupam-se as posições alternadas. Durante a instrução da peça, são intensivamente praticados os deslocamentos da peça para a posição de descarregamento, o desatrolamento de direção de tiro, deslocamento para posições alternadas, e atrelamento da peça, de modo a reduzir o tempo necessário à estas operações.

f) O cabo chefe de peça deve estar sempre informado quanto à munição, e possibilidades de remuniamento. Ele providencia o remuniamento, a tempo de evitar que se esgote a munição da peça.

15 — *Deslocamentos* — a) No ataque a peça executa os deslocamentos para a posição de descarregamento designada pelo Cmt. da secção. Os movimentos em terreno limpo são executados com a peça rebocada e tão rápido quanto a natureza o permita. O máximo aproveitamento do terreno é feito afim de mascarar os movimentos. O Cabo Chefe de peça executa o reconhecimento da posição de tiro e dos itinerários que levem a ela, controlando o deslocamento da peça da posição de descarregamento para a posição de espera e a preparação da posição de tiro.

b) Os deslocamentos em retirada são efetuados tendo em vista os métodos preconizados para o ataque. (letra a — § 15).

CAPÍTULO IV

GRUPO DE COMBATE

16 — Sobre a instrução técnica e instrução individual do soldado, maneabilidade e combate do grupo, emprego do fogo do Fuzil Metralhador é-se obrigado a recorrer aos regulamentos especializados à respeito. Do mesmo modo que para a peça, será assunto de um estudo particular e pormenorizado feito a seu tempo.

17 — *Composição* — a) O Grupo de combate compreende um sargento, cmt. do Grupo e um cabo (auxiliar), um motorista, dois fuzileiros atiradores e 8 homens.

b) Sua organização e armamento permitem a formação de dois Grupos de tiro que são postos a disposição das secções anti-carros quando necessário a sua defesa e cada um deles constituido de um graduado, fuzileiro, o municionador e três homens.

18 — *Armamento — Equipamento — Transporte* — a) Todos os homens do Grupo são armados com fuzil semi-automático, com exceção dos dois fuzileiros atiradores que são armados de Fuzil Metralhador, e dos dois l.os. municionadores que são armados de pistola.

b) Como equipamento levam o seguinte material:

Cmt. do Grupo: — Binóculo, bússola, alicate, caderneta de ordens e partes.

Cabo auxiliar: — Bússola, Machadinha, caderneta de ordens e partes.

Três homens: — Picareta — alvião.

Oito homens: — Pás.

c) Um caminhão é destinado ao transporte do Grupo.

19 — *Missão* — a) A missão principal do Grupo é proteger as peças de secção em posição, contra ataques de elementos a pé ou motorizados, e em zonas de posição protegidas, a manutenção de serviço de alarme.

b) Quando destacados do pelotão ou secção anti-carros, para missões, o grupo completo ou o grupo de tiro do Fuzil Metralhador, pode fazer parte de um destacamento de segurança, cobrindo o movimento.

20 — *Emprego* — a) Quando as secções anti-carros têm missões em separado o grupo de combate é dividido em 2 grupos de tiro sendo designado uma para cada secção.

b) Na defesa de posições das peças anti-carros, ou o grupo é empregado no seu todo sob a direção do Cmt. de Pelotão ou distribuido em grupo de tiro para cada secção. O emprego efetivo de todo grupo é indicado quando a situação favorece a cobertura de toda a frente atribuida, pelo cruzamento de fogos dos fuzis metralhadores.

Quando o campo de vista é restrito ou quando o pelotão cobre uma frente muito larga, é geralmente necessária a distribuição dos grupos de tiro pelas secções.

c) Quando possível, o grupo de combate precede as peças na ocupação das posições. Nos deslocamentos escalonados do pelotão no ataque, o grupo desloca-se geralmente por grupos de tiro, sob o controle do cmt. do Pelotão.

c) O Cmt. do Pelotão anti-carros, coordena com as tropas vizinhas, as medidas para proteção da posição. Quando partes da posição são protegidas adequadamente por essas tropas, o grupo é empregado em cooperação com o serviço de alarme. Um flanco exposto pode exigir para proteção o emprego de um grupo completo.

e) O Cmt. do Grupo deve estar sempre seguro de que todos os homens do grupo compreenderam a missão (ver § 3).

f) Os homens disponíveis do grupo ajudam os atiradores das peças anti-carros na preparação da posição de tiro, e quando necessário no transporte a braço da munição, para a peça.

CAPÍTULO V

SECÇÃO ANTI-CARRO

21 — *Composição* — A secção de canhão de 37 m/m anti-carro compõe-se de um sargento, que é o comandante, um motorista e 2 peças de canhão 37 m/m anti-carros.

22 — *Armamento Equipamento e Transporte* — a) A secção consta de 2 canhões 37 m/m anti-carros e três viaturas tratoras. O Cmt. da secção é armado de pistola e equipado com uma lanterna elétrica, binóculo e uma caderneta de ordens e partes. O motorista é armado com um fuzil metralhador e equipado com uma bússola e uma lanterna elétrica.

b) Duas viaturas-tratores rebocam os canhões e transportam os homens das peças, acessórios e munição. A 3.^a viatura (viatura da secção) transporta o Cmt. de secção, a munição e é uma viatura-tratora de reserva. Quando as peças não estão destacadas, os remuniциadores podem ser transportados na viatura da secção, disponível,

para trabalhar com a munição. Em cada grupo de viaturas da secção, os fuzis metralhadoras dos motoristas fazem a segurança do estacionamento e a proteção anti-aérea.

23 — *Funções* — a) Cmt. da Secção — O Cmt. da Secção:

1) — De acordo com as instruções do Cmt. do Pelotão ou quem estiver subordinado designa os locais das posições ou locais aproximados, para os canhões, e prescreve as condições regulando a abertura do fogo.

2) — Designa posições para cada peça e de um local de reunião das viaturas da Secção.

3) — Designa sectores de fogo principais e secundários para cada peça e fiscaliza o fogo.

4) — Fiscaliza a preparação das posições de tiro e de espera e também as medidas de segurança e disfarce nas peças e nos locais de reunião das viaturas.

5) — Designa uma missão e uma posição ou locais para posição dos elementos de fuzileiros postos a disposição.

6) — Assegura-se que os Chefes de peça compreenderam suas missões e a missão da secção (ver § 3).

b) *Motorista*:

1) — O motorista dirige a viatura do Cmt. da Secção de conformidade com as instruções dele recebidas. Se outro não for designado ele tem a supervisão sobre as viaturas da secção.

2) — Disfarça cuidadosamente ou máscara sua viatura e fiscaliza o mascaramento e disfarce das viaturas tratoras na posição de descarregamento.

3) — Destaca os motoristas das peças para manejarem os fuzis metralhadores contra alvos terrestres e aéreos, ao mesmo tempo que observam o terreno e o ar. Ele próprio observa os sinais feitos pelos Cmt. da Secção e cabos chefes da peça.

4) — Verifica a quantidade de óleo e gasolina e as condições de funcionamento de todas as viaturas na posição de descarregamento.

24 — *Missões de fogo* — a) A secção, quando incorporada ao pelotão, recebe geralmente um definido sector de tiro a bater como

missão normal do combate. A ordem do Cmt. do pelotão fixa em geral, a distância limite para abertura do fogo.

b) A distribuição das missões de tiro para as peças depende da frente a bater designada para a secção. Sempre que possível, cada peça cobre o sector de tiro de secção, com a finalidade de assegurar o desempenho da missão da secção na eventualidade de neutralização de uma peça.

c) Uma secção pode ser destacada para defender uma determinada área, para barrar ao inimigo, uma via de acsso ou para apoiar uma unidade de fuzileiros no desempenho duma missão que exija a destruição de casas, organizações de concreto, muros de pedra e trabalhos defensivos semelhantes.

25 — *Marcha de estrada* — a) O deslocamento da secção (dentro do pelotão) é executado de acordo com o regulamento especializado para a instrução dos Transportes a Motor.

b) No deslocamento do regimento, uma secção é frequentemente posta a disposição de um elemento de segurança (vanguarda, flanco-guarda, etc...) ou de um Batalhão, e executa as missões determinadas pelo Cmt. da unidade à qual está em acompanhamento. Durante os altos horários ou grandes altos, os canhões anti-carros são desatrelados em locais apropriados, tendo-se em vista emprego imediato. Do mesmo modo, em bivaques, secções isoladas são postadas frequentemente para barrar uma aproximação ou são adidas a uma unidade de postos avançados.

26 — *O Regimento na Marcha de Aproximação* — Durante a marcha de aproximação, a secção pode ser empregada como um pelotão anti-carro incumbido da proteção do flanco do Regimento. Uma secção empregada nesta missão é reforçada ordinariamente com elementos de fuzileiros. A missão da Secção pode ser bater uma via de penetração ao acesso inimigo por um tempo determinado, ou até que o regimento ou elementos especificados dele tenha passado. Dependendo da situação, a Secção pode desempenhar esta missão improvisando uma obstrução da estrada, instalando temporariamente minas anti-carros, pela ocupação da posição de tiro ou posição de alerta.

27 — *Reconhecimento e entrada em Posição de Tiro* — a) Na preparação para o combate, o Cmt. do Pelotão ou aquele a quem estiver subordinada designa à Secção uma posição ou posições de alerta para onde o Cmt. da Secção desloca suas peças. Ao mesmo tempo ou o mais cedo possível, lhe é dada a zona das posições de tiro e o sector a bater. Acompanhado pelos cabos chefes de peça, o Cmt. da Secção reconhece a zona de posições designada, indica os sectores a bater e fixa os locais aproximados, dos espaldões. Se há iminência de um ataque imediato, os canhões são trazidos à frente e estabelecidos temporariamente em posições rapidamente escolhidas, de modo que eles possam se defender a si próprios e bater a zona, se aparecerem os tanques inimigos antes de que o reconhecimento esteja concluído. O Cmt. da Secção localiza o posto de observação e o local de reunião das viaturas e dirige o deslocamento das peças para suas posições e o das viaturas tratoras para seu local de reunião. Fiscaliza a preparação das posições de tiro dos canhões. Escolhe posições alternadas e suplementares de acordo com a missão e as instruções do Cmt. do Pelotão ou do Comando a que estiver subordinado. (Ver Fig. 2).

b) Usualmente, a Secção dispõe as posições de tiro escalonadas em profundidade, de modo a ser capaz de bater um profundo campo de tiro à frente e nos flancos.

c) Quando em fuzil metralhador do Grupo de combate do Pelotão anti-carro é posto à disposição da Secção, o Cmt. da Secção designa posições para o fuzil metralhador e os outros homens para uma defesa aproximada das peças, de acordo com os métodos gerais prescritos. A posição será muitas vezes localizada entre as peças. Um flanco exposto pode exigir, todavia, a ocupação de uma posição no flanco por parte ou por todo o grupo. Quando útil e necessário, um elemento do grupo pode ser empregado com o observador e mensageiro.

28 — *Direção e Controle do Fogo* — O Cmt. da Secção dirige o fogo de suas peças pela designação de sectores a bater e pela fixação de limites para abertura do fogo. O Cmt. da Secção excepcionalmente pode fazer depender a abertura do fogo de ordem sua. Ele verifica as medidas de controle do fogo dos cabos chefes de peça, fiscaliza o municiamento e destaca as viaturas para o particular ponto de distribuição de munição quando o remuniamento se tornar necessário.

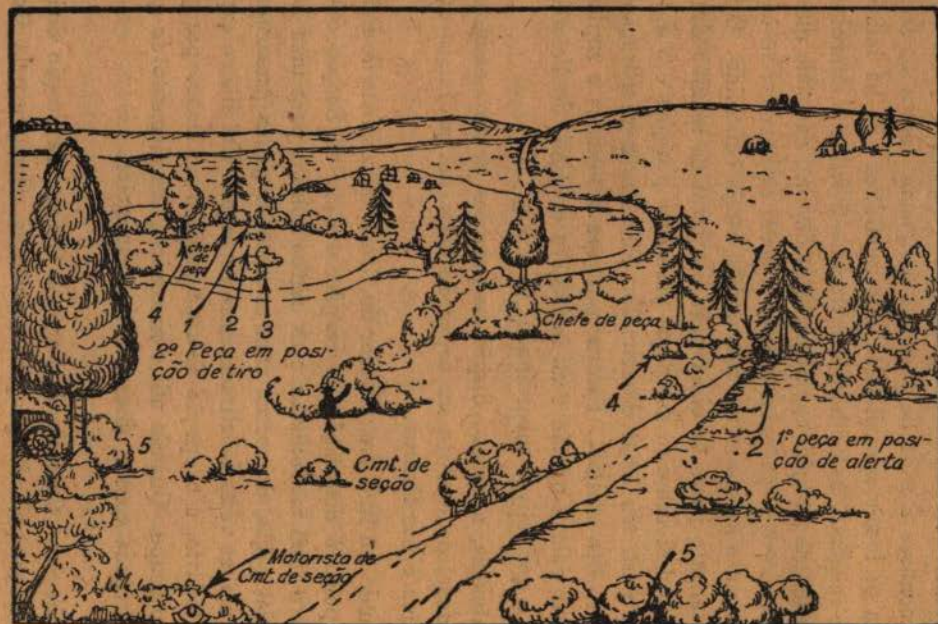


Fig. 2 — Seção em ação

1.^a peça em posição de alerta

2.^a peça em posição de tiro

29 — *Deslocamento*: — a) O Cmt. da Secção regula os deslocamentos em apoio a uma tropa atacante, de acordo com a missão ou as instruções do Cmt. do Pelotão. Ele executa um reconhecimento *a priori* das novas zonas de tiro e locais de reunião das viaturas. Frequentemente ele desloca a Secção por peças escalnadas, e desta maneira mantém um dispositivo em profundidade para defesa dos flancos. Esta conduta prevê que a peça da retaguarda, mantenha sua posição até que a situação permita um novo deslocamento da Secção. Este será o caso especial se a secção está agindo em um flanco exposto.

b) Os deslocamentos podem ser efetuados de ordem do Cmt. do Pelotão ou por iniciativa do Cmt. da Secção que é informado da zona a ser ocupada e do sector a ser batido na nova posição. Ele reconhece o terreno, para o deslocamento e estuda as medidas de deslocamento para as novas posições com os seus cabos de peça. O Cmt. da Secção se desloca à frente para a nova zona de posições, reconhece-a, entra em ligação com as tropas amigas em primeiro escalão, escolhe um posto de observação e os locais aproximados das posições de tiro das peças, de onde possa observar e bater a frente designada e os flancos. Escolhe uma posição de descarregamento e de onde a tração a braço para a posição de espera possa ser executada. Determina a execução do deslocamento das peças, aos sinais convencionados, ou por mensageiros. Quando o terreno era que se vai agir é limpo ou é conhecido, peça ou as peças podem ser trazidas a frente para um local designado ou colocadas ao longo de uma estrada ou caminho onde instruções serão dadas para deslocamentos para frente ou para entrada em posição.

c) Os elementos de fuzileiros postos à disposição precedem a Secção para a nova posição e são colocados em posição antes da chegada das peças.

CAPÍTULO IV

O PELOTÃO ANTI-CARRO

30 — *Composição*. — O Pelotão anti-carro compreende um grupo de comando do Pelotão, duas secções anti-carro e um grupo de combate a dois fuzís-metralhadoras. Elementos de transmissões, de re-

conhecimentos e de sapadores são em geral postos à disposição para a execução de missões próprias de suas especialidades.

31 — *Grupo de Comando:*

a) *Pessoal.* — O Grupo de Comando compõe-se de:

Um tenente, que comanda e dirige todos os elementos do pelotão no combate;

Um sargento auxiliar, que auxilia o tenente e o substitue nas funções;

Um cabo-ligação, que é empregado como agente de ligação para a unidade que está sendo apoiada, e auxilia na execução dos reconhecimentos e controle do fogo;

Um cabo dos transportes, que dirige os transportes do pelotão;

Um motorista (soldado), que dirige o carro do Comando e Reconhecimento;

Dois mensageiros (soldados), que são treinados como observadores e rádio-operadores.

b) *Armamento.* — São armados de pistolas, o comandante do Pelotão, o sargento auxiliar, o cabo de ligação e o cabo observador. O cabo dos transportes, os dois mensageiros são armados com fuzil-automático. O motorista leva o fuzil-metralhadora.

c) *Material topográfico e de observação e transmissão.* O grupo de comando dispõe ainda de prancheta, bússola lusática, dois transferidores e um aparelho de radiotelefonia portátil SCr 195, além do material usado individualmente.

d) *Transporte.* — O Grupo de Comando dispõe para o transporte de um carro de Comando e Reconhecimento.

e) *Deveres* — (1) *Cmt. do Pelotão* — Comanda as duas secções, o transporte do Pelotão (inclusive a Secção de Transporte quando incorporada), o grupo de Comando, o grupo de combate e todos e quâisquer elementos que sejam postos à sua disposição, tais como de reconhecimento, sapadores e transmissões. Ele pode encarregar o cabo dos transportes, de controlar todos os veículos no local de reunião dos veículos, o que de resto é normal, nas situações defensivas. Assegura-se que a missão do Pelotão está perfeitamente compreendida por todos os seus homens.

(2) — *Sargento-auxiliar.* — Auxilia o Cmt. do Pelotão na execução de suas funções e o substitue quando necessário, superintende o

funcionamento do Posto de Comando e o remuniciamento. Em marcha, contra a retaguarda do pelotão, onde se desloca esforçando-se para evitar o alongamento e mantendo o contacto com todos os elementos do Pelotão; executa as funções de 1.º sargento, quando o Pelotão está destacado.

(3) — *Cabo de ligação* — é empregado como agente de ligação com a unidade que é apoiada. Mantém o Cmt. do Pelotão sempre informado da situação.

(4) — *Cabo dos transportes*. a) Encarregado das viaturas do Pelotão, quando reunidas (viaturas-munição, carga e carro de comando);

b) Dirige o deslocamento das viaturas para o local de reunião das viaturas, quando as peças são desatreladas;

c) Designa um motorista para observar sinais e receber mensagens do Cmt. do Pelotão;

c) Controla a disposição das viaturas e as medidas de segurança local quando as viaturas do Pelotão são reunidas;

e) Verifica as necessidades de gasolina e óleo e as condições mecânicas das viaturas do Pelotão;

f) Desempenha as funções do sargento aprovisionador, quando o Pelotão está destacado.

(5) — *Cabo observador*. — Auxilia o Cmt. do Pelotão na execução do reconhecimento e na instalação do Posto de observação.

(6) — *Motorista*. — Trabalha no carro de Comando e Reconhecimento, de acordo com as ordens do Cmt. do Pelotão.

(7) — *Mensageiros*. — Treinados também como observadores e para trabalhar com os telefones de campanha e com os aparelhos portáteis de radiotelefonia. Um dos mensageiros em regra acompanha o Cmt. do Pelotão, enquanto o outro auxilia o cabo observador no posto de observação.

32 — *Distribuição do pessoal para os Deslocamentos*. — O Cmt. do Pelotão, o cabo de ligação (quando não destacado em sua missão), o cabo observador, um mensageiro (com aparelho portátil de radiotelefonia) e o motorista são normalmente transportados no carro de Comando. O sargento auxiliar, o cabo dos transportes e o mensageiro restante são transportados em outra viatura determinada pelo Cmt. do Pelotão.

33 — *O Regimento na marcha de aproximação:* a) O pelotão geralmente opera como uma só unidade sob a direção imediata do seu Cmt. O Pelotão pode ter missões específicas de proteger o flanco do Regimento ou apoiar um determinado escalão ou unidade;

b) Geralmente a ordem do Regimento, numa missão de proteção a um flanco, indica as vias de acesso que devam ser defendidas, tão distante quanto possa ser previsto. A ordem inicial ou as subsequentes instruções do comandante da Companhia indicam a ocasião de desobrigação da defesa anti-carro, de cada via de acesso ou área designada. A ordem pode também pôr à disposição do Pelotão elementos de fuzileiros, de reconhecimento e transmissões.

c) O Cmt. do Pelotão, após o recebimento de ordens ou instruções, determinando-lhe uma missão de proteção a um flanco, designa um local onde o Pelotão permanecerá abrigado, enquanto ele executa um reconhecimento com o pessoal do seu grupo de comando e acompanhado do grupo de Combate de proteção ao Pelotão. Esse reconhecimento é executado tendo em vista as prescrições relativas à segurança e ao reconhecimento. Baseado neste reconhecimento, o Cmt. do Pelotão escolhe uma só ou várias posições alternadas de onde a defesa anti-carro será levada a efeito. Nesse último caso ele designará uma posição de alerta para o Pelotão e itinerários ou caminhos que conduzam às várias posições de tiro escolhidas. Estabelece postos de observação de onde possa descobrir qualquer aproximação inimiga, a tempo de permitir a rápida entrada em posição de suas peças para execução da missão;

d) O sargento auxiliar conduz o Pelotão para o local de abrigo designado e toma todas as medidas de segurança que os meios disponíveis e a situação o permitam.

e) Depois do reconhecimento, o Cmt. do Pelotão reúne-se ao Pelotão e o conduz tão rapidamente quanto possível para a posição de descarregamento ou posição de alerta. Estabelece alguns meios de transmissões de seu posto de comando para o posto ou postos de observação. Designa zona de posições e setores de fogo a bater pelas secções e toma as necessárias medidas para a segurança aproximada do Pelotão. Quando há meios suficientes os grupos de tiros são estabelecidos para defesa do flanco da posição. Ele dá ao cabo dos transportes as necessárias instruções para o dispositivo do pessoal e

viaturas no local de reunião das viaturas. Comunica, finalmente, ao Cmt. da Cia. seu dispositivo no terreno, o mais cedo possível;

f) Tão logo o Regimento continua seu deslocamento, o Cmt. do Pelotão inicia o reconhecimento para zona de posições em perspectiva. Quando fôr o caso, uma secção pode ser mantida pronta a entrar em posição, de modo a proteger o deslocamento da outra para a nova zona.

34 — *Apoio ao Escalão de ataque:* — a) Geralmente, o Pelotão recebe ordens no local de reunião do Regimento de que protege a ocupação e o avanço dali. Quando um Pelotão recebe uma missão de proteger uma unidade de fuzileiros ou um escalão, em geral progride à frente deste escalão ou da unidade, em situação de alerta, para a ação exigida pelas circunstâncias. A progressão é feita por lanços, de posição de abrigo em posições de abrigo que podem ser ocupadas com as peças rebocadas (atreladas), e de onde possam prontamente ocupar as posições de tiro. As zonas de posição e setores de fogo a bater são designados para as secções. São contínuas as previsões para observação e segurança do local. A proteção ao flanco pode exigir um avanço escalonado de posições de tiro em posição de tiro. As secções em geral progridem por peças escalonadas. O Pelotão segue a unidade a ser protegida tão próximo quanto as cobertas utilizáveis o permitam. Ele também protege a tropa de ser envolvida por um ataque de carros pelo flanco. Frequentemente se usa o deslocamento escalonado;

b) Baseado na ordem do Regimento e nas instruções do Cmt. da Cia., o Cmt. do Pelotão dá suas ordens para a proteção das tropas no local de reunião e no ataque. Ele designa zona de posição inicial, setores de fogo a bater por suas secções e prescreve o processo de deslocamento. O terreno e a situação podem permitir-lhe designar zonas de posições sucessivas para suas secções, afim de proteger o avanço dos escalões ou unidades. Terreno difícil ou uma situação não definida podem fazer com que o Cmt. do Pelotão designe uma zona de ação para cada secção. Neste caso, os Cmts. de Secção devem empreender recolhimentos contínuos de zonas de posição para se assegurarem de deslocamentos feitos a tempo e com eficiência. Cmt. do Pelotão distribue seu grupo de combate pelas secções ou lhe determina uma missão de segurança definida;

c) A situação do escalão que ataca, o aspecto do terreno como o terreno se apresenta para a progressão e a intensidade do fogo influenciam o início da progressão. Como regra geral, o escalão que ataca deve se apossar inicialmente de uma posição à frente de um acidente de terreno (dobra do terreno), que possa ser utilizada como uma cobertura para os canhões anti-carros. Quando o terreno em que se fará a progressão está exposto ao contínuo fogo das armas da Infantaria, pode ser preciso esperar que seja capturado um acidente do terreno que mascare o movimento. Um terreno plano que impeça deslocamentos motorizados de grandes velocidades pode permitir movimento para uma posição a despeito dos fogos inimigos que por acaso batam a zona em que se processa o deslocamento;

d) Com a chegada do escalão de ataque à distância de assalto ao seu objetivo, o Comt. do Pelotão procura concentrar suas peças tão avançadas quanto a situação e o terreno o permitam. Na conquista do objetivo ele dispõe seus canhões de modo a melhor proteger as tropas que assaltam dos contra-ataques blindados inimigos. Esta ação pode exigir o emprego dos canhões em uma posição, de modo a possibilitar a proteção contra um ataque no flanco.

35 — *Defensiva*: a) Na defesa com um Regimento na defensiva, um Pelotão pode ter várias missões de combate, tais como: a defesa de um determinado setor, a cobertura de uma zona ou via de acesso aos ataques de carros inimigos ou a proteção de uma determinada unidade ou escalão;

b) O Cmt. do Pelotão designa um setor de fogo a bater, distribue suas secções, designa zonas de posição e dirige o fogo de suas secções de acordo com o prescrito no parágrafo 34, letra b.

CAPÍTULO VII

A COMPANHIA DE CANHÕES ANTI-CARRO

36 — *Composição*. — A companhia de Canhões de 37 m/m anti-carros, compreende o Comando da Companhia e três pelotões de canhões 37 m/m anti-carros. O comando da Companhia compreende um

grupo de comando da Companhia, um grupo de administração e de aprovisionamento.

a) — *O grupo de Comando da Cia. compreende:*

1) — *O Comandante da Cia.* — um capitão; comanda a Cia. e trabalha junto ao Estado Maior do Regimento como órgão técnico.

2) — *O oficial de reconhecimento.* — um segundo tenente, que auxilia o Comandante da Cia. nos reconhecimentos de locais de reunião, itinerários e caminhos, posições de tiro, abrigos, disfarces e no cômputo dos dados para o tiro.

3) — *Um 1.º sargento* — que auxilia o comandante da Cia., instala e faz funcionar o posto de Comando da Cia.

4) — *Um sargento das transmissões e reconhecimento* — que auxilia o oficial do reconhecimento, controla as transmissões da Cia. e auxilia no funcionamento do Posto de Observação da Cia.

5) — *Um corneteiro* (soldado) — que é instruído como observador e presta serviço como um guia.

6) — *3 mensageiros* (soldados) — que atuam como mensageiros, guias e são treinados para trabalhar com os aparelhos portáteis de radiotelegrafia SCR 195 (pelotões).

7) — *3 motoristas* (soldados) — que dirigem o carro do Comando e Reconhecimento, a viatura-rádio e a viatura-munição.

8) — *Rádio-operadores* (soldados) — que trabalham com o aparelho de radiotelegrafia SCR 245 (Regimental).

b) — *O Grupo de administração e aprovisionamento compreende:*

1) — *Um tenente sub-cmt.* — Um primeiro tenente que atua no escalão de retaguarda da Cia. e é o responsável pelo aprovisionamento de munição, alimentação, água, gasolina, e óleo.

2) — *Um sargento dos transportes* — que auxilia no controle das viaturas.

3) — *Dois mecânicos* (soldados) — que prestam assistência técnica às viaturas e auxiliam o sargento dos transportes.

4) — *Quatro motociclistas* (soldados) — que dirigem as motocicletas com "sid-car".

5) — *Um sargento aprovisionador* — que obtém os aprovisionamentos para a Cia.

6) — *Um armeiro-artífice* (soldado) — que presta assistência técnica às armas e auxilia o sargento aprovisionador na obtenção dos suprimentos.

7) — *Um sargento do rancho* — que superintende a preparação e distribuição das refeições.

8) — *Quatro cozinheiros* (soldados) — que preparam as rações.

9) — *Três auxiliares de cozinheiro* (soldados) — que auxiliam os cozinheiros.

10) — *Dois motoristas* (soldados) — que dirigem as viaturas.

11) — *Um cabo empregado* — que faz a escrituração da Cia.

12) — *Quatro soldados* suplementares da Cia. — para preenchimento de claros.

37 — a) *Armamento*. — O capitão Cmt. da Cia., o primeiro tenente sub-cmt., o oficial de Reconhecimento, o 1.º sargento, o sargento do Reconhecimento, o corneteiro e os rádio-operadores são armados de pistola.

O restante do Comando da Cia. é armado de fuzil semi-automático, com exceção dos cinco motoristas que são armados com o fuzil-metralhadora.

b) — *Material de observação e tiro*. — Todos os graduados e o corneteiro são equipados com binóculo.

c) — *Ferramenta de sapa*. — As ferramentas são distribuídas no Grupo de Comando da Cia. à razão de cinco pás, três picaretas, um machado e um alicate, para cada 10 homens, de modo que se faça a preparação e instalação do P. C., do P.O., ou outra qualquer organização exigida pelas circunstâncias.

c) — *Material transmissões*. — Um aparelho de radiotelegrafia-radiotelegrafia SCR 245 e dois aparelhos portáteis de radiotelegrafia SCR 195.

c) — *Transporte*. — a) O transporte orgânico motorizado do Grupo de Comando da Companhia Anti-Carro compreende:

1 carro de Comando e Reconhecimento;

1 viatura-rádio;

3 viaturas-munição;

4 motocicletas com "sid-car".

b) — As seguintes viaturas são incluídas na secção anti-carro da Companhia Extranumerária do Regimento de Infantaria:

1 caminhão para cozinha e bagagem;

1 reboque para carga;

1 caminhão para munição.

38 — *Localização do Comando da Cia. no combate.* — Em zona de combate, o Grupo de Comando da Cia. geralmente é localizado nas vizinhanças do Grupo de Comando do Regimento. O grupo de administração e aprovisionamento fica próximo ou com o trem de estacionamento regimental.

39) — *Deveres do Grupo de Comando:* — a) *Comandante:* capitão. Comanda a Companhia e é também membro do Estado Maior, como órgão técnico. Ele coordena com o oficial de transmissões do Regimento o estabelecimento de um sistema de transmissões que possibilite aviso a tempo, de um ataque de carros inimigos. Ele se certifica que seus Cmts. de Pelotão compreenderam perfeitamente as missões de seus pelotões (ver parágrafo 3.º).

b) — *Oficial do Reconhecimento.* — Auxilia o Cmt. da Cia. na execução do reconhecimento. Os objetivos do seu reconhecimento incluem locação de posições de tiro e posição de alerta, vias de acesso e deslocamento para essas posições, postos de observação locais de provável reunião de carros inimigos e vias de acesso a esses locais, e eficácia dos obstáculos contra carros. Ele auxilia, quando necessário na condução dos pelotões para zonas ou posições designadas pelo Comandante da Companhia.

c) — *1.º sargento.* — Dirige, fiscalizado pelo Cmt. da Cia. os deslocamentos e a disposição dos Grupos de Comando da Cia. e estabelece fazendo funcionar o posto de Comando da Cia. Ele auxilia o Cmt. da Cia. na manutenção da ligação com o P.C. do Regimento, os pelotões anti-carro, o grupo de administração e aprovisionamento e os transportes da Cia.

d) — *Sargento das transmissões e do reconhecimento* — auxilia o oficial do reconhecimento e é responsável pelas transmissões da Cia. (rádio, com fio e à vista). Assiste no estabelecimento do posto de observação e coopera na condução das unidades.

- e) — *Corneteiro*. — Atua como um observador e guia.
- f) — *Motoristas*. — Dirigem o carro do Comando e reconhecimento, a viatura-rádio e a viatura-munição.
- g) — *Mensageiros*. — Atuam como mensageiros, guias e auxiliam no PC. da Cia.
- h) — *Rádio-operadores*. — Trabalham com o aparelho de radiotelegrafia e radiotelegrafia da viatura-rádio e com o aparelho portátil de radiotelegrafia. Todos os homens do Grupo de Comando são instruídos para operar com os aparelhos de radiotelegrafia.
- i) — *Mecânicos*. — Operam no parque de reparos e conservação das viaturas.

40 — *Grupo de administração e de aprovisionamento*. — O 1.º tenente, sub-cmt., dirige os trabalhos do Grupo e o recebimento e remessa de abastecimentos, incluindo munição, rações, água, gasolina e óleo. Ele é auxiliado em suas funções pelo sargento do rancho, sargento dos transportes, sargento aprovisionador e das munições, cabo-empregado, armeiro, dois motoristas, cozinheiros e ajudantes, e um motociclista.

41 — *Transmissões*. — Os meios de transmissões da Cia. incluem rádios, sinalização ótica e a braços, telefones de campanha, estafetas motociclistas e mensageiros. Em situações estabilizadas e frequentemente na defensiva é estabelecida a transmissão pelo fio, pelo pelotão de transmissões do Regimento entre as unidades anti-carros e a mais próxima unidade, tendo linhas de transmissões entre o mais alto Comando e as unidades vizinhas.

42 — *Missão*. — As missões da Companhia anti-carro podem ser: proteção a uma unidade de fuzileiros, defesa de uma zona ou a cobertura de uma ou várias vias de acesso e penetração que possam vir a ser utilizadas pelas unidades mecanizadas inimigas.

43 — *O Regimento na marcha de aproximação*: a) No deslocamento em coluna de estrada do Regimento, o grupo de Comando da Cia. geralmente funciona nas mediações do Grupo de Comando do Regimento. A ordem de deslocamento do Cmt. do Regimento atribui missões de proteção à Companhia anti-carro. Essas podem incluir:

1) Proteção do flanco do Regimento contra ataques blindados de determinadas zonas ou direção. A ordem pode determinar zonas sucessivas ou vias de acesso a serem defendidas contra a aproximação dos carros inimigos.

2) Proteção ao avanço do trabalho ou escalão do regimento (a ordem regimental pode pôr à disposição de um batalhão um pelotão anti-carro).

b) — O Cmt. da Cia. distribue os pelotões para a execução da missão atribuída à Cia. Ele os reforça quando necessário com meios adicionais postos à sua disposição pelo Cmt. do Regimento e que podem ser elementos, quer de fuzileiros, quer de reconhecimento, quer de transmissões.

c) — Excetuados os casos de proteção de flancos, o dispositivo da Companhia Anti-Carro durante uma aproximação não coberta do Regimento é frequentemente a seguinte:

1) Um pelotão em acompanhamento ou em apoio de cada elemento testa do batalhão.

2) O restante da Cia. prevê a proteção ao segundo escalão do Regimento.

d) — As missões atribuídas aos pelotões tratam:

1) Defesa do flanco (onde e quando necessário), cobrindo zonas sucessivas ou vias de acesso e penetração contra forças mecanizadas inimigas.

2) Proteção a um determinado escalão ou a um batalhão de fuzileiros (a posição inicial do pelotão e o método de progressão são prescritos pelo Comandante da Cia.).

e) — O Comandante da Cia. mantém estreita ligação com seus pelotões pela radiotelefonia e pelos meios motorizados. O oficial de reconhecimento, com um ou mais mensageiros, acompanha os destacamentos de reconhecimento do Regimento. Reconhece o terreno tendo em vista principalmente o estabelecimento de obstáculos anti-carros, vias de acesso e penetração que favoreçam aos ataques inimigos, passagens nos cursos d'água, obstáculos ao movimento motorizado, e necessários desvios. Reconhece os objetivos aproximados determinados pelo comandante do Regimento, visando uma possível defesa às áreas de reunião do Regimento e a localização de posições de apoio ao ataque do regimento. Prontamente transmite ao seu comandante de



Carvão atirando — Observe-se como é feita a ancoragem pelos municiaidores

Cia. e pelo mensageiro, as informações mais importantes do seu reconhecimento.

44 — *Reunião do Regimento para a ação.* a) — Disposição da Cia. anti-carro para a proteção de um local de reunião para a ação, são antecipadas pelo reconhecimento anterior dos locais de reunião. Uma distribuição dos elementos anti-carros para este fim para o apoio de um ataque é em geral necessário.

b) — O comandante da Companhia designa zonas de posição para os pelotões e localiza um posto de observação que permita um campo de vista do terreno à frente e nos flancos. Designa uma posição para as viaturas do grupo de Comando da Companhia tão próximo do posto de comando quanto as exigências de cobertura e distribuição adequada o permitam.

45 — *Ataque:* — a) A ordem de ataque do Regimento atribue à Cia. anti-carro missões de apoio e proteção do flanco, quando exigidas pela situação. Excepcionalmente, ela põe os pelotões anti-carro à disposição dos batalhões de fuzileiros. Este pode ser o caso quando o ataque é feito em uma frente particularmente larga ou quando a visibilidade é restringida pelas dobras e acidentes do terreno.

b) — As missões de apoio podem fazer com que pelotões sejam designados para proteger determinados batalhões. Mais frequentemente as ordens do Regimento especificam o número de pelotões a ser designado para prover a proteção anti-carro ao escalão de ataque, de uma maneira global, deixando ao comandante da Cia. a iniciativa na designação das missões pelos pelotões.

c) — Quando as circunstâncias fazem com que um Regimento ataque com um flanco exposto, ou quando por qualquer outra razão, possíveis contra-ataques blindados podem ser esperados, uma parte da Cia. é mantida em reserva ou disposta em profundidade. A localização é missão dos elementos anti-carros assim empregados e são coordenados com a reserva do Regimento.

d) — Em geral, a missão designada inicialmente para um pelotão encarregado da proteção de um escalão de ataque será bater um determinado setor de fogo e, como as tropas, progride à frente, tendo em vista assegurar proteção contínua. Os setores de fogo podem ser

novamente determinados em cada deslocamento, ou zonas de ação podem ser designadas a cada pelotão. Quando as condições do terreno ao longo de toda a frente são evidentemente as mesmas, o pelotão pode ser designado para a proteção de cada batalhão no escalão de ataque.

e) — Um pelotão em reserva pode ser designado para uma zona de posições inicial, com a missão de bater um definido setor de fogo, bloquear uma via de acesso bem determinada ou pode ser colocado em uma “posição de alerta” com a missão de impedir a penetração em várias vias de acesso pelas forças mecanizadas inimigas. O Comandante da Cia. apoia-o na missão, se exigido na progressão do ataque.

48 — *Deslocamentos* — a) O Cmt. da Cia. prepara o deslocamento com instruções precisas, pertinentes às zonas de posições dos pelotões no deslocamento inicial.

b) O oficial de reconhecimento, acompanhado pelo sargento das transmissões e reconhecimento, e um ou mais mensageiros, segue de perto o escalão de ataque. Reconhece as zonas de posição indicadas pelo Cmt. da Cia. e o terreno à frente, com atenção especial para os obstáculos anti-carros e as vias de acesso. Quando for o caso, sugere ao Cmt. da Cia. zonas de posição e sectores a bater. Nessas sugestões deve levar em conta existência ou disposições previstas para emprego do Batalhão Anti-Carros, de modo a assegurar coordenação de esforços.

c) O Cmt. da Cia. pode regular o deslocamento dos pelotões pela designação de zonas à frente para os pelotões, ou pela indicação de zonas de posição, baseado no reconhecimento feito pelo oficial de reconhecimento da Cia. Pode deixar aos Cmts. de pelotões o início do deslocamento, de acordo com instruções gerais aos cmts. de pelotões ou condicionar a execução do movimento a uma ordem sua. O deslocamento dos pelotões de apoio deve ser iniciado tão logo o escalão de ataque dos fuzileiros esclareça o terreno que mascara o fogo das peças anti-carro. Quando o escalão de ataque ocupa uma posição em uma crista ou próxima dela, as peças podem deslocar-se para linha das unidades de primeiro escalão ou ocupar um abrigo em alerta para qualquer movimento.

49 — *Perseguição* — Pelotões são em geral postos à disposição dos Batalhões de fuzileiros tendo em vista a proteção aos batalhões contra

forças blindadas inimigas que possam tentar impedir ou retardar a perseguição. Devem ser aproveitadas todas as oportunidades de bater o inimigo blindado que retrai ou unidades motorizadas inimigas, em coluna de marcha ou quando em progressão através dum desfiladeiro.

50 — *Regimento na defensiva* — a) A missão principal da Companhia Anti-Carros é a proteção imediata da zona do Regimento. As peças são dispostas de modo a bater todas as vias de acesso e penetração aos carros, conduzindo para a zona defensiva do Regimento.

b) O método de defesa da L.P.R. é grandemente influenciado pelo tempo disponível para a preparação da posição. Na organização sumária de uma posição defensiva é aconselhável a ocupação, por algumas peças, de posição em uma crista a pouca distância da L.R.P., de modo a permitir a cobertura para os canhões e facilitar os deslocamentos para as posições alternadas. Sempre que for possível, as posições das peças são escolhidas em terreno que seja desfavorável à ação dos carros e de onde as peças possam executar fogos eficazes de flanqueamento sobre as favoráveis vias de acesso. As peças são dispostas em profundidade, e em posições de tiro, mascaradas ao longo dos flancos e atirando irregularmente através das vias de penetração, de tal modo que os carros inimigos são obrigados avançar contra um fogo contínuo de frente, oblíquo e de enfiada. A configuração do terreno, meios anti-carros utilizáveis e a situação do inimigo têm influência no dispositivo em profundidade dos elementos anti-carros. Os meios anti-carros devem ser dispostos de tal modo a permitir o emprego em tempo, à frente ou nos flancos. Devem ser atribuídas missões definidas para os elementos anti-carros da reserva do Regimento, missões essas que incluem o reforço ao primeiro escalão do regimento ou a cobertura às vias de acesso aos carros inimigos que se dirijam para a zona do regimento, quer vindo da frente, quer da retaguarda.

c) Nos postos avançados as peças anti-carros ocupam posições nas cristas batendo vias de acesso ou zonas de possível emprego dos carros, tendo em vista destroçá-los, canalizá-los ou retardar os carros inimigos no seu avanço em direção à posição principal.

d) Um pelotão protegendo a reserva regimental subordina-se ao plano para o emprego da reserva. Suas posições e plano de ação são coordenados com obstáculos naturais e artificiais de modo a proteger

as posições de partida da reserva, no contra-ataque contra tropas de infantaria inimiga que seguem os carros que atacam. Seu Cmt. escolhe e prepara posições de acordo com o plano para a ocupação de uma linha de resistência no flanco, a ser ocupada pela reserva regimental em caso de penetração do inimigo em um sector vizinho. Um pelotão em apoio à reserva do Regimento, ocupa, geralmente, uma posição de alerta e estabelece postos de observação sobre as vias de acesso às várias posições alternadas de tiro, escolhidas.

51 — *Retirada* — As unidades anti-carros são em geral postas à disposição da tropa que cobre uma retirada. Quando necessário, um elemento é mantido sob controle do regimento para proteção do flanco e missões destacadas. Posições são ocupadas tendo em vista facilitar a retirada (retraimento) do regimento, defendendo-o contra elementos blindados inimigos das forças de perseguição.

CAPÍTULO VIII

MUNIÇÃO

52 — Considera-se 80 cartuchos o suficiente para o cumprimento de uma missão. Por isso, esta quantidade é levada na viatura-tratora da peça. Chama-se esse número de tiro uma missão. *Duas missões* (160 tiros) são transportadas na viatura do Cmt. da Secção é levada para a posição da peça para o consumo inicial. A munição transportada na viatura-tratora da peça e em outras viaturas da Companhia, é utilizada como reserva.

53 — *Remuniciamento* — O Cmt. do Pelotão é responsável por que o consumo de munição seja prontamente reposto e que a munição suficiente esteja sempre em condições de ser utilizada na posição das peças, de modo a assegurar um desempenho integral das missões de fogos prevista. O cabo chefe de peça dá conhecimento das necessidades em munição ao Cmt. da Secção, que prontamente transmite essa informação ao Cmt. do Pelotão. Quando as peças necessitam imediato remuniciamento, os cabos chefes de peça e Cmt. da Secção a obtem da viatura da Secção.



Municiador com saco de munição

54 — *Distribuição* — a) *Secção de canhão anti-carros* — A munição (9.000 perfurante e 10 % de alto explosivo), transportada em cada secção, é distribuida do seguinte modo:

Viatura Cmt. Secção	160 tiros
Viatura Tratora — 1. ^a peça	80 tiros
Viatura Tratora — 2. ^a peça	80 tiros
<hr/>	
Total	320 tiros

b) *Companhia Anti-Carros do Regimento* — A munição (9.000 perfurante e 10 % de alto explosivo), transportada pela Companhia, é distribuída como segue:

1.º Pelotão — 2 Secções — 320 — peças	320	640 tiros
2.º " " "	"	640 "
3.º " " "	"	640 "
Secção Anti-Carros da Cia. extra do Regimento (um caminhão munição)		480 "
Total a ser utilizado na Cia.		2.400 "

c) *Reserva* — 100 tiros, por peça anti-carros, são transportados no trem divisionário, como reserva.



TRAVESSIAS FEITAS NA BATALHA DA FRANÇA

Cap. NEWTON FARIA FERREIRA

O presente artigo foi traduzido do livro "Engineers in battle", publicado em junho de 1942. No mesmo, o seu autor, Ten. Cel. Paul W. Thompson, do Exército Norte-Americano, colecionou uma serie de 15 artigos versando sobre ações da Engenharia alemã na presente guerra, e oriundos de divulgações feitas por revistas militares alemães. (1)

No inicio da ofensiva alemã e durante a batalha de FLANDRES, o 88º Batalhão de Engenharia deve ter aguardado com anciedade a sua vez de entrár em ação. Durante aqueles dias a Divisão de Infantaria, grande unidade a qual pertencia o referido Batalhão, fazia parte das tropas em reserva, marchando à retaguarda da ala esquerda do Grupo de Exército, o qual, operando ao norte do SAMBRE, empenhava-se em cercar as forças aliadas em FLANDRES. As missões do Btl. mais se assemelhavam a missões de manobras, que propriamente de guerra: concertos em pontes, marcações de estradas, reconhecimento de areas para bivaques e outras semelhantes. Era esta a situação quando o Exército belga capitulou (28 maio 1940).

Esta capitulação veio desobrigar automaticamente um grande número de divisões alemãs, e, entre elas, a do 88.º Batalhão de Engenharia. Nessa ocasião estava empenhado no reconhecimento de uma estrada ao norte de CAMBRAI, em direção a LENZ, missão aliás pouco interessante. Recebeu ele ordem de interrompe-la imediatamente e marchar em direção ao Sul. Pode-se por este observar-se que o alto comando alemão se preparava para a travessia do SOMME, a qual por seu turno deveria ser o prenuncio da batalha de FRANÇA.

(1) Vierteljahreshefte für Pioniere. Militarwissenschaftliche Rundschau. Militar-Wochenblatt.

Foi nos últimos dias de maio que a batalha alcançou as visinhanças de Amiens, às margens do SOMME. Após passar cerca de dois dias em CONTAY-VAND COURT, dirigiu-se o Batalhão para as visinhanças de VIGNA-COURT. A sua divisão havia conquistado aquele setor, rechasando as tropas que o mantinham; iniciou então o Batalhão os seus preparativos para a travessia.

Os preparativos consistiram principalmente no reconhecimento e reunião do material. Aquele foi minucioso e cheio de dificuldades, tendo tomado parte todos os oficiais, inclusive o próprio comandante. Os grupos encarregados do reconhecimento operaram aproveitando as sombras da noite, entardecer e amanhecer. Penetraram no vale do rio e, algumas vezes mesmo, o atravessaram, indo até a margem inimiga. Conseguiram valiosas informações sobre as posições, as medidas tomadas para o seu reforçamento e os movimentos do inimigo. Verificaram também que as tropas francezas eram na sua maioria constituídas por Marroquinos.

Os resultados finais do reconhecimento, após intensivo trabalho foram os seguintes:

- largura do rio 27 a 30 metros;
- margens verticais e protegidas contra as cheias por uma especie de muro de terra e lama;
- corrente vagarosa e canalizada;
- em certos trechos o talweg corria junto à margem;
- o vale do rio media cerca de 1200 metros, era baixo pantanoso, coberto de musgo, água estagnada e lamacenta;
- todas as pontes haviam sido destruidas.

Apezar da pobreza de detalhes que possuímos é interessante e significativa a operação de travessia. A técnica da operação parecia estar sob a estreita direção das tropas de Engenharia. A Engenharia divisionária foi reforçada por um outro Batalhão, — talvez de Corpo de Exército — ficando subordinado ao comando conjunto do comandante do 88.º B. E. Os elementos de reforço não tomaram parte no reconhecimento, mas prestaram valioso concurso na reunião do material para a travessia. Esta reunião é um ótimo exemplo da utilização dos recursos locais. Foi passada uma rigorosa busca nas aldeias e fazendas

das redondezas, e todas as peças de madeira encontradas, possíveis de serem usadas, foram transportadas a área de reunião de material, pelos veículos do trem de pontos e coluna de abastecimentos. (2) É curioso salientar a procura especial que tiveram as escadas, para servirem de taboleiro às passarelas, tendo como suporte os botes pneumáticos. As tropas de Engenharia dispenderam grande parte de seu tempo, fabricando rolos de estivas. No momento necessário elas dispunham de centenas de metros. Os mesmos destinavam-se a cobrir as terras pantanosas do vale, permitindo o acesso dos veículos às margens de embarque e aos encontros das pontes, consistiam em páus roliços ligados por cordame. Finalmente, todos os botes pneumáticos foram preparados, distribuídos pelas turmas e transportados para as áreas de reunião. (3)

Para a travessia propriamente dita o B. E., menos uma Cia., foi designado para o sector do regimento de assalto da Divisão operando na ala direita. Deduz-se d'ahi a existência de um outro regimento de assalto na ala esquerda, e que tenha as suas necessidades em Engenharia assistidas pelo B.E. de reforço. A 1.^a Cia. do 88.^o B.E., não tomou parte na travessia, por ter-lhe sido atribuída outra missão especial.

Não foi mencionado se o B.E. estava ou não adido ao R.I. para o qual trabalhava. Contudo o plano de ataque contemplou-o da maneira seguinte:

- 2.^a Cia. — menos um pelotão —, para operar com os botes de assalto e construir passarelas, entre YZEUX e BOURDON;
- 1.^o Pelotão da 2.^a Cia., para acompanhar as primeiras vagas de assalto da Infantaria, com a missão de limpar as estradas e caminhos, de possíveis blocos e outros obstáculos existentes;
- 3.^a Cia., motorizada, para construir a ponte de 3 tons. sobre botes pneumáticos, ao noroeste de BOURDON. (4)

(2) O fato a seguir demonstra que os B.E. não possuem organicamente passarelas de equipagem. Quando constroem passarelas usam os botes pneumáticos como suporte, sendo o taboleiro de circunstância. Os norte-americanos possuem passarelas de equipagem em suas unidades de PONTONEIROS, as quais são orgânicas de Exército.

(3) O B.E. divisionário, na D.I., possui: cerca de 30 botes pneumáticos pequenos e cerca de 20 grandes. Seu dimensionamento é respectivamente $1,20 \times 3,00$ e $1,80 \times 5,40$.

(4) É a seguinte a organização do B.E. de D.I.: Três Cias. de Engenharia, um trem de pontes e um trem de abastecimentos. As duas

(O estudo do plano de travessia nos mostra vários pontos interessantes. A frente em que a 2.^a Cia. deveria operar, presumivelmente a frente do regimento de Infantaria da ala direita, media cerca de 2.700 metros em largura. A ponte de três toneladas a ser construída pela 3.^a Cia. seria de um tipo pouco comum nas operações alemães. Normalmente os grandes botes pneumáticos destinam-se a serem utilizados como meios descontínuos de travessias, isolados ou em portadas; e a primeira ponte a construir é a standard de pontões e cavaletes, da equipagem de 10 ou 20 tons. O taboleiro da ponte de 3 tons. deve ser improvisado. A designação de um pelotão de engenharia para acompanhar a Infantaria no assalto é clássico na doutrina alemã).

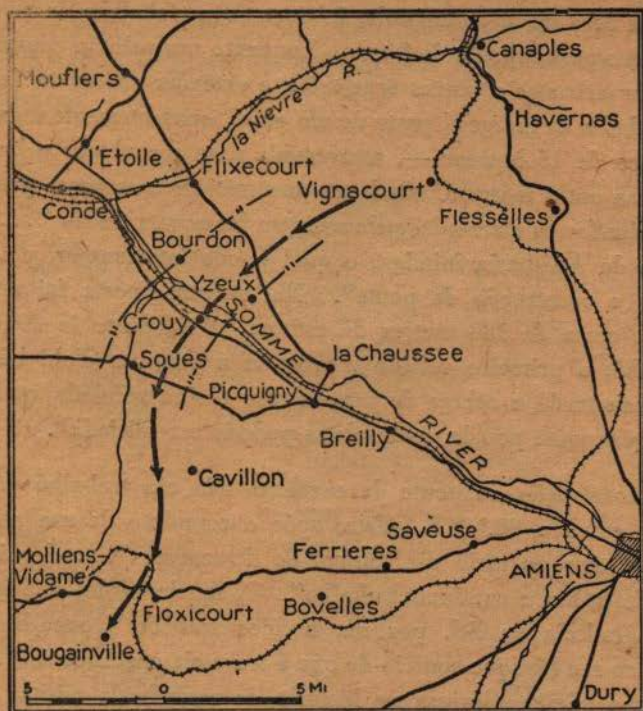
A travessia estava marcada para ter início ao amanhecer do dia 5 de junho. Durante a noite de 4 para 5 de junho, as duas Cias. do 88.^o fizeram seus caminhos para as áreas de reunião final, debaixo do mais rigoroso silêncio. A demarcação dos mesmos havia sido realizada em noites anteriores. Ao findar a noite de 4 para 5, a Engenharia transportou para as áreas de reunião final todo o material necessário; botes pneumáticos, escadas e vigas diversas.

Ela foi auxiliada pela Infantaria e pelo pelotão de Infantes pioneiros do R.I. Este pelotão, que é orgânico de todo regimento de infantaria alemã, estava, nesse caso particular, adido ao B.E. A hora "H" foi marcada para as 04,30 de 5 de junho. Pouco antes desta hora, cerca de 04,00, o cmt. do B.E. comunicou (pelo rádio?) ao cmt. da Divisão, que "tudo estava em ordem e pronto para a travessia". Precisamente às 04,30 teve início o transporte dos botes de assalto das áreas de reunião final, dirigindo-se n'uma larga frente, para a margem do rio. Atravessaram os baixos do vale, pelos caminhos reconhecidos e balisados nas noites procedentes. O ataque iniciou-se sem a clássica preparação de Artilharia, de modo a obter-se o elemento surpresa. (Neste detalhe a travessia difere das demais realizadas na mesma manhã, sobre o SOMME, que foram, na sua maioria, feitas com o apoio de barragem da artilharia pesada, tipo guerra mundial).

O reconhecimento metuculoso e as medidas tomadas para conservação do sigilo das operações não foram em vão: uma quasi completa

primeiras Cias. de Engenharia marcham a pé, tendo o seu material transportado em viaturas hipomoveis. A 3.^a Cia. é completamente motorizada.

surpreza foi obtida. Sómente após as primeiras vagas de Infantaria terem atravessado o rio começando a dispersar-se pela margem na tomada de posições, os franceses descobriram a operação. Neste momento os botes pneumáticos, impelidos pelos remadores, regressavam à primeira margem, onde a Infantaria componete da 2.^a vaga, aguardava-os para ser atravessada.



Travessia do SOMME, no dia 5 de junho de 1941

Em pouco tempo, quasi que instantaneamente, devido a precariedade dos fogos das armas portáteis francesas, que ainda era impreciso, a 2.^a Cia. do 88.^o, impeliu atravez do rio a sua passadeira improvisada, mas bem construida e resistente. A infantaria começava a atravessá-la, quando começou o canhoneio da Art. francesa.

O fogo da Art. foi mais eficiente que o das armas portáteis (estava ainda bastante escuro para o bom êxito dos atiradores). Diversas

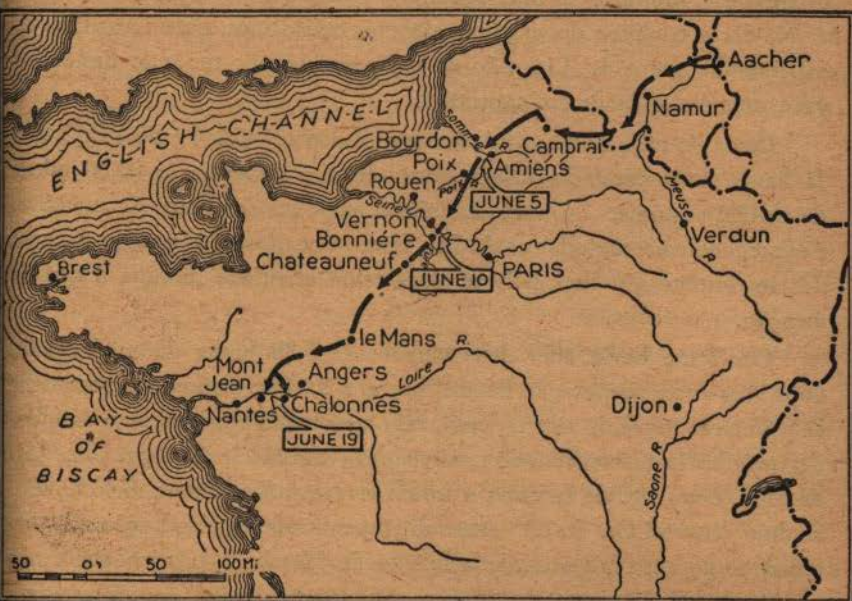
pontes foram atingidas e começaram a ocorrer perdas entre a Infantaria e Engenharia. O fogo da Artilharia provinha de posições localizadas próximo à margem do rio, pelo flanco direito. Surgiu uma ordem de que os canhões anti-tanks deveriam ser atravessados. Foram os mesmos puxados até o rio, embarcados em portadas sobre botes pneumáticos e atravessados.

Enquanto a primeira vaga de Infantaria progredia na margem oposta, a 3.^a Cia., a motorizada, iniciava seus trabalhos de construção dos acessos para a ponte de 3 tons. Enquanto um pelotão empenhava-se em cortar arbustos e outras vegetações e estender as estivas feitas nas proximidades da margem, parte de um outro, aparentemente uma Secção com cerca de 15 homens —, atravessava para reconhecer e balisar os acessos na outra margem. Os botes pneumáticos e as peças preparadas de madeira foram arrastadas pela margem lamacenta do rio "...debaixo do fogo da Artilharia inimiga, o qual poudo interromper, porém não impedir, a construção da ponte". Na margem oposta foi necessário estender cerca de 180 metros de estivas. Finalmente às 09,00 horas da manhã, o primeiro veículo atravessou a ponte, a d'ahi há poucas horas mais tarde, a cabeça de ponte estava tão consolidada, que "... a construção ponte pesada de cavaletes poderia ser iniciada".

A construção da ponte de cavaletes não era trabalho para uma unidade como o 88.^o B.E. Este, após o completo de sua missão na travessia, teve ao meio dia, ordem de descansar, "... depois de 48 horas de árduo e contínuo trabalho". N'aquela tarde, a Engenharia, "... agradecia ao Btl. por seu heróico trabalho", recolhendo-se o mesmo ao seu bivaque conscio de que a travessia em Amiens, "... seria mais uma página gloriosa na história da engenharia militar alemã", (a qual poderia ter sido, se a resistência inimiga fosse mais forte).

No dia seguinte (6 de junho), o 88.^o B.E. acompanhando o grosso da Divisão, atravessou o SOMME (sobre a ponte de cavaletes?). O principal acontecimento do dia, foi a volta para o controle do Batalhão do pelotão da 2.^a Cia. que estava adido ao regimento de Infantaria. Os componentes do pelotão tinham emocionantes histórias a contar: histórias de como eles haviam devastado as florestas ao norte de Cavillon. Neste meio tempo, elementos avançados da Divisão alcançavam Bouganyville.

A 7 de junho a Divisão encontrou o segundo grande obstáculo em seu caminho: o rio POIX. O vale do rio achava-se batido por pesado fogo de artilharia. Mesmo assim o cmt. da Divisão resolveu tentar forçar a travessia n'aquele dia. A noite formou-se um destacamento avançado de assalto, motorizado, o qual iniciou seu movimento ao amanhecer de 8, e de um arranco, assegurou a travessia nas proximidades de BOIS BRISSAY. Esta parte nos interessa em particular, pois do aludido destacamento fazia parte a Cia. motorizada do 88.º B.E., isto é a 3.ª Cia. Observa-se que ela é usada com frequência em operações desta natureza.



Estrada do avanço do 88.º B.E.

Na noite de 8 a Divisão avançou sobre GRANDVILLIERS. A 3.ª Cia. continuou fazendo parte do destacamento avançado. Salienta-se que o flanco direito da Divisão foi por várias vezes atacado por tanks inimigos. Pareciam pertencerem os mesmos à 1.ª Brigada Inglesa, que por essa ocasião combatia em sua retirada para o SEINE, e mais tarde para CHERBOURG e INGLATERRA.

A vanguarda da Divisão alemã, constituída pelo destacamento motorizado, do qual ainda fazia parte a 3.^a Cia. do B.E., atingiu VERNON, sobre o SEINE, no dia 9 de junho. Os alemães, como até então vinha acontecendo, esperavam encontrar a ponte intacta, mas por felicidade ocasional, a mesma havia sido destruída. O cmt. da 3.^a Cia., providenciou imediatamente o reconhecimento do rio para a construção da ponte e início das primeiras travessias descontínuas. Simultaneamente a notícia da destruição da ponte foi radiografada para a retaguarda. A reação não se fez esperar. O restante do 88.^o B.E., em caminhões (tirados de onde?) dirigiu-se rapidamente para VERNON (50 milhas). A 1.^a Cia., que até então ainda não havia tomado parte em operações de travessia, juntou-se ao Btl., pouco antes deste dirigir-se para VERNON. Aqui, diz o tradutor do original alemão, existe uma nota inexplicável, salientando que a 1.^a Cia. não estava presente por ter sido destacada para uma "missão de treinamento".

Cerca de meia noite, o Btl. reúne-se nas proximidades de VERNON. Já havia então recebido ordem para iniciar a travessia às 03,30 horas da manhã seguinte. De novo foi feito o emprego dos botes pneumáticos e conseqüentemente, todos os do Btl. foram transportados para a margem do rio durante a noite. Não se manifestou atividade inimiga digna de menção.

Conforme havia sido determinado, às 3,30 horas da madrugada, após uma curta preparação de Artilharia, a 3.^a Cia. começou a atravessar as primeiras vagas de assalto, em locais justamente pouco abaixo da cidade, onde havia se manifestado uma pequena resistência inimiga. Uma Cia. de Mtrs. e um Btl. de Infantaria foram atravessados. Neste meio tempo, as duas outras Cias. do 88.^o estavam empenhadas na construção de portadas, tendo em vista o estabelecimento de "ferries", possivelmente nas proximidades da ponte destruída. Não muito tempo depois estavam instalados dois deles e em lenta marcha de aproximação iniciou-se o movimento, tendo em vista proteger os veículos que aos poucos se acumulavam na 1.^a margem do rio.

Parece que os "ferries" "funcionaram ininterruptamente, noite e dia, em 10 e 11 de junho. Na noite de 10 para 11, as portadas viram-se ameaçadas por minas flutuantes, evidentemente lançadas por patrulhas francezas operando a montante do rio, acima de VERNON. Foi outro trabalho para a Engenharia. A princípio foi resolvida a situação pela

caça das minas a tiro de fuzil, tendo os melhores atiradores do Btl. sido escalados para aguardarem nas margens a descida das minas. Na manhã de 11 o volume de minas que descia o rio aumentou consideravelmente, obrigando a engenharia a construir uma pequena barragem de madeira. Dizem alguns que no mesmo ponto existia restos de uma outra construída pelos franceses, como treinamento. Concluída a barragem foi a mesma completada pelo lançamento de uma rede de arame. (É interessante salientar o emprego de minas flutuantes e a defesa contra elas, outra missão particular da Engenharia, o que será assunto que muito poderá nos dar o que pensar).

A 11 de junho chegaram à margem do rio no local em que estava se processando a passagem descontínua, três trens de pontes remetidos pelo Corpo de Exército. O cmt. do mesmo informou ao cmt. do 88.º B.E. que havia sido ordenada a construção de uma ponte de cavaletes e pontões, nas proximidades da ponte demolida. A referida construção começou na noite de 11 para 12, tendo o primeiro veículo atravessado precisamente às 0,8,00 de 12. A ponte tinha um comprimento de 190 metros, e possivelmente feita com o material da equipagem de 10 tons. (Esta parte é interessante sob vários pontos de vista. O período de tempo entre a primeira travessia feita pela infantaria de assalto e o início da construção da ponte — cerca de 40 horas —, desmente a popular impressão alemã de que os pontoneiros de sua engenharia constroem suas pontes em tempos relâmpagos. A engenharia divisionária constrói a ponte, mas pelo que se deduz, ela não dispõe organicamente de equipagem de pontes. O tempo requerido para a sua construção — cerca de 10 horas — mostra as possibilidades desta equipagem alemã, a qual é montada pelo método de portadas).

Logo após a conclusão da ponte, o grosso da Divisão atravessou-a, levando-nos a supor, que enquanto as duas portadas haviam operado continuamente, elas não haviam atravessado senão parte da Divisão. A ponte foi usada sómente em um sentido (SUL), tendo as portadas se encarregado de efetuar a travessia dos veículos que voltavam (NORTE). Este é outro aspecto interessante: a ponte usada no sentido de tráfego mais intenso, e os meios descontínuos no sentido contrário.

Canhões anti-aéreos tiveram a missão de proteger a ponte e em várias ocasiões entraram em ação contra a Aviação atacante. Entretanto, na tarde de 12, quando os referidos canhões estavam atraves-

sando a ponte, um único avião francês, voando baixo acertou uma bomba sobre o seu taboleiro. Podemos por este fato, verificar os resultados de uma única bomba atingindo em cheio uma ponte de equipagem: quatro portadas, cerca de 24 metros de ponte, — foram afundadas, tendo os pontões próximos sido ainda atingidos e danificados pelos estilhaços. Seis soldados de engenharia morreram. Os trabalhos de reparação duraram cerca de quatro horas. Durante a mesma, as portadas voltaram a funcionar no sentido sul, novamente.

Nos dias seguintes ao dia 12, o 88.º B.E. esteve ocupado principalmente na guarda e proteção de sua ponte e problemas consequentes: controle do tráfego sobre a ponte, emprego das portadas na travessia de retorno, reparação permanente dos caminhos de acesso à ponte, reparação das redes contra as minas flutuantes, etc. Enquanto estava ocupado em reparar uma rede contra minas, danificada, o Btl. teve a sua segunda funesta experiência com outro avião francês. Desta vez o mesmo voou à noite, lançando uma série de bombas mais ou menos a esmo. Uma delas atingiu o pelotão encarregado da reparação, tendo morto cinco soldados e ferido cerca de trinta.

No dia 14 de Junho o Btl. preparou-se para marchar (deixando a ponte aos cuidados de quem? Da Engenharia de Corpo de Exército?). A 3.ª Cia. reassumiu seu lugar no destacamento avançado, motorizado, tendo o mesmo encontrado intactas as pontes sobre o EURE, mais adiante. As operações nesta altura transformaram-se em perseguição. O trabalho principal da Engenharia, ou melhor, o mais comum, consistiu na limpeza dos obstáculos e campos de minas deixados sem defesa, pelos franceses nasua retirada.

Três dias mais tarde, isto é, a 17, vimos o Btl. sob novas condições: haviam sido aproveitados todos os veículos motores abandonados pelos franceses e encontrados na frente de seu avanço, estando o Btl. completamente motorizado, e marchando próximo à vanguarda divisionária.

A 19 de Junho, a 3.ª Cia. com o destacamento avançado atingiu o LOIRE. Durante a noite de 19 para 20 e no dia seguinte, a mesma, usando seus botes pneumáticos atravessou todo o destacamento avançado. Foram usados dois pontos principais para esta travessia: um em CHALONNES e outro em MONT-JEAN. Nos mesmos existiam



Pontoneiros alemães construindo uma ponte fixa em substituição a outra destruída pelos franceses em sua retirada

duas pontes destruídas pelos franceses, de modo que o problema "caminho de acesso à ponte" não existiu.

Nesse mesmo dia 20, o grosso do B.E. também atingiu o LOIRE, tendo avançado cerca de 160 quilômetros somente naquele dia usando os veículos aproveitados. As 1.^a e 2.^a Cias. logo entraram em ação, preparando os caminhos de acesso às margens para a travessia em portadas. Achavam-se nas proximidades de INGRANDES três quilômetros a oeste de MONT-JEAN. Nas primeiras horas da manhã de 21 o Btl. recebeu ordem de, completo, inclusive a 3.^a Cia., reunir-se nas proximidades de CHALONNES, para a construção da ponte de equipamento, ficando dispensado de todas as tarefas em que estava empenhado. Simultaneamente chegava àquele local o trem de ponte, fornecido pelo Exército.

O B.E. dispendeu o resto da manhã na montagem das portadas e preparando os encontros da ponte. Ao meio dia começou a ligação das mesmas, às duas horas estava a ponte terminada, e duas divisões começaram logo a atravessá-la. As missões da Engenharia nesta travessia foram as mesmas que na anterior (SEINE): conservação dos caminhos de acesso, controle do tráfego, construção e reparo das redes de minas e uso de portadas para o tráfego de retorno.

O "ferry" usado em CHALONNES merece menção especial. Consistia no conjunto "ferry" regulamentar do trem de ponte alemão, isto é: uma portada de quatro toneladas, e o conjunto "ferry", propriamente dito, constando de cabo de aço, roldanas e tripés telescópicos para ancoragem. Parece-nos que este tipo de conjunto "ferry" foi largamente usado pelos alemães em todas suas últimas campanhas.

O 88.^o B.E. guarnecia a ponte construída em CHALONNES e movimentava as portadas, quando o armistício com a França foi assinado.



LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

ATUALIDADE DA GUERRA DE SECESSÃO

Pelo Cap. UMBERTO PEREGRINO

Ten.-Cel. Artur Carnauba — “GUERRA DE SECESSÃO” — Biblioteca de A DEFESA NACIONAL.

“Guerra de Secessão” recapitula, à luz da História Militar, uma das mais importantes campanhas modernas, e que, na judiciosa observação do Cel. Renato Batista Nunes, “caiu no esquecimento, embora rica de ensinamentos que só mais tarde a Grande Guerra de 1914 poria em relevo, revestindo-os com o aspecto de “ cousas novas”, surgidas de uma luta entre povos civilizados...”

O trabalho do ilustre mestre que é o Ten.-Cel. Artur Carnauba representa uma síntese definitiva. Já agora a grande campanha americana, desenrolada entre 1861 e 1865, não será tão mal conhecida entre nós. Teremos à mão um estudo fácil, idôneo e ao mesmo tempo completo.

Será oportuno pôr em evidência aqui certos aspectos da Guerra de Secessão, “luta comparável aos grandes conflitos europeus, à Grande Guerra de 1914-18 e à guerra atual”. (p. 97).

Mostra-nos o Ten.-Cel. Carnauba, que a estratégia do esgotamento, “uma das formas mais típicas da estratégia moderna” (77), foi “um dos elementos das combinações estratégicas dos nortistas, que procuraram — por um duplo bloqueio terrestre e marítimo — cortar seu adversário de todas as fontes de abastecimento”. (77). A duração, outra, característica da guerra moderna, “corolário inevitável do poder defensivo do armamento, dos progressos cada vez mais acentuados da fortificação, do rápido deslocamento das reservas e dos recursos imensos acumulados pelas nações” (78), também foi da “Guerra de Secessão”. “Ofensiva decisiva no período crítico em que o inimigo, quasi agonizante, estiver impossibilitado da menor reação” (p. 78), eis outra característica da guerra moderna, igualmente presente na famosa luta entre Nortistas e Confederados americanos

E assim o Ten.-Cel. Carnauba estabelece a comparação entre Lee em 1863 e Ludendorff em 1918, entre Grant em 1864 e Foch na fase final da Grande Guerra. Com efeito, Lee e Ludendorff, diz ele, “jogaram sua última cartada antes de seus adversários terem ultimado a

renião completa de seus poderosos meios e de seus inesgotáveis recursos" (p. 97), assim como Foch utilizou o mesmo processo de Grant que consistiu "em obrigar o adversário, por meio de ofensivas sucessivas, a empregar todas as suas reservas (homens, material, munições), desorganizá-lo, levá-lo ao extremo de suas forças materiais e morais" (p. 78), para finalmente destruí-lo com o poder esmagador do número.

As lições da Guerra de Secessão, múltiplas e preciosas, teem, além de tudo, uma grande, uma impressionante atualidade.

O grave erro de Lincoln, empolgando de par com a conduta da guerra a direção das operações, de reflexos tão ruinosos para a União nos três primeiros anos de luta, até que fosse compreendido e finalmente eliminado com a nomeação do General Ulisses Grant, que foi em verdade o primeiro general comandante em chefe das forças nortistas, pois que os seus antecessores nunca haviam passado, na realidade, de dóceis conselheiros militares do Presidente, esse grave erro resultou numa lição definitiva, ainda agora posta à prova nesta imensa e complexa batalha mundial.

De fato, temos visto a Inglaterra e os EE.UU. resistirem intransigentemente ao clamor da opinião pública (e o que a opinião pública representa na organização dessas duas nações!), à impaciência e ao ímpeto de alguns dirigentes, a solicitações imperiosas de ordem política, para acatarem aquilo que só deve ser decidido pela direção das operações. E' o caso, para referir logo o de maior magnitude, da chamada "segunda frente".

Nada houve até aqui que tentasse os responsáveis aliados pela "conduta da guerra" a perturbarem a "direção das operações". A preparação militar pôde ser empreendida metodicamente, até atingir um grau satisfatório, e foi utilizada primeiro no ponto militarmente eleito. E nesse prazo, para valorizar ainda mais a sua conduta, os aliados suportaram rudes provações militares e morais, vendo o desmoronamento de posições importantes, escutando apelos desesperados daqueles que recebiam os golpes diretos, contemporizando com situações perigosas.

Quantos faziam ironia com o poderio aliado porque Rommel prometia desfilar no Cairo e o desembarque na Europa não se consumava!

Guerra velhaca, guerra dos enganos!... Desmentiu brutalmente a nossa sólida confiança no exército francês, mas também traiu todas as expansivas previsões de fundo unilateral, aquelas que eram feitas subestimando o valor militar dos anglo-americanos. Em verdade, porém, as lições estavam aí...

Já não falo dos britânicos que resistiram a Napoleão, senhor da Europa, mas uma Europa pacificada, organizada, não esse caos sangrento de hoje. Quero referir-me aos norte-americanos, cujas provas militares, se bem examinadas, antecipariam os resultados agora em franco desdobramento.

Com efeito, que vemos na Guerra de Secessão? O exército da União, que seria finalmente vitorioso, "começa a se instruir depois da abertura das hostilidades" (p. 16), enquanto do outro lado estão os sulistas, enquadrados "pelos excelentes elementos do Exército federal" (p. 18), os antigos west-pointers, e que "são homens do campo, bons atiradores, bons caçadores e excelentes cavaleiros, mais bem preparados, pelo seu gênero de vida, aos rigores duma campanha, do que os homens das grandes cidades (tais eram os Nortistas), habituados a uma vida mais confortável". (p. 18). Também "quanto ao armamento, a situação do Norte é deplorável, pois toda a reserva existente foi levada por Floyd para os arsenais sulistas e caiu nas mãos dos rebeldes". (p. 17) Vamos ver, então, "perplexos", na expressão do Tcn.-Cel. Artur Carnauba, "a excepcional capacidade de realização dum povo que, havendo começado a guerra com um exército improvisado, no qual a Bda. era a maior unidade, consegue terminá-la, como disse o Gen. Debeney — com manobras grandiosas, executadas, em frentes imensas, por vários exércitos, reunidos sob um mesmo comando e combinando seus esforços com o das forças marítimas". (p. 25). Por outro lado a Confederação, possuindo cinco e meio milhões de habitantes e uma organização econômica quasi exclusivamente agrícola, ainda por cima com base na monocultura algodocira, bateu-se durante quatro anos contra os Estados Federais que dispunham de vastos recursos econômicos, financeiros e industriais, além de uma população superior a vinte e dois milhões.

Alguns números indicam a extensão do esforço produzido pelos norte-americanos na Guerra de Secessão: "no começo, a infantaria federal foi armada com todos os modelos que puderam ser comprados na Europa; mais de 36 modelos foram postos em serviço, desde o fuzil Minié até à simples espingarda de caça", mas "com o prosseguimento da luta, os nortistas adaptaram e fabricaram o fuzil Spring Field, análogo ao modelo inglês Enfield", e a produção anual que, antes da guerra, era de 10 mil a 12 mil dessas armas, atingiu a 200 mil, em 1862 e 250 mil em 1863 (p. 73); os fabricantes Parrot entregaram à União, fabricados em série, 3.000 canhões raiados; 25 mil quilômetros de linhas telegráficas militares foram lançados durante a luta; os efetivos, que na batalha de Bull Run (julho de 1861) orçavam modestamente por 60 mil homens (28 mil nortistas e 22 mil sulistas), subiram a cifras respeitáveis, do que se pode ter a medida sabendo que o Exército do Potomac, que transpôs o Rapidan, montava a 130 mil homens, "efetivo correspondente, atualmente, a seis D.I., isto é, a três C.Ex. de duas D.I. cada um" (p. 73), e o balanço geral acusa que os Federais mobilizaram 2.500.000 homens, contra 1.500.000 dos confederados!

Não podia ser, pois, senão de ampla confiança a expectativa, já não digo dos simpatizantes, mas dos isentos, dos observadores serenos

e credenciados, em face da intervenção dos EE.UU. na presente guerra. Se não bastassem, todavia, as referências históricas, poder-se-iam consultar os elementos de ordem psicológica. E nesse terreno uma ilação geral vinha logo a furo: um povo que é eficiente em todas as mais avançadas e complexas atividades humanas (aeronáutica, rádio, navegação, cinema, construções, etc.) há de ser eficiente também na guerra, sobretudo a guerra moderna que é essencialmente técnica. Fabricar boas máquinas, conservá-las e manejá-las num campo de batalha, eis uma tarefa necessariamente fácil para uma nação altamente industrializada, para um massa de elevado nível intelectual, para uma raça sadia.

Os que assim raciocinavam não estão tendo, por certo, nenhuma surpresa agora. Pagam-se caro quasi sempre, aliás, as avaliações depreciativas. Os franceses, por exemplo, contavam com uma grave falha no exército alemão, correspondente ao "claro" das "classes que ficaram sem instrução militar, do período compreendido entre a extinção do antigo exército e o restabelecimento da conscrição". (Jules Romain — "Os sete mistérios da Europa, p. 68). Gamelin falava "da folta de quadros com que lutavam os alemães, especialmente de quadros inferiores e subalternos, que não se podem fazer aparecer com uma varinha de condão". (Ob. cit., p. 68). E exclamava confortado: "Não vejo muitos generais, atualmente, entre eles, (os germânicos) que tenham feito a guerra de 14 a 18 em postos mais ou menos elevados. Nós, ao contrário, somos quasi todos veteranos de 18. Dispoímos de uma experiência que se adquire difficilmente..." Ora, o que se viu é que não faltaram quadros subalternos nem faltaram generais aos germânicos... Igual objeção se procurava lançar contra o exército norte-americano em formidável expansão desde o início desta guerra. No fundo, porém, formulava-se uma temerária generalização, porque não eram computadas as condições particulares do povo e da terra em que se operava a gigantesca e acelerada organização militar.

Do registo desse oportuno estudo do Ten.-Cel. Artur Carnauba deve ficar uma observação que, por si só vale tudo quanto se pudesse dizer acerca da importância e do sentido da Guerra de Secessão: é a sua atualidade. Sim, abstraídos, naturalmente, os fatores técnicos, o que equivale a dizer — as condições de execução — não haverá campanha tão significativa, tão terminantemente fiadora da capacidade militar dos norte-americanos em face desta segunda guerra mundial.

LIVROS RECEBIDOS:

O perigo japonês — ensaio publicado no "Jornal do Comércio".
O Brasil em Marcha — Paula Aquiles — Livraria José Olympio
— 1943.

Garcia Redondo — Sebastião Almeida Oliveira — S. Paulo — 1942.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

DAQUÍ E DALÍ...

A PALAVRA "COLÔNIA" APLICADA ÀS CIDADES DO BRASIL

O principal artigo do último número, de dezembro p.p., da "Revista de Imigração e Colonização", escreveu-o, naquele órgão oficial do Conselho de Imigração e Colonização, o Capitão Rubens Massena.

Baseado na monografia do município gaúcho de Jaguarí, publicada em 1940 pelo seu Prefeito, Sr. Cincinato Brandão, que rende grande homenagem ao Duque de Caxias, o Capitão Massena estuda detalhadamente a fundação do núcleo colonial, a vida do colono, o seu enorme valor para o Brasil como elemento sempre calmo, disciplinado e grandemente trabalhador, a extinção do núcleo, a vida post-colonial, o descanso de governos passados pelo problema e os outros sentimentos que na ex-colônia se contrapõem ao de brasilidade.

E o Capitão apela para que o Prefeito aos seus municípios proclame com brasilidade:

— "Tu, gaúcho, por patriotismo, não debes dizer que Jaguarí é colônia italiana. Jaguarí, quando de sua fundação, era núcleo colonial misto, mas não italiano. Depois de incorporado, como distrito, ao município de São Vicente, em 1907, deixou de ser colônia. No Rio de Janeiro existe a colônia portuguesa, no entanto o Rio não é colônia portuguesa. Também o Brasil já foi colônia, já foi... Poderão existir em Jaguarí, colônias italiana, alemã, polaca, austríaca... Jaguarí, porém, não é colônia estrangeira. Nem nunca foi italiana".

E o Capitão Massena termina o artigo com a idéia patriótica e momentosa de acabarmos com o emprego de palavra colônia aplicada às cidades do Brasil.

A GUERRA CONTRA O SUBMARINO (*)

A melhor notícia até agora publicada a respeito da guerra marítima, foi a informação do Primeiro Lord do Almirantado, A. V. Alexander, de 29 de Outubro último, dizendo terem sido afundados, desde o início das hostilidades, 530 submarinos do "eixo".

Isto corresponde à média de três submarinos por semana, e à necessidade de substituição de 12 a 15 dos submarinos que o "eixo" possuía em tempo de paz, todos os meses.

Aí está apenas um aspecto da questão. No inverno de 1940 estimava-se que o Reich poderia lançar ao mar dois novos submarinos por semana e que ele dis-

(*) Extraído de um artigo publicado pelo Almirante William V. Pratt, da Reserva da Marinha Americana, em *Newsweek* de 2-11-942.

punha inicialmente de cerca de 400 para suas operações. Presentemente supõe-se que mantenha sempre no mar de 75 a 100 submarinos, mais do que a estimativa de antes da guerra, a qual não ia além de 70. Esta simples consideração dá idéia do programa de construção naval por eles realizado. A comparação entre os dados que vimos de consignar mostra quanto ainda está afastada a solução desse problema para os aliados.

E' fato que até agora, na *campanha submarina*, os aliados têm estado na defensiva. Os 530 submarinos do "eixo" postos fora de combate, foram uma consequência dos ataques que eles empreenderam contra os combóios aliados. As necessidades de proteção desses combóios não têm deixado margem à consagração de meios para uma ação ofensiva contra os submarinos. Aliás, não parece provável que forças exclusivamente navais possam levá-la a cabo, porque, além do mais, as necessidades de escolta para os combóios aumentam sempre.

Os caça-submarinos, salvo quando acompanhados por um navio base (a *mother ship*), não podem operar longe de suas bases terrestres e quando o fizessem arriscar-se-ia demasiado ao ataque de outros navios. Os navios que lhes servissem de base ficariam também especialmente vulneráveis, na outra hipótese aventada.

Os alemães têm sido simples no emprêgo da arma submarina. Sua estratégia tem sido boa. Operam em certa zona e quando não mais obtêm resultados satisfatórios, abandonam-na e vão agir noutra. Estas mudanças obrigam os aliados a estabelecer novas bases para combatê-los e isto exige tempo.

Taticamente, eles têm criado novos métodos de ataque. Na última guerra os submarinos operavam isolados ao longo das rotas marítimas, focalizando os ataques em *bocas de funil*, tais como as saídas do Canal da Inglaterra. A maioria dos ataques executava-se à luz do dia, em submersão. Os submarinos que operavam ao longe frequentemente eram armados de um canhão mais pesado do que os atuais, mas era possível despistá-los por mudanças frequentes na rota do combóio, porque seus meios de reconhecimento eram menos eficientes que os atuais. Sua velocidade na superfície era baixa relativamente às de hoje, 135 nós para 16,5 a 21, ou mais. Muitos submarinos eram empregados como lançaminas, função que hoje é mais frequentemente dos aviões. A escolta dos combóios era quase exclusivamente constituída por torpedeiros. Hoje os alemães operam principalmente por grupos de ataque, cuja constituição mais flexível é de três submarinos. Muitos ataques devastadores têm sido feitos à noite, na superfície, pela guarda, ou outras direções, em grande velocidade. Isto requer uma grande margem de segurança dada pela escolta, ao cair da noite, trabalhando em torno do combóio para colher os submarinos ainda imersos. A verdadeira ofensiva contra os submarinos foi iniciada pelas forças aéreas recentemente. O poder aéreo, não o poder marítimo, é o único capaz de levá-la a bom termo. Quando a RAF começou o bombardeio dos estaleiros de construção na Alemanha e quando formações aéreas fortemente armadas começaram a vigiar as bases de submarinos da baía de Biscaia e em torno da Islândia, foi que teve início a ofensiva contra os inimigos dos combóios. Os pequenos navios têm evidenciado sua eficácia, em certos lugares e a curta distância das bases, porém para uma ofensiva larga, no Pacífico, Atlântico Sul ou Oceano Índico, os porta-aviões com seus filhotes parecem ser mais eficazes.

A SEGUNDA FRENTE DO PONTO DE VISTA ALEMÃO

A Alemanha não desprezou as ameaças de abertura de uma segunda frente, através da França. Gastou, por isso, cerca de 500.000.000 de dólares, para mudar a posição de barragem da Linha Maginot, face a Oeste. Simultaneamente constituiu outras linhas fortificadas: a Linha Spill, ao longo do Mosa de Givet,

através de Sedan e Verdun, até Commercy; a *Linha Todt*, ao longo da costa francesa; e atualmente a *Linha Siegfried*.

Os franceses precisaram cinco anos para fazer a Linha Maginot, mas os alemães dizem que seus trabalhos estarão terminados em cerca de 18 meses. Quando tudo estiver completamente acabado e as novas fortificações do vale do Mosa completadas e ligadas com as da região belga, de Givet a Namur e Liège, os nazistas estarão protegidos contra os sobressaltos de Oeste, por elas e pelas fortificações Todt, da costa francesa, de Dunkerque a Hendaya. A reversão da Linha Maginot não foi uma operação simples. Construída pelos franceses com o máximo aproveitamento do terreno, formando cada forte um conjunto de construções subterrâneas, abrigo de guarnições, direção de fogo, etc., ligados por túneis a casamatas separadas e cúpulas, onde ficava a artilharia disposta de modo permitir a formação de uma barragem ininterrupta de fogo, era preciso fazer frente à retaguarda. Para isso os engenheiros de Hitler aproveitaram os trabalhos centrais e construíram novos túneis conduzindo a novas casamatas face a Oeste. *Seu Alto Comando viu o grande valor efetivo das fortificações Maginot por sucessivos ataques frontais desencadeados sem êxito por suas próprias tropas.* Conseguiram apenas vencê-las por um movimento contornante e assim mesmo, cinco dias após o armistício, foram precisas ordens peremptórias de Weigand para que o fogo cessasse.

Diz-se que a nova *Linha Maginot* nazificada é ainda mais forte, pois os alemães introduziram em seu armamento uma artilharia mais moderna. Além disso, utilizaram arame farpado da *Linha Siegfried* e estenderam muitas milhas de rêdes, face a Oeste. Reforçados fossos e posições de metralhadoras, de concreto, estão sendo construídos em grande número na parte externa das organizações.

As fortificações do vale do Mosa estão sendo construídas na margem Leste em Dun, Stenay, Sedan e outras cidades, em terreno familiar aos americanos que aí combateram nos dez últimos dias da Guerra de 1918. Os nazis estão mesmo reconstruindo o velho forte de Vaux, nas colinas do Mosa, perto de Verdun, o qual foi um dos mais resistentes baluartes da defesa de Verdun, que os alemães tomaram afinal, só o abandonando depois, pela ação conjunta dos franceses e americanos.

A nova linha do Mosa tem por missão defender a bacia mineira de Briey, mas servirá também para interpôr-se a uma progressão na direção de Metz e do Saar, pela Lorena.

A costa francesa foi tornada tão perigosa para um ataque quanto o pode ser, pela artilharia moderna que a defende. Todos os aperfeiçoamentos das linhas Maginot e Siegfried foram introduzidos na *Linha Todt*.

Além dos ninhos de metralhadoras e pequenas defesas usuais, há os grossos canhões navais em posição, protegidos por concreto ou sobre trilhos, prontos a se deslocarem para o ponto em que pesadas unidades navais aliadas tentem atacar. Os alemães precisaram dois anos para completar o sistema, mas eles próprios anunciam agora seu acabamento. Têm tanta confiança no seu resultado que publicaram até fotografias e certos pormenores.

A artilharia pesada e as metralhadoras formam a ossatura desta linha, em tal profusão, insinuam os nazistas, que há um peça de artilharia para cerca de 10 metros de frente, desde Dunkerque a Hendaya. A linha varia em profundidade de acordo com o terreno, porém nunca tem menos de cerca de 5 km. e chega a ter cerca de 80 km. em alguns lugares. Há um sistema contínuo de trincheiras com arame farpado nas praias e baixos penhascos, ao longo de toda costa francesa.

Paralelamente há um sistema de defesa anti-aérea conjugado com baterias e campos de aviação de caça até poucos quilômetros para o interior.

Relativamente a tropas, os informantes dizem ter sido destacado todo um Exército para guarnecer a *muralha de Oeste*. E' uma tropa especialmente treinada em defesa de costa, não tendo prestado serviços na Rússia nem alhures. São tropas motorizadas com excelente material para rápidos movimentos ao longo da costa.

Eles contam ainda com um serviço de reconhecimento no Canal da Mancha, por navios e aeroplanos, para advertir de qualquer aproximação do inimigo e permitir o deslocamento oportuno das tropas motorizadas. Mas há um inconveniente do lado germânico: — qualquer rajada de bombas dos pesados aviões aliados pode interromper a viagem do corpo movel nazista...

Nota. A revista americana *Newsweek*, donde extraímos estas informações, número de 14-9-42, apresenta-as como oriundas de uma fonte europeia digna de crédito. Foram cotejadas com outras para que não se desse curso apenas a artifícios da propaganda nazista em sua guerra psicológica, visando fazer crer inexpugnáveis suas defesas. Valem como subsídio, para a compreensão do problema da segunda frente.

AMAZEM CARVALHO

LIQUIDOS E COMESTIVEIS FINOS

M. FERRAZ & CIA.

Rua Petrocochino n.º 39-A

Tel. 38-2381

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA**De 20 de Janeiro a 20 de Fevereiro de 1943****ADIAMENTO DE INCORPORAÇÃO (trabalhadores).**

Os trabalhadores encaminhados ao Vale Amazônico para a extração e exploração da borracha e os que já ali estiverem trabalhando, devidamente contratados, nessas atividades, são considerados de incorporação adiada até a terminação do contrato de trabalho, ou enquanto se dedicarem àquelas atividades.

Para efeito do adiamento da incorporação mencionada no artigo anterior, os órgãos oficiais do Governo Brasileiro remeterão ao Comandante da Região Militar as relações nominais dos trabalhadores convocados para o serviço ativo. Dessas relações devem constar nome, filiação, classe (ano de nascimento), categoria de reservista (1.^a 2.^a ou 3.^a) e Circuncrição de Recrutamento que fez a convocação.

Os empregadores notificarão aos órgãos oficiais que tenham promovido os contratos de trabalho, a que se refere o artigo 1.^o, a conclusão ou a rescisão dos mesmos, dentro do prazo de trinta dias, afim de ser feita a necessária comunicação às autoridades militares competentes.

As autoridades incumbidas da convocação militar, quando o julgarem conveniente, procederão, nos locais de trânsito e de trabalho, às diligências necessárias no sentido de fiscalizarem o fiel cumprimento do que dispõe este decreto-lei.

O presente decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^o 5.225 de 1 — D.O. de 3-2-943).

AFASTAMENTO DE OFICIAIS (ordem).

O afastamento temporário ou definitivo de oficiais e praças do território da Região dependerá de publicação em boletim do comando das Forças e do Território, do ato que autoriza ou determina o afastamento, seguido da ordem de execução correspondente, da alçada desse comando.

Tratando-se de estabelecimento diretamente subordinado ao ministro ou outras autoridades, mesmo assim, o afastamento e a apresentação de oficiais devem ser do conhecimento do comando do Território, principal responsável pela disciplina dentro da Região.

(Aviso n. 308 de 3 — D.O. de 5-2-943).

AJUDA DE CUSTO (prazos).

Para efeito de percepção de ajuda de custo oficiais que tenham sido ou venham a ser matriculados em cursos das diversas escolas do Exército, sujeitos a exame de admissão nesta Capital, deverão ser contados da data do embarque na guarnição de procedência os prazos de que trata o Aviso n. 3.609 — Ajuc. de 6 de dezembro de 1941.

(Aviso n. 414 de 12 — D.O. de 15-2-943).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (passa a ter).

O II-8.^o Regimento de Infantaria passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no artigo 25 do Regulamento para Administração do Exército aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938. (Aviso n. 238 de 27-1-943 — D.O. de 29-1-943).

O III-18.^o Regimento de Infantaria passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 239 de 27-1-943 — D.O. de 29-1-943).

CHAME & CIA.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Artigos de Armarinho, Bijouterias e Novidades
Únicos distribuidores das legítimas alianças G-325

325, Rua da Alfandega, 325

End. Tel. "CHAME"

Códigos: Mascote 2.^a ed. e 5.^a ABC

Telefone 43-3309

Rio de Janeiro

COMPANHIA AMERICA FABRIL

FIAÇÃO E TECELAGEM

Especialidade em tecidos finos

Verifiquem na orela dos nossos tecidos
o nome

AMERICA



FABRIL

O Destacamento Independente de Transmissões de Fernando de Noronha e o Destacamento Independente de Sapadores e Pontoneiros de Fernando de Noronha passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no artigo 25 do regulamento da Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 237 de 5 — D.O. de 8-2-943).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (concessão).

E concedida autonomia administrativa ao Depósito Regional de Material Veterinário da 3.^a Região Militar, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 354 de 8 — D.O. de 10-2-943).

BATERIA EXTRA (efetivo).

A Bia. Extra do 3.^o R. A. D. C. (Bagé) tem organização e efetivo do Quadro n. 14 dos Quadros de Organização e Efetivos para 1940.

(Aviso n. 292 de 2 — D.O. de 4-2-943).

CENTRO DE DEFESA ANTI-AÉREA (curso de artilharia).

Em aditamento ao Aviso n. 3.165, de 2 de novembro de 1942, autorizo a matrícula, no Curso de Artilharia, do Centro de Defesa Anti-Aérea, de 20 oficiais da reserva, de artilharia, aspirantes ou 2os. tenentes que possuam estágio do posto e não se achem convocados.

Os candidatos devem ser da 1.^a, 2.^a ou 4.^a Região Militar.

Início do curso a 15 de fevereiro.

Estes oficiais serão convocados durante o período letivo que será de 4 meses.

(Aviso n. 273 de 30-1-943 — D.O. de 2-2-943).

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO (criação).

Por decreto n. 11.277, de 8 do corrente mês, foi criada a 10.^a Circunscrição de Recrutamento, com sede em Alegrete, Estado do Rio Grande do Sul. Em consequência, o Estado Maior do Exército, a 3.^a Região Militar, a Secretaria Geral do Ministério da Guerra e as Diretorias das Armas, Recrutamento e Intendência devem tomar, com urgência, as providências que lhes competirem para a constituição, instalação e funcionamento da referida Circunscrição.

(Aviso n. 288 de 27-1-943 — D.O. de 29-1-943).

COLUMBÓFILIA MILITAR (disposições sobre).

Ficam adotadas as seguintes disposições referentes à Columbófilia Militar:

a) Divisão do território nacional em 10 (dez) Regiões Columbófilas, correspondentes às Regiões Militares e dirigidas pelos chefes dos Serviços de Transmissões Regionais;

b) adjudicação, durante o atual estado de beligerância, da presidência das Federações Municipais a oficial do Exército servindo na localidade onde tenham aquelas a sua sede, com a incumbência adicional de focalizar direta e permanentemente as sociedades, clubes e criadores existentes nas circunscrições, sem prejuízo do serviço que normalmente lhe caiba;

c) suspensão das atividades das Federações Municipais, sociedades, clubes e criadores aos quais não for possível a aplicação da medida acima, transferindo-se os respectivos pombos para as entidades diretamente fiscalizadas ou adquiri-los o Ministério da Guerra para os pombais militares;

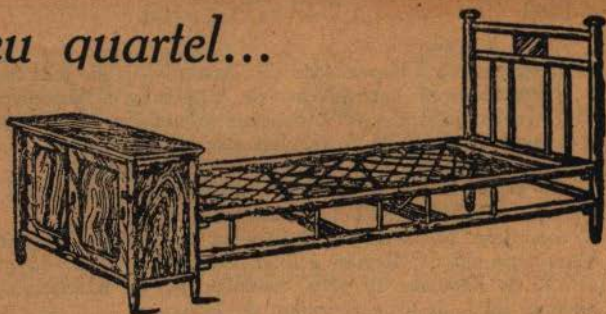
d) adoção provisória, pelas unidades do Exército, em caráter experimental, do tipo de pombal fixo, tipo de pombal móvel e do material columbófilo proposto pela Sub-Diretoria de Transmissões;

e) construção na sede de cada Região Columbófila de um pombal fixo com capacidade para cinquenta casais;

Para o seu quartel...

prefira

a



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa azul!*

Indústrias "CAMA PATENTE" - L. LISCIO" S. A.

RIO - RUA FIGUEIRA DE MELO, 307 - SÃO CRISTOVAM

Loja: Rua 7 de Setembro, 177
PAULO - Rua Rodolfo Miranda, 97
HORIZONTE - Rua Espírito Santo, 310
Botas - Rua 15 de Novembro, 626
Rio Alegre - Rua dos Andradas, 1.205

BAÍA - Praça Tupinambá, 3
RECIFE - Rua Dr. José Mariano, 228
RECIFE - Loja: Rua da Imperatriz, 118
Fortaleza - Rua Floriano Peixoto, 794
Belém - Pará - Rua Sen. Barata, 138

as Garcia & Cia. Ltda.

RIO DE JANEIRO

Grandes importadores de:

Ferragens em geral. Cimento e materiais de construção. Telhas corrugadas, de ferro galvanizada e cimento-amianto. Ferro e aço em todos os perfis. Metais. Chapas pretas e galvanizadas. Arame farpado e liso. Tubos para água, gaz e vapor.

Produtos químicos industriais.

Máquinas e artigos para indústria de laticínios.

Coalho "Estrella"

Estalações frigoríficas. Extintores incêndio e mangueiras. Artigos de cafandria e mascaras contra gases.

Isconde de Inhauma, 23/25

Confeitaria
Colombo

AS MAIS DELICADAS IGUARIAS
EM UM
AMBIENTE DA MAIOR DISTINÇÃO



A Colombo

caracteriza o vida social do Rio de

Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almoço, chás, lunches e "cocktails" acolhem diariamente a escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

Serviço irrepreensível, a domicílio, de

banquetes e recepções

Gonçalves Dias, 32/36

22-7630

f) autorização para que os Estabelecimentos de Subsistência do Exército forneçam aos criadores de pombos correios, mediante indenização e sob o controle dos Serviços de Transmissões Regionais, os cereais necessários à alimentação das referidas aves.

(Aviso n. 260 de 27-1- D.O. de 1-2-1943).

CAMPANHA DE ENGENHOS (instalação).

A 1.^a Companhia de Engenhos deve ser instalada, provisoriamente, no quartel de uma das unidades de infantaria da Vila Militar, ficando, assim, retificada a ordem contida em Aviso n. 119, de 13 de janeiro do corrente ano.

(Aviso n. 290 de 2- D.O. de 4-2-1943).

CONSULTA (solução de).

O Comandante do 8.^o Regimento de Cavalaria Independente, em rádio n. 126-T, de 29 de outubro de 1942, consulta:

Se o oficial acidentado em serviço tem direito a diárias de fora de sede nos seguintes casos:

a) quando, baixado, se deslocar por transferência para hospital de outra guarnição;

b) quando regressar à sua sede, após a alta do hospital, por motivo de terminação de tratamento de saúde, em virtude de achar-se apto para o serviço.

Em solução, declaro que ao militar nas condições indicadas deve ser abonada a diária de que trata o art. 101 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército (diária de fora de sede) desde que tenha havido ordem ou autorização da autoridade superior competente para transferi-lo de um Hospital para outro.

(Aviso n. 373 de 9 — D.O. de 11-2-1943).

CURSO DE CAVALARIA (criação).

Fica criado um N.P.O.R., curso de cavalaria, anexo ao 12.^o R.C.I.

O curso deve ter início a partir de 1 de março, com o efetivo de 60 alunos.

(Aviso n. 248 de 28 — D.O. de 30-1-1943).

CURSOS REGIONAIS DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTO (funcionamento).

O ministro de Estado da Guerra resolve acrescentar ao item I, letra f, das instruções para o funcionamento dos cursos regionais de aperfeiçoamento de sargentos, no ano de instrução 1942-1943, aprovadas por Portaria n. 4.029, de 4 de dezembro de 1942, o seguinte número de vagas para matrícula no curso de infantaria, de sargentos das Formações Sanitárias Regionais:

1.^a Região Militar, 1; 2.^a Região Militar, 1; 3.^a Região Militar, 1; 5.^a Região Militar, 1; 7.^a Região Militar, 1.

(Portaria n. 4.222 de 13-1-1943 — D.O. de 26-1-1943).

DIRETORIA DAS ARMAS (proposta).

Com relação ao prazo a que refere o parágrafo único do art. 2.^o das instruções baixadas para execução do decreto-lei n. 5.165, de 31 de dezembro de 1942, será observado o seguinte:

- 1) — Providenciará a Diretoria das Armas para lhe ser remetida, com urgência, a documentação referente ao candidato que, a juízo dos respectivos comandantes, seja, na sua unidade, o que melhor preencha as condições exigidas.
- 2) — Para a remessa da documentação dos demais candidatos, igualmente nas condições exigidas, haverá prazo de trinta dias, a contar da recepção pelas Unidades, das instruções acima referidas.
- 3) — A Diretoria das Armas fará uma primeira classificação a 28 de fevereiro, contemplando na proposta a que se refere o art. 11 das mesmas ins-

f) autorização para que os Estabelecimentos de Subsistência do Exército forneçam aos criadores de pombos correios, mediante indenização e sob o controle dos Serviços de Transmissões Regionais, os cereais necessários à alimentação das referidas aves.

(Aviso n. 260 de 27-1- D.O. de 1-2-1943).

CAMPANHA DE ENGENHOS (instalação).

A 1.^a Companhia de Engenhos deve ser instalada, provisoriamente, no quartel de uma das unidades de infantaria da Vila Militar, ficando, assim, retificada a ordem contida em Aviso n. 119, de 13 de janeiro do corrente ano.

(Aviso n. 290 de 2- D.O. de 4-2-1943).

CONSULTA (solução de).

O Comandante do 8.^o Regimento de Cavalaria Independente, em rádio n. 126-T, de 29 de outubro de 1942, consulta:

Se o oficial acidentado em serviço tem direito a diárias de fora de sede nos seguintes casos:

a) quando, baixado, se deslocar por transferência para hospital de outra guarnição;

b) quando regressar à sua sede, após a alta do hospital, por motivo de terminação de tratamento de saúde, em virtude de achar-se apto para o serviço.

Em solução, declaro que ao militar nas condições indicadas deve ser abonada a diária de que trata o art. 101 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército (diária de fora de sede) desde que tenha havido ordem ou autorização da autoridade superior competente para transferi-lo de um Hospital para outro.

(Aviso n. 373 de 9 — D.O. de 11-2-1943).

CURSO DE CAVALARIA (criação).

Fica criado um N.P.O.R., curso de cavalaria, anexo ao 12.^o R.C.I.

O curso deve ter início a partir de 1 de março, com o efetivo de 60 alunos.

(Aviso n. 243 de 28 — D.O. de 30-1-1943).

CURSOS REGIONAIS DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTO (funcionamento).

O ministro de Estado da Guerra resolve acrescentar ao item I, letra f, das instruções para o funcionamento dos cursos regionais de aperfeiçoamento de sargentos, no ano de instrução 1942-1943, aprovadas por Portaria n. 4.029, de 4 de dezembro de 1942, o seguinte número de vagas para matrícula no curso de infantaria, de sargentos das Formações Sanitárias Regionais:

1.^a Região Militar, 1; 2.^a Região Militar, 1; 3.^a Região Militar, 1; 5.^a Região Militar, 1; 7.^a Região Militar, 1.

(Portaria n. 4.222 de 13-1-1943 — D.O. de 26-1-1943).

DIRETORIA DAS ARMAS (proposta).

Com relação ao prazo a que refere o parágrafo único do art. 2.^o das instruções baixadas para execução do decreto-lei n. 5.165, de 31 de dezembro de 1942, será observado o seguinte:

- 1) — Providenciará a Diretoria das Armas para lhe ser remetida, com urgência, a documentação referente ao candidato que, a juízo dos respectivos comandantes, seja, na sua unidade, o que melhor preencha as condições exigidas.
- 2) — Para a remessa da documentação dos demais candidatos, igualmente nas condições exigidas, haverá prazo de trinta dias, a contar da recepção pelas Unidades, das instruções acima referidas.
- 3) — A Diretoria das Armas fará uma primeira classificação a 28 de fevereiro, contemplando na proposta a que se refere o art. 11 das mesmas ins-

PROVENDAS

EMPRESA PROMOTORA DE VENDAS

Rádios,
Refrigeradores,
Material de radiotransmissão e recepção,
Extintores de incêndio,
Grupos eletrogêneos a Diesel e gasolina,
Máquinas elétricas,
Ferramentas de precisão,
Artigos elétricos para uso doméstico, etc.

39, ASSEMBLÉIA, 41

TELEFONES:

Gerência: 42-9653 - Contabilidade: 42-9521 - Loja: 42-9311

RIO DE JANEIRO

Comp. Brasileira de Usinas Metalúrgicas

End. Telegr. "METALUSINA" — TELEFONE 23-4863

Usina de Neves

TELEFONE 8016

Grande Laminação de Ferro e
Aço. Fundição de Ferro e Bron-
ze. Fábrica de Prégos para Tri-
lhos. Parafusos, Rebites, Porcas,
Painéis de Ferro, etc.

Fundição Nacional

TELEFONE 22-3025

Fundição de Ferros de Engo-
mar, Balaças, Louças de Ferro
Estanhado, Fundido e Batido
para Cozinha, Canos de Chumbo
para Água e Gaz, Estamparia de
Ferro, etc.

Todos os seus produtos têm a Marca Registrada "ESTRELA"

USINA DE MORRO GRANDE

Estação de Morro Grande — Minas

Altos fornos para produção de Ferro Gusa

Escritório:

Rua Visconde de Inhaúma, 69 — Rio de Janeiro

truções anteriores que, sem restrições, satisfaçam sobejamente às condições estabelecidas.

4) — Essa primeira proposta constará de 25 normas.

5) — No caso de chegarem diretamente à Diretoria das Armas, requerimentos em cujas informações não haja referência às condições do art. 1.º destas instruções, consultar-se-á a respectiva unidade.

6) — Para a proposta seguinte, uma primeira classificação geral será feita, com a documentação recebida até 30 de março.

(Aviso n. 355 de 8 — D.O. de 10-2-943).

DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO (recomendação).

Recomenda aos comandantes de corpo, diretores e chefes de repartição e estabelecimento militar a fiel observância dos preceitos contidos nas instruções para Distribuição de Fardamento, referentes à economia do fardamento nas sub-unidades.

As atribuições dos comandantes de sub-unidade sobre o assunto não excluem a fiscalização do fiscal administrativo e a ação do agente diretor, que verificarão também, periodicamente, o estado do fardamento e equipamento, as quantidades existentes sob o título de economia e a escrituração do caderno respectivo, baixando instruções, se for necessário, para que haja o melhor rendimento na economia em causa, sem prejuízo da boa apresentação das peças.

Os capitães procederão a revistas semanais, exigindo que todas as peças de fardamento se apresentem com as marcas de que trata o artigo 4.º parágrafo 3.º das instruções para Distribuição de Fardamento.

Devem os subalternos e o sub-tenente da sub-unidade cooperar com o seu capitão para que se obtenham resultados positivos na economia de fardamento, como consequência da exata aplicação das disposições contidas nas instruções para Distribuição de Fardamento. É necessário exigir das praças a conveniente limpeza e conservação de todas as peças do fardamento e equipamento.

Os comandantes de sub-unidade, por ocasião do encerramento dos ajustes de conta de fardamento e quando deixarem o comando, comunicarão, em parte especial, ao fiscal administrativo, quais as economias feitas durante o ano de instrução ou os meses de seu comando. Não havendo tempo suficiente para serem obtidas economias apreciáveis, deverão mencionar o estado em que ficam o fardamento e o equipamento distribuídos às suas praças.

(Aviso n. 377 de 9 — D.O. de 11-2-943).

ESCOLA DE INTENDÊNCIA (contingente).

No contingente da Escola de Intendência do Exército, um dos monitores passa a ter a graduação de 1.º sargento.

(Aviso n. 312 de 3 — D.O. de 5-2-943).

ESCOLAS PREPARATÓRIAS (matrícula).

Atendendo ao que expõe o inspetor geral do Ensino do Exército em ofício n. 429, de 1 do corrente, outorizo a matrícula nas Escolas Preparatórias de Fortaleza e Porto Alegre de candidatos que se destinem ao 1.º ano.

As inscrições se farão de 3 a 20 deste mês e os exames de admissão de 1 a 20 de março.

(Aviso n. 305 de 3 — D.O. de 5-2-943).

ESTABELECIMENTO DE MATERIAL DE INTENDÊNCIA (contingente).

O Contingente do Estabelecimento de Material de Intendência de São Paulo fica acrescido de dois terceiros sargentos, dois cabos e cinco soldados.

(Aviso n. 292 de 2 — D.O. de 4-2-943).

ESTABELECIMENTO DE SUBSISTÊNCIA MILITAR (contingente).

Em caráter provisório, ficará organizado o contingente do Estabelecimento de Subsistência Militar do Rio de Janeiro, com a seguinte constituição:

G Companhia Sul-Americana de Electricidade

Sob Administração do Governo Federal

MATERIAL ELETRICO EM GERAL

**INSTALAÇÕES ELETRICAS PARA INDUSTRIA,
AGRICULTURA NAVEGAÇÃO E ESTRADAS DE FERRO**

Av. Rio Branco, 4749 - RIO DE JANEIRO - Caixa Postal, 100

B. VAN MASTWYK & CIA. LTDA.

Ferro em geral

Av. Rodrigues Alves, 145/147

Rio de Janeiro

JOSÉ SILVA & CIA. LTDA.

Casa Fundada em 1885 - Importadores e Exportadores

**Brins Nacionais e Estrangeiros. Tricollines. Tecidos para Militares e Colégios.
Artigos de Viagem, Esporte, Montanha e Praia.**

**Matriz: Rua S. Pedro, 60 e 65 - Tels. Escritório: 23-4738 - Armazem:
23-4655 - Repartições: 43-7717**

**Filial: "CASA JOSÉ SILVA" Rua Miguel Couto, 3 e 5
Telefone 22-1920 (Meza)**

RIO DE JANEIRO

**Sedas em geral por atacado
Camisolas para batizados**

F. Jammell & Irmão

Cumprimentam a "A DEFESA NACIONAL"

**Rua General Camara, 333 — Tel. 43-0531
RIO DE JANEIRO**

1.º sargento, 1; 2.º sargento, 10; 3.º sargentos, 10.
38 — Soldados — distribuídos pelas funções de: armazenistas e estivadores — 20; magarefes — 6; padeiros — 3; torrefadores — 3; motoristas — 3 e soldados auxiliares motoristas — 3.
(Aviso n. 401 de 11 — D.O. de 13-2-943).

ESTÁGIO OU INSTRUÇÃO (suspensão).

E' feito com os vencimentos de aspirante a oficial o estágio dos médicos civis realizado na conformidade do disposto no art. 7.º do decreto n. 10.344, de 28 de agosto de 1942
(Aviso n. 229 de 27-1- D.O. de 1-2-943).

ESTÁGIO DE MÉDICOS (vencimentos).

Enquanto durar o Estado de guerra ficam suspensos os estágios ou períodos de instrução, para efeito de promoção, previstos nos arts. 11, 40 e 41 do R. C. O. R.
(Aviso n. 230 de 27-1-943 — D.O. de 29-1-943).

ESTÁGIOS DOS MÉDICOS (vencimentos).

E' feito com os vencimentos de aspirante a oficial o estágio dos médicos civis realizado na conformidade do disposto no artigo 7.º do decreto-lei n. 4.622 de 26 de agosto de 1942).
A disposição supra não se aplica aos médicos que receberem vencimentos por função pública que exerçam.
(Aviso n. 299 de 27-1- D.O. de 29-1-943).
E' feito com os vencimentos de aspirante a oficial o estágio dos médicos civis realizado na conformidade do disposto no art. 7 do decreto n. 10.344 de 28 de agosto de 1942.
A disposição supra não se aplica aos médicos que receberem vencimentos por função pública que exerçam.
(Aviso n. 229 de 27-1- D.O. de 5-2-943).

ESTATUTO DOS MILITARES (alteração).

Fica modificado o art. 85, § 2.º, letra a do Estatuto dos Militares, alterado pelo art. 2.º do decreto-lei n. 4.840, de 16-10-42, passando a graduação militar dos alunos das Escolas Preparatórias a ter a mesma correspondência da dos atuais terceiros sargentos do Exército.
Revogam-se as disposições em contrário.
(Decreto-Lei n. 5.255 de 17 — D.O. de 19-2-943).

FORMAÇÃO VETERINÁRIA (extinção).

E' extinta a formação Veterinária de Campo de Instrução de Gericinó
(Aviso n. 458 de 17 — D.O. de 19-2-943).

GRADUADOS (vagas).

Em virtude da situação atual, criada pela transformação de efetivos criação de novas unidades, declaro que, para o preenchimento das vagas d graduados, existentes, deve ser observado o seguinte:
a) as promoções a 3.º e 2.º sargento serão feitas pelos comandantes d corpos, contingentes, repartições e estabelecimentos militares:
— as de 3.º sargento — de acordo com o parágrafo 2.º do art. 401 do decreto n. 6.031, de 26 de junho de 1940 (R.L.S.G.), uma vez satisfeitas a condições de conduta e aptidão física;
— as de 2.º sargento — de conformidade com o aviso n. 162, de 21 de janeiro de 1942.
b) os claros de 1.º sargento serão preenchidos:
1.º — pelos comandantes de Região Militar — nos corpos de tropa (menos Artilharia de Costa);
2.º — pelo diretor da Artilharia de Costa — nos corpos dessa arma.
Nestas promoções, para as quais não haverá épocas prefixadas, deverá se observado o mesmo processo de seleção até agora em vigor.

Dalla Santa & Cia.

Departamento de engenharia especializada para moderníssimas construções de quaisquer tipos de aparatos destiladores, intermitentes e continuos automáticos para alco l extra retificado, grappa, aguardente; - Pasteurizadores para vinho, máquinas enchedeiras e enroladeiras automáticas

Rua Julio de Castilhos, 1259 - Caxias - R. G. do Sul

MARCENARIA REIS

Fábrica de artefatos de madeira para máquinas de costura

Firmo Paschoal dos Reis

Rua Cerqueira Daltro, 254 - Telefone 29-8739

CASCADURA

RIO DE JANEIRO

Armazem São José

de José Coelho

Líquidos e Comestíveis finos

Rua Casta Lobo, 2 - Esquina de D. Ana Néri

Telefone 28-4154

Rio de Janeiro

Café e Restaurante Santa Izabel

Cozinha de Primeira Ordem

S. Pinheiro & Filho

TEL. 38-4629

Rua Visconde de Santa Izabel, 85 - Rio de Janeiro

Despensa e Bar Nacional

Líquidos e Comestíveis de 1ª. qualidade

Andrade & Ferreira

Rua Torres Homem, 955 - Tel. 38-3075

Padaria Santa Terezinha

Completo sortimento de biscoitos finos

Jerônimo Ferreira

Rua Coronel Rangel, 85

Cascadura

Nas Regiões Militares concorrerão em suas armas de origem, os sargentos monitores das Escolas e C.P.O.R., ficando os comandantes de Região autorizados a fazer as transferências necessárias e a conciliar os interesses individuais, na forma prescrita pelo aviso número 1.777, de 7 de julho de 1942.

c) o preenchimento dos claros, deve ser procedido de autorização pedida ao ministro da Guerra, por intermédio da Diretoria de Armas, que informará sobre a existência de excedentes, para efeito de nivelamento prévio se for o caso.

Todas as alterações deverão ser comunicadas à Diretoria das Armas, via rádio, com posterior confirmação em officio.

(Aviso n. 442 de 16 — D.O. de 18-2-943).

INSPEÇÃO DE SAUDE (praças).

— Para efeito do decreto-lei n. 5.208, de 20 de janeiro de 1943, art. 2.º devem ser submetido à inspeção de saúde as praças que completarem ou tenham completado idade para o serviço ativo.

No caso de incapacidade, far-se-á processo de reforma, salvo se já estiverem em andamento propostas de transferência para a reserva por motivo de idade compulsória, sendo bastante, nesta hipótese, encaminhar à Secretaria Geral do Ministério da Guerra as respectivas atas.

O tempo decorrido entre a data em que completaram idade limite e a da publicação do decreto acima referido, será computado às praças a que se refere este Aviso.

(Aviso n. 271, de 30-1-943 — D.O. de 2-2-943).

PROMOÇÕES NO EXÉRCITO (1.º semestre).

— Para as promoções no Exército, durante o primeiro semestre do corrente ano, ficam dispensadas as exigências do decreto-lei n. 1.828, de 1 de dezembro de 1939, especificadas nos artigos e alíneas abaixo especificados:

— alínea *a* (no que se refere ao curso da Escola das Armas) alíneas *e* e *f* do art. 10; alíneas *e* e *f* do art. 15 e art. 48.

(Dec.-lei n. 5.254, de 16 — D.O. de 18-2-943).

QUADRO DE ESTADO MAIOR (oficiais).

— Os oficiais transferidos para o Quadro de Estado Maior da Ativa (decreto-lei n. 5.190, de 14 de janeiro de 1943), aguardarão onde se encontram, nas funções que ora exercem, a apresentação dos respectivos substitutos. Excluídos por transferência, permanecerão adidos aos corpos estabelecimentos e repartições em que atualmente servem, neles considerados como se efetivos fossem até a data do seu desligamento.

(Aviso n. 361, de 8 — D.O. de 10-2-943).

REGIMENTO AU. MTR. (instalação).

— O 2.º R. Au. Mtr. C. de Uruguaiana deve ser instalado nesta Capital no quartel da Escola das Armas, só devendo seguir para a sua sede definitiva mediante ordem.

(Aviso n. 291, de 2 — D.O. de 4-2-943).

REMESSA DE INFORMAÇÕES (instruções).

— O ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as instruções, que com esta baixam, para a remessa de informações sobre efetivos ao Gabinete do ministro da Guerra.

— Instruções para a remessa de informações sobre efetivos ao Gabinete do ministro.

1. — Estas instruções foram elaboradas, no sentido de ser este Gabinete informado em tempo útil, de modo que, em qualquer momento, se possa saber: o efetivo global do Exército; o número de oficiais, sargentos e reservistas convocados, estes pelas diferentes categorias; número de claros

"SELECTA"

A MELHOR MARCA
DE ARTIGOS SANITÁRIOS



FUNDAÇÃO INDIGENA
GRANDE FABRICA DE ARTIGOS ESMALTADOS
150 RUA CAMERINO - RIO DE JANEIRO

SERRARIA *Veiga & Comp.*

Madeiras e Materiais para Construções

Rua Silvino Montenegro, 7

(Fim da Rua Sacadura Cabral)

Telefones:

43-1070 e 43-1072

Endereço Telegraf. "VEIGA"

RIO DE JANEIRO

PINHEIRO, BRAGA LTDA. IMPORTADORES

ACESSÓRIOS — Válvulas termostática, Automaticos, Tubos de Cobre, Rotary Seal (o conjunto sem sanfona para vedação do eixo do compressor) Manômetros, Conexões-Registros, Correl's, Peças Compressores — Ferramentas, Óleo Lubrificante, etc.

Av. Salvador de Sá, 86/88 — Tel. 22-4817 — Telegr. METILA
Depósitos: Av. Salvador de Sá, 6/10 — Tel. 41-9535 — Rua Tomaz Rabelo, 35-A — Tel. 22-4817

Fábrica de Móveis Assépticos de aço e ferro — Arnanido Staib — Rua Jorge Rudge, 120-120-A — Tel. 48-3600 — Villa Izabel.

CAFÉ CAIADO — Monteiro & Caiado — Rua Luiz Barbosa, 138 — Tel.: 38-7123.

ARMAZEM DE JOAQUIM DE SOUZA GUEDES — O mais barateiro de Vila Izabel — Rua Torres Homem 1222 — Tel.: 38-4624.

BAZAR GURUPY — O. da Silva & Aguiar — Rua Gurupy, 186-A — Tel.: 38-0585.

PARAVATO & CIA. — Materiais de bombeiro e electricista — Rua Barão B. Retiro, 501 — Tel.: 38-5180.

CAFÉ E BAR BRASIL — Santos Castro & Andrade — Rua do Souto, 234 — Tel.: 29-8803.

CAFÉ E BAR ATIVIDADE — João de Menezes R. Simões — Rua Prof. Valadares, 78 — Tel.: 38-1292.

ARMAZEM SÃO MARTINHO — Rua Agariba, 38 — Tel.: 38-3454 — Entrega-se a domicilio.

e excedentes existentes nos efetivos previstos das diferentes Regiões, Armas e Serviços.

2. Quinzenalmente, logo após os dias 15 e 30 de cada mês, as Regiões Militares e o D.D.C. enviarão um mapa, na conformidade do modelo A, pelo meio mais rápido possível.

3. A Secretaria Geral do Ministério da Guerra, nas mesmas condições de datas acima estipuladas, remeterá um mapa global dos Contingentes, discriminando-os por Regiões Militares.

4. As Unidades com efetivo de guerra e as que, daqui por diante, passarem a ter esse efetivo, remeterão diretamente ao Gabinete, quinzenalmente, seu mapa completo de efetivo.

5. A Diretoria de Recrutamento enviará, semanalmente, um quadro demonstrativo dos oficiais da reserva convocados, no qual se possa ver a quantidade existente em cada arma ou serviço, nos diferentes postos.

6. A diretoria de Armas remeterá, mensalmente, um quadro geral com a discriminação exata dos oficiais da ativa e da reserva, distribuídos pelas diferentes Regiões Militares, especificando o número, por armas e postos, dos que estão servindo em corpos de tropa. Na mesma ocasião mandará os Quadros de Efetivos (praças) e os Quadros de Efetivos por armas.

7. As Diretorias de Saude e de Interdição remeterão, nos primeiros dias de cada mês, um mapa contendo o número dos oficiais da ativa e da reserva convocados, separados por postos e distribuídos pelas Regiões Militares.

8. A Diretoria do Serviço de Fundos do Exército encaminhará ao Gabinete, mensalmente, nos primeiros dias da segunda quinzena, um quadro demonstrativo do efetivo real do Exército, organizado em face dos mapas de efetivo das Unidades Administrativas referentes ao mês findo.

9. Semanalmente, aos sábados, os comandantes de Região Militar enviarão um telegrama vasado nos seguintes termos: "Informe Vossa Excelência pt pt reservistas convocados e apresentados..... vg julgados aptos vg incapazes..... e incorporados..... pt Esses dados se referem a convocação desde... .. de..... 194 (data da 1.ª convocação realizada na Região) até a presente data pt".

(Portaria n. 4.279, de 16 — D.O. de 18-2-943).

RESERVISTAS CONVOCADOS (alunos de escolas superiores).

— Os reservistas convocados por força do disposto no Aviso n. 3.424, de 26 de dezembro de 1942, que forem alunos de escolas de ensino superior, não gozam do prazo de sessenta dias para se apresentarem, ao qual alude o Aviso n. 2.751, de 21 de outubro do referido ano.

(Aviso n. 252, de 28 — D.O. de 30-1-943).

RESERVISTAS CONVOCADOS (contingentes).

— Para exato cumprimento da Portaria n. 3.404, de 29 de janeiro expirante, seja aumentado de 18 o número de reservistas convocados dos contingentes abaixo discriminados. O total de 120 reservistas convocados será assim distribuído:

Diretoria de Saude do Exército	18
Hospital Central do Exército	24
Laboratório Químico Farmacêutico Militar..	22
Policlínica Militar	10
Instituto Militar de Biologia	16
Departamento Central de Material Sanitário do Exército	16
Farmácia Central do Exército	8
Escola de Saude do Exército	6
Total	120

(Aviso n. 415, de 13 — D.O. de 16-2-943).

RESERVISTAS CONVOCADOS PORTADORES DE DIPLOMAS OU ALUNOS DO ÚLTIMO ANO DE CURSO OFICIAL (aproveitamento).

— O *Diário Oficial*, n. 25, de 30-1-943, publica as instruções reguladoras do aproveitamento de reservistas convocados que forem portadores de diplomas ou alunos do último ano de cursos de estabelecimentos de ensino, oficiais ou reconhecidos.

SECRETARIA GERAL DO M. DA GUERRA (contingente).

— Fica aumentado o efetivo do contingente de praças da Secretaria Geral do Ministério da Guerra de oito cabos, cinco soldados e dois soldados datilógrafos.

(Aviso n. 336, de 5 — D.O. de 8-2-943).

SERVIÇO DE SAUDE DO EXÉRCITO (ingresso de médicos civis).

— O *Diário Oficial*, n. 16, de 22-1-943, publica o decreto-lei n. 5.164, de 31-12-942, que regula o ingresso no Quadro de Médicos do Serviço de Saude do Exército dos médicos civis que terminaram ou vierem a terminar os Cursos Especiais de Adaptação ou de Emergência de Medicina Militar, e dá outras providências.

SUPREMO TRIBUNAL MILITAR (secretário).

Fica criada, no Quadro Permanente do Ministério da Guerra, a função gratificada de Secretário do Presidente do Supremo Tribunal Militar, que será exercida por funcionário escolhido e designado pelo respectivo Presidente, dentre os lotados no aludido Tribunal ou mediante prévia autorização do Ministro de Estado, se noutro serviço ou repartição estiver lotado. A gratificação de que trata o artigo anterior fica fixada em Cr\$ 4.800,00 (quatro mil e oitocentos cruzeiros) anuais.

A despesa decorrente com a execução do presente decreto-lei, deverá correr à conta do saldo da conta corrente do referido Quadro.

O presente decreto-lei entrará em vigor a partir de 1 de fevereiro de 1943, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 5.222 de 8 — D.O. de 10-2-943).

TEMPO DE SERVIÇO PRESTADO POR MILITARES QUANDO CONVOCADOS (vantagens).

O tempo de efetivo serviço prestado por militares, quando convocados para o serviço ativo, assegura-lhes direito à percepção de todas as vantagens legais, se porventura já não as tenham obtido em seu limite máximo, consoante as disposições de lei.

Parágrafo único. Quando o tempo de serviço relativo à convocação, somado ao tempo calculado na ocasião do licenciamento anterior, atingir o mínimo indispensável à inclusão na reserva remunerada, será o militar então transferido para essa, se por acaso a ela não pertencer, e com as vantagens correspondentes.

Fica suspenso o licenciamento de praça, durante o estado de guerra, que atinjam o limite de idade para a permanência no serviço ativo, uma vez satisfeitas as condições de vigor físico e de comportamento, segundo as disposições vigentes.

Parágrafo único. As que tenham o tempo mínimo de serviço para a passagem à inatividade remunerada serão então incluídas na reserva correspondente, tão logo se reinicie o licenciamento dessas praças.

Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 5.208 de 20-1-943 — D.O. de 22-1-943).

TRANSMISSÕES RADIOTELEGRÁFICAS E RADIOTELEFÔNICAS (recomendação).

Para regularidade do serviço e melhor rendimento das transmissões radio-telegráficas e radiotelefônicas, em face da situação especial que atravessa o país, recomendo sejam observadas as seguintes disposições que dizem

respeito à expedição de mensagens e a utilização da Rede Rádio Principal e Redes Rádio Regionais:

- a) todos os despachos em cifra a transmitir deverão ser datilografados;
 - b) nenhum despacho a transmitir via rádio poderá ser recebido via telefônica pela estação expedidora, ainda que sejam de caráter oficial;
 - c) não poderá ser expedido, via rádio, nenhum telegrama em linguagem clara, versando sobre movimentos de navios;
 - d) deverá ser rigorosamente observada a linguagem telegráfica de que trata o art. 48 do capítulo 7.º do R. I. S. G.;
 - e) os textos e assinaturas dos radiogramas a transmitir deverão ser escritos com clareza, para que não se verifique truncamentos e consequente atraso na expedição;
 - f) não deverão ser expedidas, via rádio, mensagens sobre efetivos de unidades e le animais e, bem assim, sobre estoque de material;
 - g) é expressamente proibida a expedição de mensagens que versem sobre embarque de tropa e material por via marítima;
 - h) os radiogramas circulares deverão constar de tantas vias quantos forem seus destinatários;
 - i) os radiogramas que versem sobre quantitativos deverão trazer a quantia por extenso, além da escrita em algarismos;
 - j) não devem ser expedidos, via rádio, mensagens de longo texto e que podem, sem-nenhum inconveniente, ser expedidos, por via postal, como sejam relações de praças, de generos e artigos para concorrência administrativa e assuntos de natureza análoga.
- (Aviso n. 259 de 29-1- D.O. de 1-2-943).

UNIDADES ADMINISTRATIVAS (agentes).

As Unidades Administrativas devem providenciar para que as assinaturas e rubricas dos agentes da Administração, em documentos que tenham de produzir efeito perante os órgãos de fiscalização, sejam perfeitamente legíveis, de modo a se reconhecer facilmente a identidade dos responsáveis. (Aviso n. 413 de 12- — D.O. de 15-2-943).

As unidades administrativas do Ministério da Guerra (corpos de tropa, repartições, estabelecimentos, etc.) que possuírem ou pretenderem possuir serventários diaristas ou mensalistas pagos por suas economias ou rendas, deverão submeter à aprovação ministerial, por intermédio da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, as respectivas tabelas numéricas, de acordo com os modelos anexos, nos termos do decreto-lei n. 3.490, de 12 de agosto de 1941, publicado no Diário Oficial de 15 daquele mês.

As tabelas de diaristas vigorarão durante o exercício financeiro e as de mensalistas, uma vez aprovadas por decreto, não carecem de renovação anual, a não ser que a unidade interessada pretenda alterá-la, para o que promoverá o necessário expediente.

A Diretoria do Serviço de Fundos do Exército e os Serviços de fundos Regionais fiscalizarão rigorosamente os balancetes de prestação de contas das economias e rendas administrativas dos corpos, repartições e estabelecimentos, impugnando qualquer despesa com pessoal cuja tabela não tenha sido aprovada pelo ministro (diaristas) ou por decreto (mensalistas), responsabilizando os agentes diretores pelas despesas realizadas sem aprovação legal.

Os comandantes de corpo, diretores e chefes de estabelecimentos e repartições ficam obrigados a mandar inscrever os empregados pagos por economias administrativas ou rendas do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários ou no Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, conforme o caso, sendo que ao primeiro dos citados Ins-

titutos é devida a quota do empregador, correndo a despesa por conta das economias da unidade administrativa interessada.

(Aviso n. 314 de 4 — D.O. de 6-2-943).

UNIDADES DE ENGENHARIA (comando).

I — Atendendo a que os comandantes das unidades de Engenharia, em trabalho de construções rodo e ferro vias, são ao mesmo tempo engenheiros-chefes e ficam diretamente subordinados à Diretoria de Engenharia, quer quando à parte técnica, quer quanto à parte financeira — consulta o general diretor daquela Repartição se é de sua alçada, ou da do diretor das Armas, a indicação daqueles comandantes.

II — Em solução esclareço que, consoante reza seu Regulamento, à Diretoria das Armas compete a indicação dos comandantes de todas as unidades da arma de Engenharia, sejam quais forem as suas especializações.

III — Para que se harmonizem, perfeitamente, as condições impostas pelas leis de movimentação dos Quadros e de Promoções, cuja aplicação é da competência da Diretoria das Armas, com o melhor rendimento técnico que constitue encargo da Diretoria de Engenharia, as propostas para comandantes dos referidos corpos de tropa devem ser encaminhadas através desta última, para que seu diretor manifeste sua opinião a respeito dos oficiais indicados.

(Aviso n. 376 de 9 — D.O. de 11-2-943).

VANTAGEM (convocados).

Fazem jus, com as limitações do artigo 2.º deste decreto, à vantagem prevista no artigo 73 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, os militares da ativa e os convocados para o serviço ativo pertencentes às Guarnições de Guarapuava, Pirapora e Joazeiro.

O militar que ocupe próprio nacional, como residência, perdê, em benefício do Estado, a metade da vantagem concedida pelo artigo anterior.

A idêntica redução fica sujeito o militar que, em virtude do Plano de Distribuição de Casas, tenha direito a próprio nacional para residência e, por conveniência pessoal, não o ocupe.

(Decreto-Lei n. 11.649 de 16 — D.O. de 18-2-943).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de dezembro a 20 de janeiro as seguintes publicações:

Alerta — N.º 263 — dezembro de 1942 — Uruguai
Revista Columbofila Brasileira.

Revista del Sub-Oficial — N.º 286 — dezembro de 1942 — Argentina.

Visão Brasileira — N.º 55 — fevereiro de 1943.

O Naval — N.º I de janeiro de 1943.

Memorial Del Estado Maior — N.º 7 e 8 — de julho e agosto de 1942 — Colômbia.

Índice alfabético, pelos assuntos,
das materias publicadas em "A
DEFESA NACIONAL" no ano
de 1942

Índice alfabético, pelos assuntos

das matérias publicadas em "A

DEFESA NACIONAL", no ano

de 1943

AERONAUTICA

	Págs.
A solução do problema do tiro anti-aéreo — Cap. José Campos de Aragão — N.º 334 (março)	409
Ataque partido das nuvens na batalha de Creta — Ten.-Cel. Armando Pereira Vasconcelos — N.º 332 (janeiro)	17
Aviões ligeiros como elementos orgânicos das unidades de Infantaria — Tradução do Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho — N.º 334 (março)	467
Defesa contra aeronaves — Cap. José Campos de Aragão — N.º 332 (janeiro)	115
Defesa Passiva — Cap. José Campos de Aragão — N.º 340 (setembro)	389
Fotografias aéreas — Cap. Lindolfo Ferraz Filho — N.º 335 (abril)	607
Métodos de D.C.A. — Major Floriano Machado — N.º 337 (junho)	909
Notas de Tática-Aérea — Ten.-Cel. Nilo Guerreiro — N.º 333 (fevereiro)	183

ARMAMENTO E TIRO

À margem do curso de técnica do tiro da Escola de Artilharia de Costa — Cap. Geraldo Alves Dias — N.º 341 (outubro)	341
A solução do problema do tiro anti-aéreo Cap. José Campos de Aragão — N.º 334 (março)	409
Biblioteca do "troupiér" — Cap. Umberto Peregrino — N.º 335 (abril)	647
Cálculo das correções necessárias ao tiro a grande distância com a metralhadora Madsen — Cap. Alvaro Lucio de Arêas — N.º 342 (novembro)	671
Conduta do tiro com a observação avançada — Notas do Curso de Artilharia da E. de Armas — N.º 333 (fevereiro)	267
Instrução de tiro para oficiais — Cap. Amir Borges Fortes — N.º 334 (março)	421

ARTILHARIA

A artilharia de apoio numa divisão blindada — Cap. Antonio H. A. de Moraes — N.º (setembro)	413
A defesa de Costa — Cap. Jaime Alves Lemos — N.º 334 (março)	443
A ligação Artilharia-Carros — Cap. Antonio H. A. Moraes — N.º 332 (janeiro)	67
À margem do curso de técnica do tiro da Escola de Artilharia de Costa — Cap. Geraldo Alves Dias — N.º 341 (outubro)	602
Carta aberta aos Artilheiros — Cap. Ovidio Neiva — N.º 337 (junho)	925
Conduta do tiro com a observação avançada — Notas do Curso de Artilharia da E. de Armas — N.º 333 (fevereiro)	267

	Págs.
Instruções provisórias para o emprego do aparelho para exercício em sala, do tiro e observação da Artilharia — Cap. P. Pinto Leite — N.º 335 (abril)	589
Missões da Artilharia — O acompanhamento imediato — 2.º Ten. Ferdinando de Carvalho — N.º 336 (maio)	755
Notas de Tática Aérea — Ten.-Cel. Nilo Guerreiro — N.º 332 (janeiro)	47
O observador avançado — Cap. Lindolfo Ferraz Filho — N.º 338 e 342 (julho e novembro) ps. 21 e	693
Tabelas de tiro — Ten.-Cel. R. Seidl — N.º 332 (janeiro)	129
Tiro de acordo na Artilharia de Costa — Cap. Hermes Guimarães — N.º 338 (julho)	77

CAVALARIA

A margem do moto-mecanização — Cap. Umberto Peregrino — Nos. 333 e 334 (fevereiro e março) ps. 293 e	479
As missões da Cavalaria na guerra moderna — Ten. Fernando Belfort Bethlem — N.º 338 (julho)	89
Cavalo ou Motor — Major Xavier Leal — N.º 340 (setembro)	359
Correções dos quadros de Tática de Cavalaria — Maj. Heitor Paiva — N.º 339 (agosto)	176
“Esta é a verdade sobre a Cavalaria” — Ten.-Cel. Artur Carnauba — N.º 339 (agosto)	257
Iniciação — Adestramento — Cap. Hugo Garrastazú — N.º 335 (maio)	809
O adestramento do cavalo d'armas — Hugo M. Bethlem — Nos. 342 e 343 (novembro e dezembro) ps. 705 e	835
O emprego da Cavalaria — Ten. Fernando Belfort Bethlem — N.º 340 (setembro)	361
Os reparos de F. M. no Esquadrão de Fuzileiros — Cap. Jaime Prestes Pacheco — N.º 342 (novembro)	673
O uso da bombacha na instrução e na campanha pela Cavalaria — 1.º Ten. Julio Cesar de Laint Edmond — N.º 341 (outubro)	601
Tática de Cavalaria — Maj. Heitor Paiva — N.º 333 (fevereiro) p. 335; N.º 334 (março) p. 120; N.º 335 (bril) p. 641; N.º 336 (maio)	833

DIVERSOS

Acampamento em barracas de madeira construído para alojar 20.000 homens — Tradução — N.º 335 (maio)	787
A economia na guerra total — Ten.-Cel. Armando V. Vasconcelos — N.º 337 (junho)	875
A margem dos combustíveis — Cap. Umberto Peregrino — N.º 338 (julho), p. 103; N.º 339 (agosto)	193
A missão social do Exército — Pedro Vergara — N.º 335 (abril)	651
As armas — Berilo Neves — N.º 334 (março)	493
Boletim de Informações da Biblioteca Militar — Cel. F. de Paula Cidade — N.º 335 (maio)	721
Capacidade de sacrifício — Cap. Méd. Duarte Ribeiro — N.º 334 (março)	491

	Págs.
Com a mandioca podemos fabricar o mais barato de todos os explosivos poderosos — Cap. Alfredo Fauroux Mercier — N.º 338 (julho)	73
Considerações sobre o nível mental — 1.º Ten. Dr. Samuel dos Santos Freitas — N.º 337 (junho)	953
Crônicas militares — Cel. Silveira de Melo — N.º 337 (junho)	337
Da criação de uma ficha sanitária individual — Cap. Dr. Gualter Doile Ferreira — N.º 335 (abril)	658
E como os homens, os povos — Cel. Renato Batista Nunes — N.º 335 (maio)	609
Dever militar — Maj. A. de Lira Tavares — N.º 340 (setembro)	363
Estudos sobre a bussola Bezard — Maj. Eduardo Peres Campelo — N.º 335 (abril)	557
General René Corbé — Cel. Ademar Brito — N.º 341 (outubro)	451
Getulio Vargas e a conquista do sertão — Ten.-Cel. Lima Figueiredo — N.º 335 (abril)	525
Julgamento de sorteados que não se apresentam dentro dos prazos determinados — 1.º Ten. Julio Cesar de Saint Edmond — N.º 342 (novembro)	754
Ligeiras considerações sobre a supresa técnica — Cap. A. C. Muniz de Aragão — N.º 342 (novembro)	685
Livro útil — Cel. T. A. Araripe — N.º 337 (junho)	865
Minerais Estratégicos — 1.º Ten. I. E. Mario Martins de Freitas — N.º 341 (outubro)	543
Mobilização nacional — Cel. Onofre Muniz Gomes de Lima — N.º 339 (agosto)	173
Mobilização selecionada — Cel. T. A. Araripe — N.º 343 (dezembro)	775
Notas do meu caderno — O "trepador" — Cap. Valmir de Araripe Ramos — N.º 339 (agosto), p. 268; N.º 341 (outubro), p. 573; N.º 337 (junho)	892
O Exército Nacional — Claudio de Souza — N.º 335 (abril)	655
O gás de iluminação, carburante econômico — Cap. Gilberto Pessanha — N.º 339 (agosto)	263
O novo Exército — Maj. Birilo Neves — N.º 337 (junho)	864
Os botes de assalto do Exército dos EE.UU. — Cap. Newton Faria Ferreira — N.º 338 (julho)	53
) sistema legal de unidades de medidas — Maj. Alberto Ribeiro Paz — N.º 340 (setembro), p. 401; N.º 341 (outubro), p. 583; N.º 342 (novembro) p. 731; N.º 343 (dezembro)	859
Os premios da Biblioteca Militar — Cap. Umberto Peregrino — N.º 335 (abril)	643
Os santos militares — Cel. Silveira de Melo — N.º 340 (setembro)	333
Proclamação ao Exército — Gen. Eurico Gaspar Dutra — N.º 340 (setembro)	305
Um bravo — N.º 342 (novembro)	667
Um problema de fronteira — Maj. Xavier Leal — N.º 341 (outubro)	598
Unidades e guarnições de fronteira — Maj. Xavier Leal — N.º 334 (março)	465
Vargas, o ditador pacifico — Arnaldo Gonçalves Pires — N.º 343 (dezembro)	882

Vocabulário da gíria Norte-Americana — 1.º Ten. Otavio Alves Velho — N.º 341 (outubro)	479
--	-----

ENGENHARIA

A Engenharia e a Defesa anti-tanques — Trad. Cap. Newton F. Ferreira — N.º 341 (outubro)	537
Engenheiros na batalha — Trad. Cap. A. Andrade Araujo — N.º 335 (abril)	571
Equipagem de pontes — Cap. Antonio Andrade Araujo — N.º 334 (março)	399
Instruções para assentamento de linhas fixas, telegraficas-telefônicas — Cap. Alfredo Canatieré — N.º 341 (outubro)	479
Motorização de uma Secção de equipagem — 1.º Ten. Joaquim José Bentes Rodrigues Colares — N.º 333 (fevereiro)	241

GUERRA ATUAL

A arma da China: A sabedoria — Trad. Vitor José Lima — N.º 343 (dezembro)	799
A batalha do Ebro — Trad. Cap. Amér Borges Fortes — N.º 337 (junho)	965
A doutrina francesa e a guerra de 1940 — Cel. T. A. Araripe — N.º 340 (setembro)	307
A guerra em duas frentes — Maj. Xavier Leal — N.º 342 (novembro)	751
A guerra na Russia — Resumo de várias informações — N.º 334 (março)	447
As novidades da guerra atual — Ten.-Cel. A. Vasconcelos — N.º 334 (março)	453
As marés da guerra — Maj. Gen. Stephen — N.º 341 (outubro)	603
A tática alemã na Russia — Trad. Ten.-Cel. Paulo Mac Cord — N.º 340 (setembro), p. 323; N.º 341 (outubro), p. 513; N.º 342 (novembro)	639
Cavalaria em Creta — Trad. 1.º Ten. Fernando Belfort Bethlem — N.º 333 (agosto)	89
Comentário sobre a transposição à viva força do Estreito de Johore — Trad. Antonio M. Espanha — N.º 340 (setembro)	373
Geografia e potência naval com atenção à guerra atual — Trad. Gen. Klinger — N.º 334 (março)	355
Os fundamentos da Batalha do Atlântico — Barreto Leite Filho — N.º 335 (maio)	769
Novos armamentos do Eixo — Trad. Vitor José Lima — N.º 337 (junho)	935
O corpo da Africa alemão — N.º 341 (outubro)	597
O moderno armamento naval — Trad. Ten. Otavio Alves Velho — N.º 336 (maio)	713
O problema da mobilização e economia de guerra — N.º 341 (outubro)	604
O que aconteceu em Sedan — Trad. Cap. Tacito de Freitas — N.º (fevereiro)	215

	Págs.
Orientação sobre o futuro da guerra no Extremo Oriente — Cap. Umberto Peregrino — N.º 336 (maio), p. 823; N.º 337 (junho), p. 979; N.º 338 (julho), p. 99; N.º 340 (setembro), p. 421; N.º 341 (novembro)	591
O segundo turno na Rússia — Trad. Cel. João Batista Magalhães — N.º 341 (outubro)	521
Os adversários apressam-se para uma decisão antes do inverno — Trad. Cel. J. B. Magalhães — N.º 343 (dezembro) . .	827
Revisão da Doutrina de Guerra — Maj. Ivano Gomes — N.º 340 (setembro)	341
Tática de guerrilha na defesa soviética — Cel. X — N.º 342 (novembro)	748

HISTÓRIA

A atuação de Caxias como pacificador — Cel. Ascanio Viana — N.º 339 (agosto)	153
A defesa de Chateau-Thierry — Trad. Cel. Renato Batista Nunes — N.º 335 (abril)	543
Algumas forças armadas sul-americanas em 1907 — Ten. Dr. Guilherme Auler — N.º 341 (outubro)	567
Anibal — Trad. Cap. Frederico M. C. Monteiro — N.º 337 (junho)	945
Biografias do Barão do Rio Branco — Cap. Umberto Peregrino — N.º 342 (novembro), p. 739; N.º 343 (dezembro) . .	873
Brasília — Cap. Umberto Peregrino — N.º 333 (fevereiro)	300
Caxias — Ten. João Lannes Leal — N.º 339 (agosto)	163
Ciência e Arte da Guerra na História — Trad. Cap. Luis Alberto da Cunha — N.º 343 (dezembro)	883
Conflitos de sentimentos — Cap. Danilo da Cunha Nunes — N.º 339 (agosto)	157
Galeria dos Chefes de Cavalaria — Cel. F. de Paula Cidade — N.º 333 (fevereiro)	237
O centenário do Marechal Conde d'Eu — Ten. Dr. Guilherme Auler — N.º 335 (abril)	515
O altar de campanha do Marechal Duque de Caxias — Cel. Silveira Melo — N.º 335 (maio)	775

INFANTARIA

A D.I. Germânica — Tradução do Cel. J. B. Magalhães — N.º 343 (dezembro)	850
A formação de sargentos de Infantaria — Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira — N.º 332 (janeiro)	13
Aviões ligeiros como elementos orgânicos das unidades de Infantaria — Tradução do Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho — N.º 334 (março)	467
Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria — Tradução do Cap. Fernando Soter da Silveira — N.º 342 (novembro)	679
Métodos de D.C.A. — Maj. Floriano Machado — N.º 337 (junho)	909
Precisamos de uma Infantaria marchando muito mais — Cap. Alcyrr D'Avila Melo — N.º 341 (outubro)	559

INSTRUÇÃO

	Págs.
A documentação de instrução na tropa — Cap. José Horácio Garcia — N.º 341 (outubro)	473
Biblioteca do "troupier" — Cap. Umberto Peregrino — N.º 340 (setembro)	424
Conselhos a um instrutor — Trad. Cap. Alcyrr D'Avila Melo — N.º 333 (fevereiro)	287
Oficial regimental de educação moral — Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho — N.º 337 (junho)	939
Elementos de pedagogia militar — Cap. Gerardo L. Amaral — N.º 338 (julho)	59
Escola de Sargentos — T. A. Araripe — N.º 335 (abril)	549
Escolas de Sargentos — Cap. Feliciano de Azevedo Avelino — N.º 341 (outubro)	601
Instrução de tiro para oficiais — Cap. Amir Borges Fortes — N.º 334 (março)	421
Instrução moral e cívica — Cap. Umberto Peregrino — N.º 339 (agosto)	271
O segundo período de instrução ou período de Companhia — Cel. T. A. Araripe — N.º 338 (julho)	7
Programa Unico — Cap. A. C. Moniz Aragão — N.º 333 (fevereiro)	277

MOTO-MECANIZAÇÃO

A arma motorizada — Pequenos problemas — Ten. Otavio Alves Velho — N.º 342 (novembro)	753
A artilharia de apoio numa divisão blindada — Cap. Antonio H. A. de Moraes — N.º 340 (setembro)	413
A Engenharia e a Defesa anti-tanque — Tradução — Cap. Newton F. Ferreira — N.º 341 (outubro)	537
A ligação Artilharia-Carros — Cap. Antonio H. A. Moraes — N.º 332 (janeiro)	67
A luta dos carros e a organização da defesa contra engenhos coraçados, na ofensiva — Ten.-Cel. F. L. Brayner — N.º 343 (dezembro)	789
A Margem da Moto-Mecanização — Cap. Umberto Peregrino — Nos. 333 e 334 (fevereiro e março) ps. 293 e	479
A motorização e a mecanização — Tradução de Cibele Silvia Fonseca — N.º 336 (maio)	791
"Carros, arma econômica" — Cap. Vitor Hugo de Alencar Cabral — N.º 336 (maio)	737
Cavalo ou motor — Maj. Xavier Leal — N.º 340 (setembro)	359
Como marcham as Unidades Motorizadas dos E. U. A. — Cap. Lindolfo Ferraz Filho — N.º 336 (maio)	723
Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria — Tradução Cap. Fernando Soter da Silveira — N.º 342 (novembro)	679
Meios de defesa anti-carro — Cap. Argemiro de Assis Brasil — N.º 339 (agosto)	223
Motorização de uma Secção de Equipagem — 1.º Ten. Joaquim José Bentes Rodrigues Colares — N.º 333 (fevereiro)	241
O gás de iluminação, carburante econômico — Cap. Gilberto Pesanha — N.º 339 (agosto)	263

	Págs.
Pelotão de Tank versus de Tank — Tradução do Maj. Adalberto Pereira dos Santos — N.º 332 (janeiro)	57
Reaprovisionamento das G. U. moto-mecanizadas, no decurso das operações — Ten.-Cel. Alencar Lima — Nos. 342 e 343 (novembro e dezembro) ps. 647 e	809
Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate — Maj. Olímpio Mourão Filho — Nos. 338, 339, 340, 341, 342 e 343 (junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro), ps. 67, 239, 345, 461, 653 e	817
Unidades blindadas, armamento, organização e características — Tradução pelos Maj. Adalberto P. dos Santos e Cap. Antonio Andrade Araujo — N.º 334 (março)	379
Unidades blindadas no caminho da vitória — Cel. Henrique B. O. Teixeira Lott — N.º 332 — (janeiro)	7

TÁTICA

A doutrina francesa e a Guerra de 1940 — Cel. T. A. Araripe — N.º 340 (setembro)	307
A luta dos carros e a organização da defesa contra engenhos coraçados, na ofensiva — Ten.-Cel. F. L. Brayner — N.º 343 (dezembro)	789
A tática alemã na Rússia — Trad. Ten. Cel. Paulo Mac Cord — N.º 340 (setembro), p. 323; N.º 341 (outubro), p. 513; N.º 342 (novembro)	639
Combate em localidade — Maj. Augusto Maggessi — N.º 333 (fevereiro), p. 195; N.º 335 (abril), p. 627; N.º 338 (julho), p. 37; N.º 339 (agosto)	147
Correções dos quadros de Tática de Cavalaria — Maj. Heitor Paiva — N.º 339 (agosto)	176
Notas da Tática Aérea — Ten.-Cel. Nilo Guerreiro — N.º 333 (fevereiro)	183
Princípios que regem as operações dos alemães — Trad. Cel. Henrique B. T. Lott — N.º 333 (fevereiro)	167
Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate — Maj. Olímpio Mourão Filho — N.º 338, 339, 340, 341, 342, 343 (julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro), ps. 67, 239, 345, 461, 653, e	817
Revisão da doutrina de guerra — Maj. Ivano Gomes — N.º 340 (setembro)	341
Tática de Cavalaria — Maj. Heitor Paiva — Nos. 333 (fevereiro), p. 335; N.º 334 (março), p. 120; N.º 335 (abril), p. 641; N.º 336 (maio),	833
Tática de guerrilha na defesa soviética — Cel. X — N.º 342 (novembro)	748



O DESCARBONIZANTE IDEAL
PARA
MOTORES a COMBUSTÃO INTERNA



FABRICANTES E DISTRIBUIDORES:
SOCIEDADE COMERCIO E INDUSTRIAS "LEIF" LTDA.
ESCRITORIO: R. DA CANDELARIA, 55 - 2.º andar - TEL. 43-0223
FABRICA: RUA DA ALEGRIA, 70 - TEL. 28-6833
RIO DE JANEIRO

A DEFESA NACIONAL
é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar
PARA O EXÉRCITO
MANDEM SUAS
COLABORAÇÕES

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fora da guarnição do Rio de Janeiro.

a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio de Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Director: Cel. Orozimbo Martins Pereira
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser entregadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

PREÇOS

Oficiais e sub-tenentes	{	ano	Cr\$ 30,00
		semestre	Cr\$ 15,00
Argentos	{	ano	Cr\$ 25,00
		semestre	Cr\$ 14,00

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais Cr\$ 2,40 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de Cr\$ 50,00 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Cel. Felício Lima

Ten. Cel. Alcindo N. Pereira.

Major Ivano Gomes.

Cap. Umberto Peregrino.

Cap. Valmir de Araripe Ramos.

Cap. Fernando Soter da Silveira.

Cap. Newton Faria Ferreira.

Cap. Frazão Teixeira.

Paulo E. Menna Barreto.

1.º Ten. C. Meira Mattos.

1.º Ten. Nilton Freixinho.



Cr\$ 4,00